UMA FESTA IDEAL?

Configurações do São João de Arcoverde a partir das relações entre poder público, moradores e visitantes.

PRISCILLA CARLA LEITE MARQUES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

PRISCILLA CARLA LEITE MARQUES

UMA FESTA IDEAL? CONFIGURAÇÕES DO SÃO JOÃO DE ARCOVERDE A PARTIR DAS RELAÇOES ENTRE PODER PÚBLICO, MORADORES E VISITANTES

RECIFE,
2009

PRISCILLA CARLA LEITE MARQUES

UMA FESTA IDEAL? CONFIGURAÇÕES DO SÃO JOÃO DE ARCOVERDE A PARTIR DAS RELAÇOES ENTRE PODER PÚBLICO, MORADORES E VISITANTES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientadora: LADY SELMA FERREIRA ALBERNAZ

RECIFE,
2009

Marques, Priscilla Carla Leite
Uma festa ideal? Configurações do São João de Arcoverde a partir das relações entre poder público, moradores e visitantes / Priscilla Carla Leite Marques. - Recife : O Autor, 2009.
102 folhas: il., mapas, fotos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2009.

Inclui: bibliografia e apêndices.

1. Antropologia. 2. Festas juninas. 3. Turismo. 4. Tradição. 5. Consumo. I. Título.

39	**CDU (2. ed.)**	**UFPE**
390	**CDD (22. ed.)**	**BCFCH2010/76**

PRISCILLA CARLA LEITE MARQUES

"Uma Festa Ideal? Configurações do São João de Arcoverde a partir das Relações entre Poder Público, Moradores e Visitantes"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 18/06/ 2009.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lady Selma Ferreira Albernaz (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPE

Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira (Examinadora Titular Interna)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPE

Prof. Drº Paulo Marcondes Ferreira Soares (Examinador Titular Externo)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFPE

Dedico este trabalho aos meus pais, que possibilitaram que eu chegasse até aqui

AGRADECIMENTOS

Descobri o São João de Arcoverde há seis anos e desde o início minha participação na festa se fez com um olhar de curiosidade. A festa me mostrava um monte de questões que me instigavam a pesquisar e assim resolver essas dúvidas. Agradeço aos que me levaram até lá no primeiro ano: Bruna, Dani e Diany. Do mesmo modo, agradeço a todos que comigo compartilharam da vivência da festa nesses seis anos, principalmente, às calibradas.

Agradeço ainda aqueles que muito me ajudaram na pesquisa de campo nesses dois anos: às irmãs Jeane e Janete, a Sandra e toda família (foram importantíssimos!), a Kleber, ao meu ex-aluno e secretário de turismo de Arcoverde, Albérico, sempre muito a vontade e solícito a responder todas as minhas dúvidas e a compartilhar sua experiência.

Importante ressaltar que sem o apoio das faculdades que eu ensino, Metropolitana e Faintvisa, não conseguiria passar um mês em Arcoverde, pesquisando e construindo meus dados. Muito obrigada por compreenderem minha ausência e continuarem pagando meu salário sem desconto – fundamental para um pesquisador que optou por não receber bolsa para continuar atuando e que precisava se manter em campo. As minhas coordenadoras Adriana e Ana Regina e aos meus alunos que comigo compartilharam de tanta ansiedade, para que tudo saíssem conforme o planejado, muito obrigada.

Agradecer ainda a Regina, Adê e aos meus colegas de sala, principalmente a Priscilla e Nonato, pelos momentos de alegria e de estímulo em prosseguir acreditando no fim do trabalho. A Tati que, mesmo com mil novidades, montou o mapinha para mim. A Nara que, dissertando como eu, ainda conseguiu tempo para fazer a capa e a apresentação em powerpoint. A Ju, minha ex-orientanda e atual amiga, corrigindo a diagramação do trabalho. A Jorge Alves, pela sensata correção ortográfica e gramatical da última versão do trabalho. A Hugo, que sempre de forma terna, me ajudou a pensar melhor meu objeto, me indicando bibliografia e debatendo em cima de sua experiência. A Lady, que mesmo correndo com milhões de atividades, sempre de forma brilhante me ajudou a construir esse trabalho, abrindo meus olhos para a cegueira de uma antropóloga de primeira viagem, na verdade, uma turismóloga de primeira viagem! A Cida que, desde as primeiras disciplinas que paguei ainda como aluna especial, me fez ver a antropologia como excelente fio condutor no pensamento científico em torno do turismo.

A equipe do Trilha Jovem de Recife e também de Salvador, que compreenderam a escolha que eu tive que fazer, em deixá-los no meio do caminho para terminar a dissertação, meu muito obrigada. A Sandrinha, pelo apoio incondicional, e a Andreza por topar ficar no meu lugar, conduzindo esse trabalho tão difícil.

E por fim, aos meus companheiros de jornada acadêmica, Lad, Dani, Rodrigo, Ju de história, entre tantos outros, que me apoiaram em tudo, com palavras de incentivo, meu muitíssimo obrigada!

A alegria é sempre a prova dos nove e vale qualquer sacrifício. Festar.
Marlyse Meyer

RESUMO

A presente pesquisa teve a intenção de compreender a configuração atual dos festejos juninos de Arcoverde, cidade localizada no sertão pernambucano, analisando a participação de seus agentes: poder público, comunidade local e visitantes, em um contexto de aparente crescimento do turismo. As festas podem ser estudadas a partir de diversas abordagens teóricas, aqui se utilizou o debate sobre a relação entre festa e cotidiano, bem como a interface das festas com as operações turísticas que reconfiguram os festejos, levando em conta as demandas de consumidores. Foi realizado trabalho de campo (Junho de 2007 e 2008) em Arcoverde, baseado na observação participante e acompanhado de entrevistas semi-estruturadas com moradores, visitantes e representante do poder público municipal. A etnografia sugere que a festa tem como principal agente para sua realização o poder municipal, mas seus representantes levam em conta as demandas dos moradores da cidade e, simultaneamente, as dos visitantes. Sua configuração resulta num arranjo que segue a estrutura de grandes festas populares públicas (divisão em pólos, temas, decoração, etc.), mas, ao mesmo tempo, tenta contemplar elementos que são definidos por visitantes e moradores como tradicionais, como, por exemplo, o ritmo do coco. Para operacionalizar essas duas orientações distintas, que poderia ser conflitante, a distribuição das atrações em pólos permite harmonizar os grupos (moradores e visitantes), separando-os e ligando-os na medida em que transitam entre estes pólos destinados a atrações especificas. Os sentidos da festa emergem da comparação com as festas de Caruaru e Campina Grande, paradigmáticas para o São João de sucesso no Nordeste, sendo os contrapontos mais importantes: os elementos da cultura local, presentes em Arcoverde e ausentes nas outras cidades, e a quantidade de visitantes, que não é exagerada. De certa forma, o fenômeno do turismo põe em tela a importância da tradição para configurar a festa de Arcoverde, mas, por sua vez, a estruturação da mesma em pólos segue as demandas de consumo.

Palavras-chave: Festa junina. Turismo. Tradição. Consumo.

ABSTRACT

This research intended to understand the current configuration of June´s Festivities in Arcoverde, a city located in the countryside of Pernambuco, analyzing the participation of its agents: public authorities, local community and visitors in a context of apparent growth of tourism. The celebration may be studied from several theoretical approaches, here it is used the debate on the relationship between party and daily routine, and the interface of the festivals with the tourism operations that reconfigure the festivities taking into account the demand of consumers. The fieldwork was executed (June 2007 and 2008) in Arcoverde based on participant observation, accompanied by semi-structured interviews with residents, visitors and representatives of municipal authorities. The ethnography suggests that the festival has as its principal agent to conduct the municipal power, but its representatives take into account the demands of the residents of both the city and visitors. Such configuration results in an arrangement that follows the structure of large popular public festivals (division into sectors, themes, decorations, etc.), but at the same time try to include elements that are defined by visitors and residents as traditional, such as the coco. To operate these two separate guidelines, which could be conflicting, the distribution of attractions in clusters allows to harmonize the groups (residents and visitors), separating them and joining them in between these poles to specific attractions. The meanings emerging from the party compared to the festivities in Caruaru and Campina Grande, paradigmatic of St. John's festivities success in the Northeast, and counterpoints the most important elements of local culture, in Arcoverde and absent in other cities, and the amount of visitors, which is not exaggerated. In a way, the phenomenon of tourism puts on display the importance of tradition to set the festival of Arcoverde, but in turn, the structuring of the poles in following the demands of consumption.

Key-words: June´s party. Tourism. Tradition. Consumption.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **10**
APORTES METODOLÓGICOS 15
1 DESCREVENDO A FESTA DE SÃO JOÃO DE ARCOVERDE **20**
1.1 ARCOVERDE 21
1.2 O SÃO JOÃO DE ARCOVERDE 23
1.2.1 A festa e seus pólos 32
1.2 A GESTÃO DA FESTA 44
2 A FESTA NA VISÃO DOS MORADORES LOCAIS **49**
2.1 A PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO LOCAL NO SÃO JOÃO DE ARCOVERDE 49
2.2 A TRADIÇÃO DA FESTA NA VISÃO DOS MORADORES 56
2.3 A FESTA E O TURISMO: RELAÇÕES ENTRE MORADORES E VISITANTES 62
3 A FESTA NA VISÃO DOS VISITANTES **68**
3.1 O VISITANTE E O SÃO JOÃO DE ARCOVERDE: MOTIVAÇÕES E IDEALIZAÇÕES 69
3.2 O DIFERENCIAL DA FESTA 75
3.3 CONSUMO E AVALIAÇÃO DA FESTA 79
CONCLUSÃO **83**
REFERÊNCIAS **89**
APÊNDICE A **96**
APÊNDICE B **98**
APÊNDICE C **101**

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem a intenção de compreender a configuração atual dos Festejos Juninos de Arcoverde, cidade localizada no sertão pernambucano, analisando a participação dos agentes na festa: comunidade local, visitantes e poder público, contexto de aparente crescimento do turismo.

Estudar as festas populares pode ser fundamental para entender uma localidade, seu modo de vida e seus habitantes na atualidade. A festa configura-se como um elemento a ser investigado pelas ciências sociais por ser compreendida a partir de diversos aspectos: patrimônio cultural imaterial de um povo; momento de vivência excepcional, de descontinuidade da rotina, alternativa de lazer, de diversão, de exercício da fé, de interação social, além de servir para afirmar identidade dos grupos sociais nas quais estão inscritas, sem esquecer que as festas populares são grandes produtos turísticos e da mídia, sendo, cada vez mais, pauta das políticas públicas de cultura, lazer e turismo.

Praticamente desde os clássicos, as festas populares despertaram o interesse das ciências humanas como objeto de investigação. Bakhtin (1987, p. 7), ao estudar a cultura popular na idade média, coloca as festas populares como "forma primordial, marcante, da civilização humana. (...) As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção de mundo". No Brasil, os relatos dos viajantes, missionários e, por fim, dos folcloristas mostram como as festas são espaços de visualização da sociabilidade do brasileiro, do seu cotidiano e da forma de se relacionar na coletividade.

A importância do estudo sobre festas está refletida no crescente número de publicações. Julie Cavignac (1999) relaciona cerca de 250 publicações sobre o tema, sem apontar as publicações decorrentes de eventos científicos que ocorreram de 1999 para 2009, presente ano.

A história se apropria dessas descrições, buscando entender a festa como uma forma de retratar a sociedade e os embates dos seus grupos sociais em um determinado período de tempo. As ciências sociais, em especial a antropologia, por sua vez, ultrapassam o estudo das festas populares para além de registros e descrições. Teoriza-se a partir do estudo da festa. Rivière (1995, p.25) coloca as festas como um excelente momento para compreender o cotidiano de um grupo, "apreender sua visão do universo, captar as motivações dos seus actos e compreender o seu sistema de valores". Canclini (1983, p.54) destaca a importância do tema

por entender que “a festa sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas relações políticas e as propostas de mudança”. Por sua vez, para Martin-Barbero (1997, p.130), “as festas com sua repetição, ou melhor, com seu retorno, balizam a temporalidade social nas culturas populares”. As festas populares, desse modo, podem ser entendidas como rituais. DaMatta (1997), por sua vez, explica os rituais como responsáveis pela promoção da identidade social nas sociedades contemporâneas. Essas diferentes concepções de festa justificam a relevância de estudar as festas e seus contextos socioculturais, como expressão da ideologia vigente na sociedade brasileira.

Nesse sentido, as festas podem ser estudadas a partir de diversas perspectivas e abordagens teóricas. Uma delas, iniciando-se este enfoque mais recentemente, está em compreender as festas na interface com a atividade turística. Em estudos preliminares, tanto de campo como bibliográficos, foi possível observar o turismo como vetor de atuação intensa nas mudanças que vêm ocorrendo nas festas populares na atualidade, já que se adequar as exigências do mercado turístico requer uma série de novos posicionamentos, tanto no modo de organizar o festejo e a cidade para receber os visitantes, como na forma de se relacionar com esse público, trazendo alterações. Os visitantes, cada vez mais, tornam-se não apenas participantes efetivos da festa, mas também agentes que atuam na sua configuração. A crescente busca pelas festas populares faz com que haja uma preocupação maior por parte daqueles que organizam os festejos, geralmente o Estado, em satisfazer e conquistar esse público.

Por participar do São João de Arcoverde há cinco anos, observei que muitos aspectos relacionados à festa, como sua estrutura e programação, estavam sofrendo modificações de variadas formas. O número de visitantes vem crescendo significativamente, trazendo também alterações nos arranjos espaciais e de programação do festejo arcoverdense. Entender esses processos tornou-se a tônica desse estudo que busca na antropologia respostas e reflexões acerca dessa realidade. Além disso, percebi que a demanda turística crescia, primordialmente, porque a festa, cada vez mais, projetava os aspectos culturais do período junino e as manifestações populares locais ligadas a esse ciclo festivo, em que se enfatiza sua diferença das outras festas pernambucanas deste tipo.

Atualmente, as festas populares, principalmente as do nordeste brasileiro, são um dos principais atrativos turísticos da região. Dependendo de sua dimensão e de sua representatividade, pode atrair uma demanda turística nacional e internacional. Essas festas, algumas delas transformadas em grandes eventos turísticos, passam a ter novos elementos,

novas realidades, pautadas, algumas vezes, pelas exigências do capital e dos caprichos do mercado. A relação entre festas e eventos econômicos não é uma novidade. Já no séc. XVIII, na Inglaterra, Thompson (1998, p.53) cita que "com numerosas tendas, os taverneiros, os vendedores ambulantes e os artistas estimulavam as festas quando seus clientes tinham nos bolsos ganhos extraordinários da colheita", mostrando que os interesses mercantis sempre estiveram presentes nas festividades, mudando apenas seu enfoque com o passar do tempo e com a transformação dos grupos sociais. Entretanto, esta dimensão agora aparece com mais ênfase, não sendo diferente no Brasil. O carnaval e as festas juninas no país agregaram em sua trajetória esses elementos de ordem mercadológica e são reconhecidas a partir dessa constatação como itens da indústria cultural.

Moura (2003, p.38) afirma que "toda festa tem uma longa história que aponta uma enorme quantidade de interesses espirituais e materiais, constantemente alterados no decorrer de sua existência". Isso possibilita que haja um entendimento dos componentes estruturais da festa, que no decorrer do tempo vão dando lugar a outros componentes, ou seja, as mudanças acontecem inevitavelmente e, de certa forma, caracterizam as festas populares. Canclini (1999) reafirma isso ao colocar que as mudanças socioculturais acontecem em todos os campos, principalmente quando essas mudanças ocorrem a partir de bens e mensagens gerados pela globalização da economia e da cultura sobrepostos aos produzidos pela localidade, desencadeando, assim, uma reelaboração.

As festas, agora eventos turísticos, geralmente são componentes do calendário cristão, com seus três grandes ciclos: o natalino, o pascal e o junino. Para Meyer (1993) haveria ainda um outro ciclo, o das Festas do Divino Espírito Santo, mais comuns no sudeste e centro-oeste brasileiro. As festas religiosas no Brasil, como nas demais localidades, se imbricam com as profanas, o que dá ao festejo múltiplas dimensões, caracterizando-o não somente como um momento de exercício da fé, mas também em momento de lazer, de diversão, de trégua com o cotidiano e, paralelamente, de reafirmação de poder e de hierarquias. "Ao pensar a festa como tempo e espaço de política pública, produção e consumo de mercadorias, modismos, costumes e estilos de vida, destaca-se a ação mobilizadora da atividade turística" (ROSA, 2002, p.7)

O turismo, da forma que se configura nos tempos atuais, em países ditos emergentes como o Brasil, carrega inúmeros problemas na sua implementação enquanto política pública. O discurso que coloca a atividade turística como uma excelente estratégia de desenvolvimento econômico é desmantelado quando se constata que esse desenvolvimento é unilateral, ou seja, só as grandes corporações ganham os reais dividendos da atividade, restando à população

local o trabalho operacional, com baixos salários. O mau planejamento e a falta de visão sobre a complexa rede de relações que o turismo gera terminam por acentuar os impactos negativos do turismo, principalmente nos arranjos socioculturais de uma localidade.

Os impactos socioculturais do turismo, sejam positivos ou negativos, acontecem, primordialmente, do encontro entre turistas e residentes, sendo a maior preocupação dos estudiosos da área a mudança social e cultural que esse encontro pode provocar.

A bibliografia que relata os impactos socioculturais do turismo, na maioria das vezes, superestima os aspectos negativos, já que os impactos positivos estudados, comumente, ficam apenas no papel e nos manuais sobre o tema. Os impactos positivos mais recorrentes no Brasil se ligam a programas de preservação do patrimônio histórico edificado e também à revalorização do artesanato, folclore, festas, culinária, ou seja, dos aspectos imateriais da cultura local, no geral relativos a símbolos de afirmação de identidade que pode se desdobrar para auto-estima e reconhecimento. (OMT, 2001 e 2003; COOPER ET AL, 2007; BARRETTO, 2007; BARBOSA, 2001)

Em relação aos impactos negativos, destacam-se aqueles ligados ao efeito demonstração que a atividade pode provocar. Grünewald (2003, p. 20) cita Nash (1996) que afirma: "uma das primeiras preocupações dos antropólogos com relação ao turismo foi porque tal atividade penetrava nas sociedades estudadas por eles e promovia mudanças".

Quando as festas populares começam a despertar o interesse dos visitantes, os operadores do turismo se apropriam da festividade e a ofertam como atrativo, produto turístico, sem se preocupar com o sentido que o evento tem para a população local. Esse fato provoca uma contradição, já que os turistas escolhem essas festas por possuírem um significado e uma representação local. Muitos visitantes buscam o "autêntico" nessas festas, mas nem sempre julgam o que encontram como o autêntico que buscam. Essa autenticidade[1] buscada, muitas vezes, se liga a aspectos relativos à tradição, que para cada grupo social e localidade se reconfiguram continuamente. Por isso nem sempre o que o visitante busca, existe mais.

Existe ainda uma outra lógica que também explica a transformação das festas em produtos turísticos. O turismo se segmenta cada vez mais e muda para acompanhar essa tendência. O turismo de massa, realizado através dos pacotes turísticos, mais acessíveis, por ser compartilhado por um grande número de participantes, geralmente ligado a viagens de

[1] Autenticidade aqui empregada remete a forma que os turistas a significam. O debate acerca desse entendimento será retomado mais adiante.

lazer e entretenimento, continua; porém surge um turismo com ideologia e metodologia que envolve as comunidades visitadas com repercussões importantes para ambas as partes: os que visitam e os que são visitados, denominado de alternativo, o qual é realizado, sem a mediação das agências de viagem, por pequenos grupos que buscam em sua viagem conhecer de maneira próxima e, às vezes participante, a cultura e o modo de vida local, incluindo as festas populares. A festa torna-se, então, um excelente momento para os turistas participarem de forma intensiva das atividades que os grupos sociais locais realizam nos momentos festivos.

Segundo estudos qualitativos sobre a demanda turística (SECRETARIA ESPECIAL DE TURISMO *apud* PETROCCHI, 2001), a motivação turística está mudando do modelo dos quatro 's' ingleses: *sun, sand, sea, sex* (sol, areia, mar e sexo) para o modelo dos quatro 'e' franceses: *équipement, environnement, encadrement, événement* (equipamento, meio ambiente, entorno e eventos). Explica-se, então, com mais abrangência o porquê da demanda turística ter crescido em eventos e festas populares, especificamente.

Contudo, o que se observa em algumas festas do nordeste do Brasil é a ocorrência desses dois tipos de turismo, sendo as ações da organização das festas focadas de maneira generalista, média, com o intuito de agradar a todos os grupos mesmo sem realizar ações específicas para cada público.

Em Arcoverde parece não ser diferente. A nova configuração da festa tenta agradar a todos os grupos, segmentando seu evento em diferentes pólos. A festa, que ao longo desses últimos cinco anos parecia iniciar uma identificação, mostra-se em um processo de reconfiguração, pois a cada ano observam-se mudanças, adaptações e redimensionamentos. Desse modo, a pesquisa quer entender como essa configuração está se formando, quem influencia essa configuração, o que a influencia, como o conteúdo de tradição e autenticidade é significado pelos agentes – visitantes, residentes e poder público municipal – e usado na reelaboração da festa na contemporaneidade, além de analisar a relação festa, turismo e consumo. A construção da identidade dessa festa ocorre tanto de fora para dentro como de dentro para fora, afinal é a prefeitura, a partir dos anseios dos visitantes e dos moradores (embora às vezes esses interesses sejam contrários), quem determina o formato da festa. A população local, ou parte dela, por sua vez, deseja que a festa siga o caminho que as outras cidades como Caruaru-PE e Campina Grande-PB traçaram. Ela gosta das atrações locais, mas se identifica com a festa por ela estar crescendo e trazendo grandes atrações nacionais, que nem sempre estão ligadas à tradição da festa junina local. Nessa perspectiva, a pesquisa também quer revelar como o turismo contribui para o estabelecimento da configuração atual

da festa, posto que os turistas, principalmente os de Recife, reivindicam que a festa tenha autenticidade dominada pela tradição, ligada a cultura local. Perseguindo essas respostas, é relevante traçar o percurso que essa festa está tomando ao longo do tempo até os dias atuais, visto que, em campo, já se percebe que em Arcoverde a maior parte da demanda turística busca uma festa que fuja dos padrões dos grandes eventos juninos que já existem no Nordeste, como os citados acima. Os turistas do São João em Arcoverde, vindos do Recife, buscam uma festa mais autêntica, mais tradicional, sem multidões. Assim, a organização da festa – poder público municipal – percebe que as mudanças, especialmente o engrandecimento da festa, podem afastar os visitantes de Recife, mas podem atrair os visitantes das cidades próximas.

Como dito antes, o objetivo geral dessa dissertação é analisar a configuração atual da festa junina em Arcoverde, sertão pernambucano, na interface com o turismo, que se pretende aclarar a luz das teorias exposta ao longo do trabalho. Tem ainda como objetivos específicos: identificar os grupos que participam da estruturação da festa em Arcoverde; verificar o ponto de vista da população local sobre os significados da festa e sua importância para a cidade; compreender a dinâmica sociopolítica da organização da festa em Arcoverde; verificar o ponto de vista dos turistas sobre a festa; compreender a relação entre os agentes do turismo e os grupos locais para a atual configuração da festa.

APORTES METODOLÓGICOS

Para alcançar tais objetivos, este trabalho apresenta a proposta de uma pesquisa qualitativa desenvolvida com o intuito de traçar uma etnografia do São João de Arcoverde. Assim, utilizei a pesquisa de campo, apoiada na observação participante do festejo, complementada com a realização de entrevistas semi-estruturadas com o poder público, responsável pela organização do evento, a população local e os visitantes da festa; além da pesquisa bibliográfica e documental de fundamental importância para a reflexão dos dados coletados.

Qualquer área da ciência necessita de uma metodologia para sua legitimação. Com a antropologia não é diferente. A pesquisa de campo se destaca, então, como o método que possibilita à antropologia se estabelecer como uma ciência que estuda a humanidade. Mesmo

não sendo exclusivo da antropologia, "o trabalho de campo reabastece as energias da antropologia" (WOLF, 2003, p.345).

A pesquisa de campo foi dividida em duas etapas:

a) A primeira etapa foi em Junho de 2007. O trabalho de campo exploratório se estendeu por sete dias, durante os dias de maior movimentação das festas juninas de Arcoverde, incluindo a noite de São João. O intuito desse trabalho era verificar as condições do campo, elencando e descrevendo o fenômeno festivo, mapeando as questões a serem discutidas para elaboração do projeto de pesquisa, sua justificativa, problemática, hipóteses e objetivos.

Hospedei-me, diferentemente dos outros anos, na casa da família Tenório, que conheci em anos anteriores em que estive na festa. A intenção foi de conviver com os residentes durante o período festivo para verificar, da forma mais próxima possível, como se dava sua participação na festa e como ficava o seu dia-a-dia. Desse modo, pude observar – e também viver – as práticas cotidianas dessa família durante o festejo, verificando as mudanças e continuidades do período. Foram realizadas também, mas com caráter informal, entrevistas com locais e visitantes, além da entrevista semi-estruturada com o Diretor de Turismo da Prefeitura Municipal de Arcoverde, organizador do evento. As questões discutidas foram escolhidas a partir da pesquisa exploratória da festa.[2]

b) A segunda etapa foi em Junho de 2008. Dessa vez a estadia em Arcoverde foi de 28 dias, para acompanhar os preparativos da festa, a mudança da cidade para comportar o evento e o retorno da cidade às suas atividades normais e rotineiras. A chegada à Arcoverde foi no dia 08 de junho, 11 dias antes do início da festa, e a saída foi no dia 05 de julho, 6 dias após o fim dos festejos oficiais.

O trabalho de campo iniciou-se pautado nas questões apontadas na primeira etapa. As posições que o pesquisador adota ajudam na coleta das informações. Em Arcoverde, por estar buscado a opinião de dois públicos distintos, população local e visitantes, foi importante estar com eles, acompanhá-los na festa. De tal maneira, pude acompanhar de perto os moradores locais, principalmente quando não havia ainda um número significativo de turistas na cidade. Por sua vez, os visitantes do Recife, com os quais pude viver sua estada no município, partilhando as vivências festivas em sua casa alugada, usufruindo juntos do evento durante os

[2] A entrevista foi bastante abrangente e foi dividida em 12 tópicos: Tema, Programação, Ganhos, Palcos do Cruzeiro, Forrock, Drilha, Parcerias, Gestão da festa, Posso ajudar?, Divulgação e Público.

dias 20, 21, 22, 23 e 24 de junho, e também com um grupo de visitantes de Belo Jardim, estando no mesmo hotel e os acompanhando em suas atividades nos dias 27, 28 e 29 de junho.

Procurei todos os dias andar pela cidade e acompanhar a transformação do município em cenário festivo. Como conheço muitas pessoas que residem na cidade, pude acompanhá-los em suas atividades diárias, verificando seus preparativos para o São João.

Nesse caso, enxergar a festa como os nativos enxergam não basta para configurá-la na atualidade já que outros atores influenciam nessa configuração. Nota-se que, para compreender os fenômenos contemporâneos, o antropólogo necessita exercer diferentes papéis para apreender essa realidade. Nessa pesquisa, necessitei "ser moradora da cidade e também turista" – parte mais fácil, reconheço, e ao mesmo tempo difícil por causa do distanciamento necessário para a atividade. Transitar nos mundos dos dois grupos durante toda a festa me permitiu ver e confrontar a contribuição de cada um desses agentes na construção do São João de Arcoverde.

Diferente de 2007, optei por ficar em um hotel durante a pesquisa de campo para ter mais liberdade em circular pela cidade durante a festa, construindo meus horários e roteiros de pesquisa. Apenas durante o período que acompanhei os visitantes de Recife (de 20 a 24 de junho), optei por estar com eles em sua casa alugada, pois, em 2008, a pretensão foi de viver junto com eles a festa, observando seus comportamentos na rotina festiva, já que, em 2007, privilegiei a vivência junto aos residentes. A escolha da casa se deu porque muitos dos turistas estavam no evento pela primeira vez, 8 dos 21 presentes. Além disso, os outros 13 já vão a Arcoverde há mais de 2 anos, conhecendo bem a dinâmica da festa, trazendo, em alguns momentos, um contraste de intenções e expectativas para com o São João arcoverdense.

Já em campo, conheci algumas pessoas que eram de Belo Jardim, mas moravam em Arcoverde, que me apresentaram a esse grupo de visitantes, cujas atividades e vivências no evento pude acompanhar de perto. Essa experiência me trouxe outros elementos que complementaram o mapa de observação dos visitantes, não restringindo o olhar apenas aos turistas de Recife, mesmo que eles sejam a maioria.

Ainda no trabalho de campo, houve a aplicação das entrevistas semi-estruturadas com a população local, num total de 22 moradores, já contando com o pré-teste; e os visitantes da festa, num total de 13, com mais 3 entrevistas de pré-teste, que serviram pra adequar o roteiro das perguntas. O pré-teste aplicado aos moradores locais foi realizado na primeira semana no campo, antes do início oficial dos festejos e o pré-teste aplicado aos visitantes foi realizado

antes do deslocamento ao campo, com os visitantes que já estiveram no São João de Arcoverde.

O número de moradores entrevistados foi limitado porque optei por fazer as entrevistas depois deles terem vivido mais de 75% da programação proposta para 2008, e assim poderem falar mais sobre sua vivência da festa do corrente ano, restando em torno de 10 dias para a realização das entrevistas com seus moradores. A escolha dos entrevistados se deu de forma aleatória. Tentei diversificar no sexo e na idade, contudo, a disposição em responder as minhas questões contou bastante na decisão. Geralmente, conversava antes com os possíveis entrevistados, explicava os meus interesses e marcava a hora para a realização da entrevista.

Apesar de ter iniciado as entrevistas com os visitantes da festa em Arcoverde mesmo, percebi que, por eles estarem poucos dias na festa, ficava difícil encontrar tempo para abordá-los adequadamente, já que a maioria dos visitantes estaria deixando Arcoverde na manhã seguinte à véspera de São João, momento esse de arrumação das bagagens para voltar e também de cansaço. Optei por marcar as entrevistas na volta da observação participante, para aqueles que moravam em Recife. Era importante também que eles vivessem toda a programação da festa para assim falarem com mais propriedade de suas experiências na viagem. As entrevistas semi-estruturadas com os moradores locais contavam com 19 questões e as dos visitantes contavam com 22 questões, ambas no apêndice.

Além disso, houve a entrevista com o então secretário de turismo do município, Albérico Pacheco de Albuquerque, para colher o posicionamento da Prefeitura de Arcoverde, realizadora da festa. A entrevista se deu ao fim da programação oficial para que houvesse uma tranqüilidade na realização da conversa. O posicionamento do poder público local é de suma relevância para a compreensão da oficialidade da festa. A entrevista semi-estruturada contou com nove tópicos que se desdobravam em várias questões (no apêndice).

As conversas informais, realizadas na observação participante, também foram levadas em consideração, estendendo a pesquisa, então, a outros setores locais.

Antes, durante e depois da pesquisa de campo, a pesquisa bibliográfica, para referenciar as observações e reflexões em campo, foi de extrema importância. Peirano (1992) coloca que a pesquisa de campo é um procedimento que demanda uma base teórica específica, pois a teoria não se desvincula do trabalho empirista, ao contrário, é no empirismo característico da antropologia, resultado do trabalho de campo, que as teorias surgem ou são questionadas. Wolf (2003, p.346) afirma que o "trabalho de campo depende da teoria e, ao mesmo tempo, a alimenta".

A pesquisa bibliográfica fará um confronto de reflexões e conceitos, buscando nas outras etnografias de festas, entre elas os trabalhos realizados no PPGA, similaridades para compreender o fenômeno.

Além dos dados primários coletados durante o trabalho de campo, sirvo-me do resultado da pesquisa do Perfil Socioeconômico do Participante do São João de Arcoverde. De forma quantitativa, a Empresa Pernambucana de Turismo – EMPETUR aplicou sua pesquisa nos dias de maior movimento da festa, de 21 a 23 de junho de 2008 com 721 participantes. Esses dados nos ajudam a ver de forma mais palpável o perfil dos participantes, sejam eles residentes ou não-residentes, bastante pertinente para essa pesquisa que tem nesses dois públicos fonte de respostas para a problemática proposta.

Para alcançar o objetivo geral, todas as técnicas aqui listadas serão de extrema relevância. O conjunto de métodos escolhidos permitirá traçar a etnografia da festa e entender sua configuração atual. A análise dos dados partiu da transcrição das entrevistas, das anotações do diário de campo, instrumento fundamental para a sistematização dos dados da observação participante. As entrevistas com os três agentes que escolhi para através deles verificar o estado do São João de Arcoverde serviram, fundamentalmente, para percorrer os sentidos que eles dão ao evento e assim traçar seus pontos de vista sobre esse momento.

Para apresentar os resultados, este trabalho está dividido, além da introdução, que traz a problemática e a metodologia adotada, e da conclusão, em três capítulos. O primeiro deles faz uma descrição do município de Arcoverde e de sua festa junina, cujas particularidades estão postas para a compreensão posterior de como seus agentes a percebem e articulam, conteúdo dos capítulos seguintes, 2 e 3. Desenvolve ainda a percepção do poder público municipal, gestor da festa, acerca da atual configuração do evento. O capítulo 2 traz o ponto de vista dos moradores locais sobre o festejo de Arcoverde, avaliando seus conteúdos e mostrando como se dá sua participação no mesmo. O capítulo 3, por sua vez, levanta o ponto de vista dos visitantes que escolhem Arcoverde como destino durante as festas juninas, mostrando o estabelecimento do consumo da festa agora produto turístico.

1 DESCREVENDO A FESTA DE SÃO JOÃO DE ARCOVERDE

No nordeste do nosso Brasil
Graciosa e acolhedora
Ao nativo, ao turista, ao viajor
És Cidade gentil, promissora [3]

O Hino de Arcoverde quer chamar a atenção para uma característica considerada marcante pelos moradores da cidade e visitantes, a hospitalidade. Talvez pelo seu passado de entreposto comercial, passagem de mercadorias, gado, estação ferroviária, a cidade tenha se tornado acolhedora e gentil. Sendo assim, pode ser fácil para o município realizar uma festa que atraia e agrade tantos turistas, além dos seus "nativos". Distante 252 km da capital pernambucana, Recife, Arcoverde realiza uma festa de São João que tem se destacado bastante nos últimos anos. Para iniciarmos uma análise de sua constituição, faz-se necessário apresentá-la, descrevê-la. Eis o que iremos fazer nesse capítulo. A descrição da festa foi construída a partir do imbricamento dos dados coletados com a população da cidade, seus visitantes e também o governo municipal, realizador do evento. A entrevista com o secretário de turismo do município gerou boa parte da descrição, porque permitiu vislumbrar as ações do poder público com os outros agentes para realizar a festa. É importante afirmar que, em algumas questões, a versão dada como oficial, por parte da prefeitura – organizadora do evento, nem sempre vai corresponder ao que os participantes do São João compreendem da festa. Nos capítulos que se seguem, o confronto de posições evidencia os conflitos e contradições sobre o entendimento e a vivência da festividade. Neste capítulo, será possível perceber como se constroem os questionamentos sobre o que o São João de Arcoverde significa para o poder público, a população local e os visitantes que a escolhem.

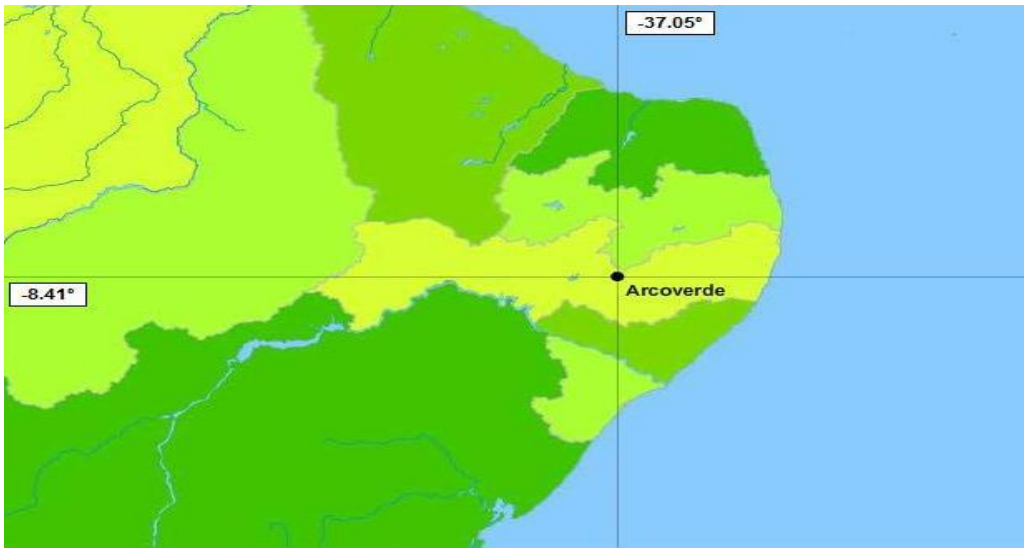
Assim, espera-se que o que seja colocado nesse capítulo permita ao leitor compreender a situação estudada, mesmo sem conhecê-la *in loco*. O desafio da ciência antropológica permanece, fazer a sociedade enxergar através do relato do antropólogo a complexidade das relações sociais e humanas de um dado grupo social.

[3] 2ª estrofe do Hino de Arcoverde.

1.1 ARCOVERDE

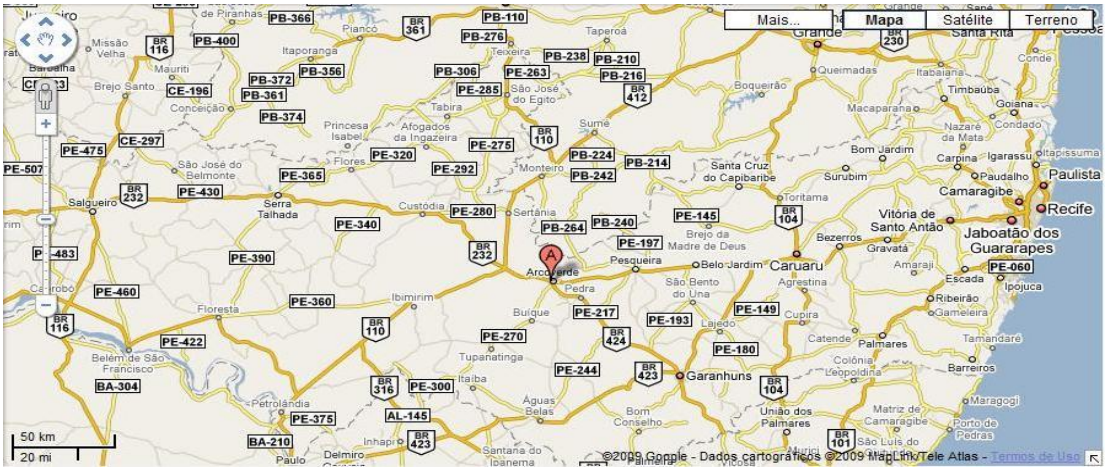
Arcoverde é considerada como a cidade que abre o sertão pernambucano, se seguimos o roteiro de interiorização do estado pela BR 232. Intitula-se como o portal do sertão. Vive essencialmente do comércio e é formado pelos povoados de Aldeia Velha, Caraíbas, Gravatá e Ipojuca, além do distrito sede, numa área de 353 km². No censo de 2007, estimou-se uma população de 64.863 habitantes (IBGE, 2009; LIMA, A., 2005).

FIGURA (1)1-Mapa de Arcoverde



Fonte:http://www.ibge.gov.br/cidadesat /painel/painel.php? codmun=260120

FIGURA (1) 2 - Mapa de Arcoverde



Fonte:http://maps.google.com.br/maps?sourceid=navclient&rlz=1T4SUNAenBR292BR29&q=Arcoverde+pernambuco&um=1&ie=UTF-8&split=0&gl=br&ei=VX3sSf2WFMbJtgeB8OnWBQ&sa=X&oi=Ge o code _result&ct=title&resnum=1.

A cidade originou-se da interiorização que a capitania de Pernambuco necessitou para seu desenvolvimento. Como seu litoral e sua zona da mata estavam tomados pela cultura da cana-de-açúcar, a ocupação do interior se fez necessária para a produção agrícola de subsistência e também para a pecuária, muito importante para a produção do açúcar por ser a força animal fundamental para tal. O vale do Moxotó, onde se localiza Arcoverde, desenvolveu a atividade pecuarista com a criação de diversas fazendas e currais. Somente em 1812, encontram-se referências em documentos e livros de atas a Olho D'água, nome dado ao primeiro núcleo de povoamento de Arcoverde, na fazenda Santa Rita. É dessa mesma época o erigir da igrejinha de Nossa Senhora do Livramento que provocou lentamente o desenvolvimento desse núcleo. Em 1884, a Câmara de Cimbres, por meio de Lei Provincial, dividiu o município em quatro distritos, entre eles o povoamento de Olho D'água. Em 1890, já recebe o nome de Olho D'água dos Bredos e se consolida como importante entreposto comercial, possuindo uma famosa feira de gado. Em reconhecimento ao status alcançado, a vila recebe o ponto terminal da ferrovia que atravessava a região. A estação ferroviária, inaugurada em 1912, recebe o nome de Rio Branco, o que termina por nomear também a localidade. Em 1928, o governo do estado eleva Rio Branco, então distrito de Pesqueira (Cimbres passar a ser chamada assim em 1913) à categoria de cidade. Em 1943, muda o nome para Arcoverde, já como município autônomo, para homenagear o Cardeal Arcoverde, primeiro cardeal da América Latina, natural de Pesqueira. (FUNDAÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PERNAMBUCO/FIDEPE, 1982)

Atualmente, Arcoverde possui uma boa infra-estrutura urbana o que a faz ser um centro irradiador de comércio, lazer e serviços para a região, atingindo 26 municípios. Sua localização às margens da BR 232 também auxilia nesse posicionamento microrregional. A área comercial de Arcoverde merece destaque já que possui uma diversidade de produtos: vestuário, eletrodomésticos e eletrônicos, móveis, entre outros. Possui duas organizações fortes e atuantes que articulam os comerciantes da cidade: a Associação Comercial e a Câmara dos Dirigentes Lojistas – CDL que ajudam inclusive na realização das festas na cidade. A área de serviços também se destaca, pois a cidade dispõe de postos de gasolina, oficinas mecânicas e concessionária de veículos, hotéis e pousadas, farmácias, clínicas médicas, odontológicas, de reabilitação e fisioterapia, hospitais, escritórios de advocacia e contabilidade[4].

[4] Acesso < http://www.arcoverde.pe.gov.br/WebSiteArcoverde/aspectos_eco/aspectos_ecomonicos.htm> Disponível em 01 fev de 2009 às 10h.

Arcoverde possui um vasto calendário de eventos, no quais se destacam o *Revellion* Popular, o São João, a Exposição de Animais e a festa do comércio. Seu São João [5] segue o padrão das festas juninas nordestinas: muito forró nos palcos armados na cidade, comidas típicas, bandeirinhas e decoração, fogueiras e fogos. É promovida pela Prefeitura Municipal de Arcoverde e executada pela sua Secretaria de Turismo. Em conversas informais sobre o São João arcoverdense, a população afirmou que a festa vem se posicionando, nesses últimos três anos (2006, 2007, 2008), como a terceira maior festa junina de Pernambuco, perdendo para a festa de Caruaru – conhecida nacionalmente – e Gravatá.

1.2 O SÃO JOÃO DE ARCOVERDE

As várias entrevistas realizadas com os moradores de Arcoverde nos ajudaram a traçar a trajetória dessa festa. Esse formato no qual ela está hoje é bem recente. A festa em Arcoverde era local, familiar, realizada nos bairros da cidade. Era descentralizada, com várias palhoças espalhadas pelas ruas da cidade e organizada pelos moradores dessas ruas. Existia também festa nos clubes, festa fechada.

A mudança, para muitos, se deu a partir do governo de Rosa Barros, em 2001; para outros a mudança mais significativa foi a partir do governo de Zeca Lemos, no ano de 2005. Não há um consenso. Percebe-se que cada um enxerga essa mudança de forma diferente. Para Albérico Pacheco de Albuquerque, atual gestor do evento, a mudança de uma festa descentralizada para uma centralizada pela gestão municipal ocorreu em 1997[6].

Para melhor entendimento do histórico da festa, irei aqui dividi-lo em três períodos: antes do ano de 2001; de 2001 a 2004, período do governo de Rosa Barros, e de 2005 a 2008 – ano da pesquisa, período do governo de Zeca Lemos. Essa divisão serve para que entendamos o histórico do São João arcoverdense a partir dos depoimentos colhidos nas entrevistas com os

[5] São João é empregado para dar nome a todo o festejo junino, apesar de acontecer somente em um dia. A festa junina, que abrange a comemoração aos Santos: Santo Antônio (13 de junho), São João (24 de junho) e São Pedro (29 de junho), é comumente chamada de São João.

[6] Ele coloca ainda que existiram duas fases dessa festa: a festa dos anos 1980 e a festa a partir de 1997. A festa que acontecia nos anos 1980 foi citada pelo secretário de Turismo, em entrevista, porém, nenhum dos moradores entrevistados citou o São João específico desse período. Refere-se à festa de antes sem uma determinação temporal específica.

moradores locais. Porém, é necessário que se deixe claro que não há unanimidade e que também não há aqui uma descrição histórica minuciosa, há somente o entendimento da trajetória da festa a partir daqueles que participam dela, seja na sua organização ou fruição. Compreender esta trajetória é importante porque ela é citada pelos moradores para enfatizar a descrição da festa atual e qualificá-la.

Antes do ano de 2001, o São João era local, pequeno, nas ruas, nos bairros e não era gerido pela prefeitura, que apenas organizava uma palhoça no Bandeirante[7], local hoje do palco principal, como afirmaram alguns entrevistados. Segundo Albérico, a prefeitura começou a organizar apresentações públicas em palcos, ao mesmo tempo em que permaneciam as palhoças montadas pelos moradores. Essas primeiras ações parecem já trazer o que aconteceria depois. A constituição de palcos com atrações de bandas e cantores, representantes predominantemente do ritmo do forró; e por sua vez, a festa tinha a finalidade de prestar homenagens a artistas locais, prenunciando o uso de temas que se tornaram o guia da festa da atualidade. Essas ações iniciaram-se em 1997, porém nenhum dos moradores entrevistados pontuou essa alteração, não significando que ela não tenha existido apenas talvez não tenha ficado na memória. É o momento que as alterações na festa começam a acontecer, mesmo que os moradores não reiterem em suas falas essas alterações.

O segundo momento dessa trajetória é marcado pelo início do governo de Rosa Barros, de 2001 a 2004, citada nas entrevistas por alguns dos moradores locais como responsável pelo novo formato do festejo. Já no São João de 2001, novas posturas foram tomadas em relação à organização do evento. A festa, promovida pelo poder público municipal, a partir de então carrega um tema. O estabelecimento de temas para o festejo se estende até hoje e é colocada como elemento que diferencia a festividade atual de Arcoverde das antigas festas juninas promovidas na cidade. Essa mudança consegue, de certa forma, caracterizar a tendência do São João de Arcoverde em se assemelhar com as outras festas nordestinas, já que a presença de um tema é comum aos festejos nordestinos, tanto aos juninos como aos carnavalescos, principalmente aqueles mais midiatizados. Muitas vezes essa temática parte de homenagens feitas a pessoas ou grupos que se relacionam, de alguma forma, com o evento. No histórico dessas temáticas, a presença forte de referências a cultura local é bem evidente.

[7] Bandeirante é o nome popular utilizado pelos residentes para denominar a Praça da Bandeira, ponto de encontro e de lazer em Arcoverde, com bares e barracas de comidas, que, durante o São João, abriga o Pólo Central da festa.

Além disso, a festa se estabelece na divisão dos que hoje chamamos de pólos, contando com mais de um palco. Paralelo a isso, algumas festas nas ruas continuam a existir. Com o aumento do número de palcos, aumenta também o espaço para as bandas locais. É um momento de glória para a cidade, pois muitos de seus filhos que estão ganhando prestígio e fama no Brasil e no exterior, entre eles o Samba de Coco Raízes de Arcoverde e o Cordel do Fogo Encantado, são as atrações principais da festa. Alguns dos moradores entrevistados colocam que é nesse momento que a festa surge como um espaço dedicado à cultura local e a seus grupos. Viu-se a festa, então, como uma oportunidade, uma vitrine para essas manifestações.

Assim, inicia-se também o processo de transformar a festa em atrativo turístico. Em 2001, a presença de visitantes e turistas na festa já é notada pela população local, contudo, nem todos percebem essa presença. Muitos dos entrevistados afirmam que esses turistas começaram a vir de dois anos para cá. Essa ambigüidade de visões vai permear toda a caracterização do festejo em Arcoverde. Todavia, o turismo que se estabelece em Arcoverde não é o operado formalmente por agências de turismo – esta modalidade até existe, mas em pequeníssima escala – é feito e organizado informalmente por grupos de amigos, que se juntam, alugam uma casa na cidade, e viajam, geralmente, em seus carros. Em 2008, visualizamos grupos que estavam em pacotes ofertados por pequenas agências de viagens, nem sempre legalizadas.

A partir de 2001, algumas mudanças transformaram a forma da cidade ver a festa. Ela passa a ser turística, ser estratégica, já que a gestão municipal percebe o evento como um excelente negócio por fazer toda a economia da cidade girar com a vinda dos visitantes e com o incremento das vendas no comércio, pois se visualiza o momento festivo como um momento de intenso consumo de bens e serviços. A máxima de que a festa gera consumo se concretiza. Estrutura-se como um dos produtos principais da gestão pública municipal. A partir daí a festa vai possuir diversos pólos, trará artistas de renome nacional e internacional para sua grade de programação e irá se posicionar como uma grande festa junina, extrapolando seus limites locais e atraindo uma demanda de visitantes ao município.

No terceiro momento dessa trajetória, vê-se uma maior estruturação e profissionalização do evento a partir do modelo adotado em 2001. É marcado pelo início do governo de Zeca Lemos, vice-prefeito do mandato anterior. Talvez por esse motivo ele continue investindo no festejo e mantendo a equipe que antes organizava o São João. O ano de 2005 torna-se, para alguns moradores entrevistados, o ano que marca a transformação da festa de Arcoverde. A

forma como eles colocam essas mudanças é, ao mesmo tempo, uma marcação temporal, mas com ênfase no calendário apenas em alguns fatos. O tempo é mais marcado pelas lideranças políticas que se alternam.

> *Desde o ano de 2005, foi a época que começou, assim, 2000 a 2005, por aí, foi a época que começou a ficar boa, mas assim, ótima mesmo, de 2005 pra cá. Foi o ano que o político que é prefeito que ganhou que ele tá conseguindo mais investimentos pra cidade da gente.* (morador 1, 22 anos, garçom)

> *Um palcozinho, umas bandinhas fuleiras, ai veio melhorar depois que o prefeito Zeca entrou, né? Aí realmente ele fez um São João da porra.* (morador 4, 28 anos, artista plástico)

> *Essa é... Pra mim a festa grande começou depois que doutor Zeca... Mas a festa melhor mesmo, pense numa festa assim, grande, de uma maneira que está hoje é por conta de doutor Zeca* (morador 8, 63 anos, agente administrativo)

Contudo, é relevante destacar que a população percebe que essa continuidade e esse período são marcados pela consolidação do que vinha sendo realizado para o evento.

> *Aliás, desde a época da ex-prefeita Rosa, o palco não cabia, mas, quando Zeca entrou, foi que fez uma estrutura maior, de atrações, de turistas, de palco e dessas coisas assim. Pra chamar atenção mesmo. Samba de coco foi na época da ex-prefeita, foi ela que ajudou a conquistar mais, o pessoal num sabia muito bem o que era mas... mas começou a crescer mesmo de 2000 pra cá, pelo que acompanhei de 2000 pra cá.*(morador 1, 22 anos, garçom)

> *Ah, sim, o São João veio ficar bom a partir da prefeita Rosa, né? Ela fez um resgate do São João botando Cordel e depois dela Zeca tá fazendo um bom trabalho também no São João. Tá aumentando, cada vez mais tá aumentando*. (Morador 5, 23 anos, estudante)

> *Essa festa começou, assim, praticamente na época do...é, da gestão de Rosa Barros, né? Que ela começou a incentivar o coco né? Essa questão cultural, assim, passou a trabalhar mais com a questão do coco. Depois, já tinha o Cordel do Fogo Encantado, né? Que aí o pessoal gostava muito e ela viu que havia uma abertura grande pra cultura e aí ela começou a investir, no caso a festa de São João, fazendo uma coisa melhor. Aí, na gestão de Zeca, ele deu aquela incrementada que faltava, né?Complementou, né?Aquilo que precisava ser feito. Então agora organizou melhor a festa e a festa tomou essa proporção que é hoje.* (morador 10, 35 anos, cabeleireira)

É o momento da consolidação das características do festejo enquanto práticas e políticas. É percebido também que a festa nessa fase deixa apenas de prestigiar os artistas locais para convidar à sua grade de programação artistas mais conhecidos, populares e com reconhecimento nacional. Talvez por isso, a população ache que a festa passa a crescer no governo de Zeca, justamente porque ele investe nas atrações nacionais. Esse investimento se reverte também para a melhoria da infra-estrutura dos palcos, da decoração, da organização física das barracas, camarote, da identidade visual, da divulgação. Nota-se também a presença

de mais patrocinadores participando do evento. Agora a presença dos turistas é bem percebida por todos, principalmente quando é constatada a lotação dos meios de hospedagem no período junino. Esses turistas são principalmente de cidades vizinhas e da capital do Estado, Recife.

A partir da construção da trajetória da festa, percebeu-se que o Cordel do Fogo Encantado e o Samba de Coco Raízes de Arcoverde foram bastante importantes para a projeção do São João de Arcoverde, inclusive o diferenciando das demais festas nordestinas. Como colocado pelos entrevistados, no governo de Rosa Barros a festa se liga às questões culturais da cidade, principalmente ao coco, manifestação popular local, e ao Cordel, que já havia saído de Arcoverde para desenvolver sua carreira na capital pernambucana. Para muitos dos visitantes entrevistados, esse seria o diferencial da festividade de Arcoverde. Assim, é interessante caracterizá-los e compreender sua relação com a trajetória do São João arcoverdense.

O samba de coco, manifestação típica da cidade, provavelmente se originou do coco de roda, ritmo de origem escrava, que floresceu no litoral. Com característica marcante de ritmo, passos, dança, instrumentos, espalhou-se por outras regiões do Estado, desde a zona da mata, passando pelo agreste até o sertão. Em Arcoverde, o coco tem características específicas, tornando o coco sertanejo diferente e próprio da região. Assim, instituiu-se o samba de coco. Desenvolvido na década de 50 por Ivan Lopes e Lula Calixto, que nas suas reinterpretações agregam elementos indígenas e de origem sertaneja, o samba de coco mantém o toque sincopado e a alegria da dança do coco presente no litoral. Conta-se que o coco estava presente no cotidiano do homem sertanejo quando da construção de suas casas de taipa. Os amigos eram convidados a dançarem a noite toda sobre o barro do chão da casa, a fim de assentá-lo[8]. Apesar da morte de Ivan Lopes em 1987 e da de Lula Calixto em 1999, e como forma de resistência, criou-se o Samba de Coco Raízes de Arcoverde há uma década. Três famílias, a Gomes, a Calixto e a Lopes se unem para manter viva essa cultura e, mais que isso, tornam o grupo elemento constituinte da identidade cultural de Arcoverde. Além do Samba de Coco Raízes de Arcoverde, existem também na cidade o Samba de Coco das Irmãs Lopes e o Samba de Coco Raízes Negras. Contudo, somente o Samba de Coco Raízes de Arcoverde consegue se estabelecer seguindo uma carreira com constantes shows fora de Arcoverde. A composição estética do grupo, com suas roupas coloridas, os instrumentos utilizados e a dança do trupé são os elementos que identificam o grupo perante os demais. A base do samba de coco está no surdo, no triângulo, no ganzá, no pandeiro, nas palmas e no

[8]: Acesso <http://www.musicadepernambuco.pe.gov.br/release.php?idArtista=2> Disponível em 04 de abril de 2009 às 17h30.

trupé que apesar de ser uma dança, entra como composição musical do samba de coco. Em realidade, o trupé, movimentos sucessivos dos pés dos dançarinos do coco, batendo com os tamancos de madeira no chão, é o diferencial dessa manifestação, que, além de ilustrar a apresentação, dita o ritmo e a divisão sonora de suas canções. A consolidação do grupo no cenário musical coincide com o período de mudança e projeção do São João de Arcoverde e também com o sucesso do Cordel do Fogo Encantado, que, influenciado pela música do coco, sempre se refere ao grupo como inspiração. O grupo foi um dos responsáveis pela festa no Cruzeiro[9] que hoje passou para a gestão municipal. Inclusive, muitos visitantes e moradores se referem ao Pólo do Cruzeiro como o pólo do coco, reconhecendo a ligação que existe entre a manifestação e o espaço onde o palco se localiza, mesmo que esse lugar tenha sido mudado para abrigar mais gente, deslocando-se da frente da sede do Coco para o Largo do Cruzeiro. A referência ao Coco também acontece no Pólo Arte e Cultura que muitos na cidade também chamam de palco do coco, por sua presença constante. Há pelo menos quatro anos o Samba de Coco Raízes de Arcoverde é uma das atrações principais do Pólo Central da Praça da Bandeira na noite da véspera de São João, momento em que o município registra a maior presença de visitantes.

Figura (1) 3 – Samba de Coco Raízes de Arcoverde em sua apresentação no Pólo Central da Praça da Bandeira na noite da véspera do São João de 2008.

FONTE: Priscilla Marques Jun/2008

[9] O Cruzeiro é o bairro onde está localizada a sede do Samba de Coco Raízes de Arcoverde, local onde o grupo e o vizinho Manguaças Bar realizavam uma festa durante o São João. Com o crescimento da festa, sua gestão agora é de responsabilidade da Prefeitura Municipal, organizadora do São João de Arcoverde. Hoje, o pólo, como é nomeado, é um dos mais movimentados durante o festejo, atraindo um variado público. Retornarei a ele a seguir.

Dessa mesma forma, com o sucesso que extrapola o limite local, até mesmo nacional, o Cordel do Fogo Encantado, grupo musical que mistura os ritmos locais, como o toré, o coco, poesia popular, surgiu de um espetáculo teatral em Arcoverde. Chegando a Recife, o grupo, com, então, três integrantes naturais de Arcoverde, incorpora dois percussionistas do Morro da Conceição que faz o grupo se transformar numa banda, batizada com o mesmo nome do espetáculo teatral que lhe deu origem. Além da forte inspiração dos cordéis e da poesia popular, presente nas letras e canções, os tambores trazidos dos cultos afros no Brasil conferiram ao som feito pela banda uma singularidade à música produzida em Pernambuco nos fim dos anos 1990. Mesmo sem a gravação de um CD – que somente foi realizado em 2001, com produção de Naná Vasconcelos – o grupo gira o país com suas apresentações extasiantes e termina por conquistar o público e a crítica. Em 2002 grava o segundo trabalho e, em 2006, o terceiro. O grupo recebeu diversos prêmios, geralmente dados por empresas privadas e com bastante importância no cenário musical brasileiro: banda revelação pela Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA (2001), melhor grupo pelo BR-Rival (2002), Prêmio Caras de Música (2002), TIM (2003), Qualidade Brasil (2003) e duas vezes o Prêmio Hangar (2002 e 2003). Em suas apresentações, o vocalista da banda, Lirinha, ressalta a origem do grupo, citando Arcoverde, colocando a cidade no circuito cultural do país. Acredita-se que, por toda essa expressão nacional e internacional – já fizeram diversas turnês no exterior – o Cordel vira atração da festa e com isso atrai uma multidão de fãs que querem ver a banda tocar em sua terra natal. Para o secretário de turismo, manter o Cordel como uma das principais atrações na programação do festejo em Arcoverde é um diferencial para a festa, atraindo mais visitantes. O Cordel sempre toca na noite da véspera de São João, pelo menos há cinco anos, e, por não ser reconhecida como uma manifestação do período junino por uma parcela da população de Arcoverde, provoca uma intensa disputa de interesses. Alguns jovens da cidade já se organizaram e foram pedir à Prefeitura para não repetir o Cordel na véspera de São João, já que para eles o que deveria estar presente no palco principal seriam as principais bandas de forró, muitas delas de forró estilizado. A prefeitura, por sua vez, defende seu ponto de vista ao colocar que, somente nessa noite, a prioridade são os artistas locais, porque assim desejam os turistas que comparecem à festividade arcoverdense.

Percebe-se, então, uma imensa relação entre o Cordel e o São João arcoverdense, afinal todos os anos uma multidão acompanha o show de seus filhos ilustres de volta à terra natal no evento. Além disso, essa relação entre a banda e a festa se faz presente também quando

analisamos as falas dos moradores locais, colocando que a festa deu uma guinada por conta do crescimento dos grupos musicais de Arcoverde. O tema do evento em 2002 foi uma homenagem ao Cordel do Fogo Encantado como reconhecimento do seu sucesso e como forma de agradecimento pelo grupo colocar o município em evidência por sua cultura.

Explorando essa cultura em evidência, os temas escolhidos anualmente terminam por trabalhar assuntos que se relacionem com os aspectos culturais locais. Foi assim em 2001. O tema foi "Literatura de cordel: 100 anos de história" para comemorar o centenário de um movimento cultural presente, mesmo que de forma reduzida no século XXI, na vida sertaneja. Em 2002, o Cordel do Fogo Encantado já se encontrava com uma projeção nacional e internacional, assim sendo homenageado com a festa tendo como tema o "São João do Fogo Encantado". No ano seguinte, a temática da festa foi sobre os mestres da cultura popular e teve como tema "Sanfona, forró e arte". Em 2004, a homenagem foi ao Samba de Coco, para dar mais destaque a manifestação local e característica desse ciclo. Mesmo com a mudança de gestão em 2005, os temas continuaram e dessa vez as brincadeiras de rua foram escolhidas como tema para o festejo de Arcoverde. Em 2006, a cultura popular continua conduzindo a política de temas, dessa vez homenageando a arte da poesia popular. Já em 2007, quando em pesquisa exploratória para este trabalho, a temática foi "A Saga do Vaqueiro: uma odisséia sertaneja". Ainda lidando com os elementos da vida sertaneja, o tema da festa se qualifica extrapolando os limites do evento, já que palestras foram organizadas nas escolas do município para explicar o tema e sua construção para a festividade. Segundo Albérico, a intenção é mostrar como a vida de luta do sertanejo se parece com as odisséias gregas, ele romantiza ao enfatizar a comparação do vaqueiro e sua saga, seu trabalho, como se fosse um Ulisses da caatinga. Dessa vez, nos anos de 2007 e 2008, o tema não se restringe apenas em prestar uma homenagem. Em 2008, o tema segue agregando mais valor, construindo o imaginário da festa junina a partir dos autos populares, colocando a vida de Lampião e de Gonzagão como autos. "De Lampião a Gonzagão: um Auto de São João", segundo o secretário, não rende homenagens a esses dois ícones da história sertaneja, apenas mostra que suas trajetórias podem ser entendidas como autos, por conta de sua dramaticidade, e assim evidenciadas como um tema a ser explorado na festa em Arcoverde. A temática escolhida conduz o trabalho de decoração da cidade, da festa e também a programação do evento, bem visualizada na abertura do evento em 2008, que contou com a participação do Grupo de Xaxado Cabras de Lampião e Arnaldo Farias fazendo tributo a Luís Gonzaga. Toda a cidade estava enfeitada a partir dessa temática. Eram bonecos vestidos de forrozeiros. Espalhados

pela cidade tinham cactos bem grandes com chapéu de cangaceiro. Balões com estampa de chita. E cenas montadas na cidade cenográfica que remetiam ao tema. Havia também vinhetas que passavam durante os intervalos dos shows e explicavam a temática da festa. Os jovens do "Posso ajudar" [10]estavam também vestidos de cangaceiros.

Figura (1) 4 – Decoração na cidade: cactos vestido de cangaceiro

FONTE: Priscilla Marques Jun/08

Figura (1) 5 – Os bonecos representando Lampião e Gonzagão na entrada da Vila Olho D'água.

FONTE: Priscilla Marques Jun/08

[10] Projeto da prefeitura que coloca, durante a festa, pessoas identificadas para ajudar aqueles que buscam informações sobre a programação do festejo. Geralmente, são jovens da cidade, que ficam circulando entre os pólos, vestidos de acordo com o tema do ano, e com a frase que os identifica estampados na frente: Posso Ajudar?

1.2.1 A festa e seus pólos

A festa oficial do ano 2008 contou com dez pólos, sendo um em fase de experiência, não compondo ainda a programação oficial, e seis de animação, com programação de shows. A maioria deles se concentra no centro da cidade, na Praça da Bandeira e na Praça Virgínia Guerra. São eles: O Pólo Central da Praça da Bandeira, o Pólo Alternativo Forrock, Pólo de Arte e Cultura, Pólo Vila Olho D'água, Pólo da diversão, Pólo Forró pé-de-serra, Pólo de Gastronomia e Pólo Forrogospel. Já o Pólo Alternativo Alto do Cruzeiro e o Pólo da Poesia não ficam no centro da cidade, localizam-se nos Bairros do Cruzeiro e São Cristovão, respectivamente.

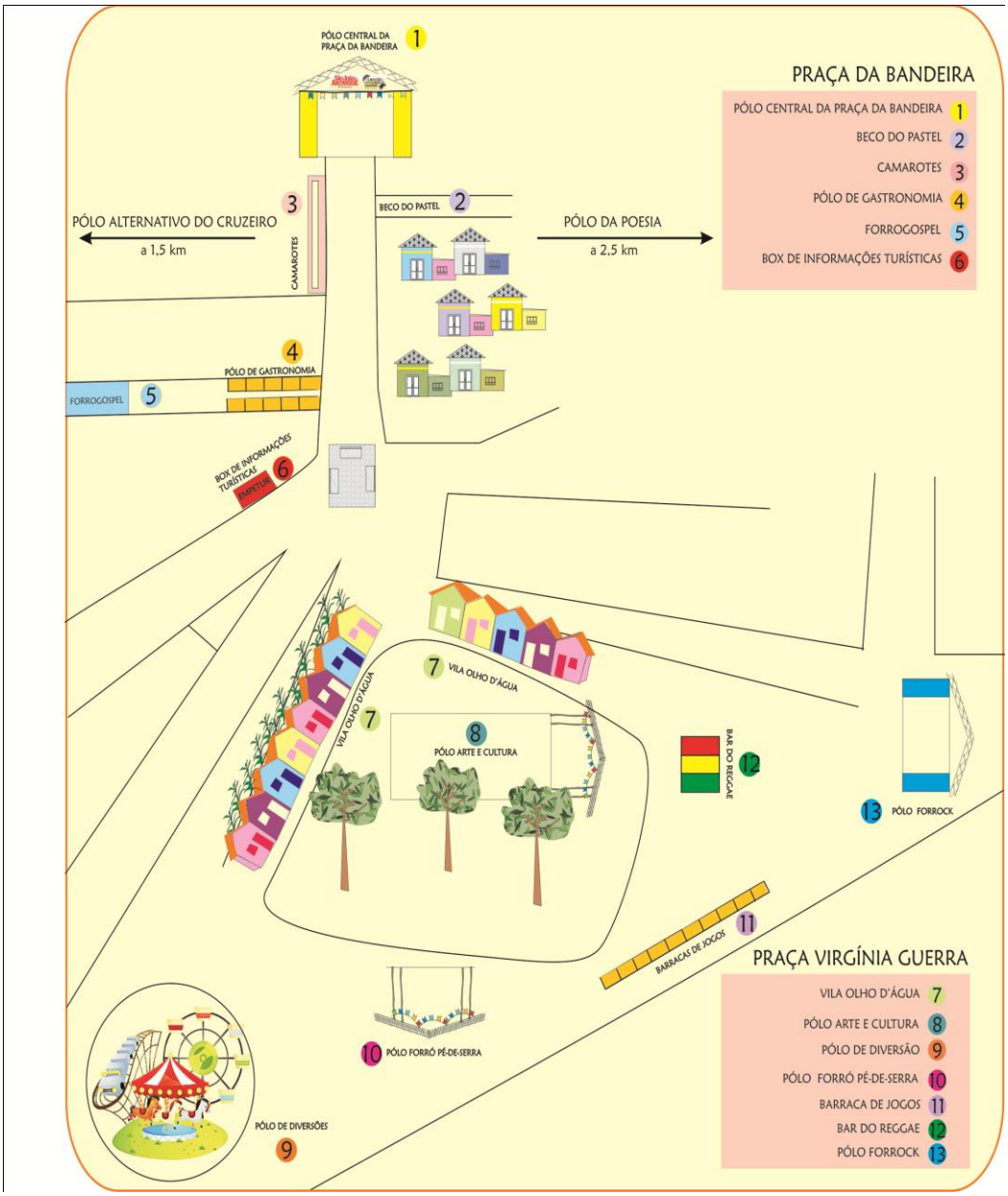
A metodologia de trabalho da prefeitura na organização da festa se baseia na criação de palcos com diferente programação e atrações, além da infra-estrutura de apoio, denominada de pólos. Esse modelo, muito comum nas festas populares na atualidade, divide o público presente que escolhe a partir de seu gosto pessoal qual seu lugar preferido, criando arenas de identificação na festa. Percebe-se, ano a ano, a tendência de sua gestão em transformar tudo em pólo, para dessa forma englobar as iniciativas festivas, muitas vezes particulares, na programação oficial e, assim, conseguir controlar o desenvolvimento do festejo.

O festejo teve a duração de onze dias, começando no dia 19 de junho e terminando no dia 29 do mesmo mês. Diferentemente de festas como em Caruaru e Campina Grande, o São João de Arcoverde, oficialmente, não dura o mês de junho inteiro, apesar de o clima da festa já se instalar na cidade desde o início do mês, afinal as ruas já estão enfeitadas, e as festas particulares e nas escolas já acontecem. Logo no dia 1º de junho houve a drilha[11], que se intitulou como a abertura dos festejos juninos na cidade, apesar do evento oficial promovido pela prefeitura só começar dia 19. Houve também nos dias 11 e 12 de junho um festival de

[11] As drilhas, surgidas a partir das quadrilhas comuns e originadas no São João de Caruaru, são uma mistura dos ritmos comuns ao período junino no formato de carnaval fora de época que se disseminou nos anos 90 no Brasil, com a explosão do axé music e da divulgação massiva do Carnaval de Salvador, que tem como ícone o Trio elétrico que permite, pela sua estrutura de som, estender a música a um número bem maior de pessoas. Inicialmente, existia a Gaydrilha, que desde 1989 anima o São João de Caruaru, a Sapadrilha e a Trocadilha, hoje existem várias outras, que ao longo do tempo transformaram esse desfile em mais um evento dentro do São João de Caruaru e também em um formato de festa que é copiado por outras localidades. Tinham uma intenção inicial bem delimitada de diversão a partir da inversão dos gêneros, pois as mulheres saíam vestidas de matutos e os homens de matutas. Em Arcoverde, é seu segundo ano. É promovido pelo mesmo grupo que organiza o bloco de carnaval das Virgens, por isso que o nome da drilha é Virgemdrilha.

quadrilhas do Serviço Social do Comércio – SESC[12]. Esses acontecimentos, apesar de não fazerem parte da programação oficial da festa, compõem o cenário junino. São eventos que se ligam diretamente ao festejo junino.

Figura (1) 6 – Ilustração da distribuição dos Pólos na Praça da Bandeira e Praça Virgínia Guerra



[12] O I Festival de Quadrilha Anavantu Anariê aconteceu nas dependências do SESC Arcoverde. Promovida e realizada por essa instituição, tinha em sua programação quadrilhas de Belo Jardim, Venturosa, Pedra, Sertânia, todas cidades vizinhas, e Arcoverde. Ocorreu em duas noites, a partir das 20h.

Para a realização da festa a cidade se transforma. Muda o trânsito, erguem-se palcos, constroem-se bares e barracas. Até uma roça de milho[13] é plantada para criar o cenário rural da festa no meio urbano. Não só muda o espaço público como também as casas e as lojas comerciais que se vestem de São João. O clima de festa junina impera durante todo o mês. Muda-se o que está na rua e dentro de casa. É uma mudança previsível, cíclica, repetindo-se todo ano. A decoração da cidade se reproduz nas propriedades particulares sejam as comerciais ou não. As comerciais usam o tema para lembrar os consumidores qual o momento que se vive, "venham comprar, afinal é São João, tempo de celebrar". Os domicílios se enfeitam, colocam as bandeirinhas, incluem nos seus cardápios as comidas de milho, e transformam seu cotidiano em um momento de confraternização, de reestabelecimentos de muitas das relações sociais, de fortalecimento dessas relações.

Nesse mês, Arcoverde deixa de ser uma simples cidade de interior para se transformar em espaço de celebrações dos aspectos culturais ligados aos festejos juninos e, para isso, usa de tecnologias e estrutura que marcam grandes festas em grandes cidades. A montagem dos palcos e da programação obedecem ao formato que o evento exige para se colocar no patamar em que ele deseja estar, de festa grande, referência para a região. Não existe mais lugar para amadorismo. A festa se profissionaliza e isso fica claro tanto para a população como para os visitantes, especialmente no Pólo Central da Praça da Bandeira, chamado por muitos de palco principal, já que é nele que se apresentam as principais atrações da festa. Todos os dias sua programação se iniciava às 22h e possuía no mínimo três atrações musicais.

A abertura da festa no dia 19 de junho teve como atração principal Zé Ramalho; na noite da véspera de São João, as atrações principais foram, como se repete há alguns anos, os artistas de casa: Tonino Arcoverde, Cordel do Fogo Encantado e o Samba de Coco Raízes de Arcoverde; e o encerramento da festividade no dia 29 de junho foi com Elba Ramalho. A programação, porém, é bastante diversificada e variada, pois abriga, além dos artistas citados acima, outros menos famosos. Podemos, ao analisar esta programação, considerar três tipos de atrações: atrações menos conhecidas, voltadas para uma faixa da população local, em dias com menor movimento durante a semana; atrações de renome nacional, sejam eles artistas consagrados nacionalmente, com uma carreira mais consistente e que se ligam também a cultura nordestina, como Zé Ramalho, na abertura, Fagner, numa noite de sábado, antes do

[13] Na Praça Winston Siqueira, popularmente chamada de Praça Virgínia Guerra, onde todo ano é montada a cidade cenográfica Vila Olho D'água, para fazer parte do cenário da parte rural da vila, é plantada, em toda encosta da praça, uma roça de milho. Idealizada pela prefeitura, essa ação terminou por ter uma participação popular, pois os habitantes de Arcoverde participam da plantação.

São João, e Elba Ramalho no encerramento; ou artistas que também já possuem um reconhecimento nacional por estarem nos meios de comunicação massivos como rádio e TV, como Cavaleiros do Forró, Aviões do Forró e Capim Cubano, colocados em dias estratégicos para o evento; e as atrações que vão compor o diferencial, os artistas locais, principalmente nas noites que contam com a presença dos visitantes, principalmente os de Recife.

Nota-se um movimento nessa programação, que oscila de acordo com as datas. Nas datas julgadas como as que terão um maior movimento, a programação escolhe um tipo de atração mais conveniente para o público que irá receber. A cada ano essa oscilação se modifica, pois depende da data que a noite da véspera de São João vai cair. Em 2008, a véspera de São João caiu numa segunda-feira (23 de junho), que provocou um feriadão para aqueles que viajam para aproveitar a festa. O feriado em Pernambuco ocorre na data 24 de junho, dia de São João, mas a celebração ao santo tradicionalmente acontece na noite anterior. Desse modo, as noites mais aguardadas e, conseqüentemente, com uma programação mais robusta de atrações, deram-se na abertura, dia 19, quinta-feira; dia 21, sábado, a cidade já se encontrava cheia de visitantes para o São João que seria na terça; dia 22, domingo, ainda no fim de semana que antecede a véspera de São João; dia 23, véspera de São João; dia 28, véspera de São Pedro e 29, encerramento do festejo. Esse movimento não é uma particularidade do São João de Arcoverde, mas uma estratégia de gestão, que tenta conciliar o investimento feito na programação com o retorno de público possível para ela. Esse movimento da programação também se faz a partir do que os visitantes da festa querem ver. Na véspera de São João, são os artistas locais que fazem a festa, diferentemente do que esperam os moradores locais. Esse jogo contínuo de satisfação dos públicos da festividade, moradores e visitantes, também está presente nos outros pólos da festa que veremos a seguir.

Ao se ter uma programação tão diversificada, o Pólo Central consegue reunir estes diferentes grupos. É um espaço de grande interação social, onde todos esses grupos se encontram e se relacionam. Há um destaque nesse espaço, o local que serve de *point* para os jovens que participam da festa. Conhecido como o beco do pastel, pois costumava abrigar em sua esquina uma pastelaria, o local lota de jovens e adolescentes, principalmente os de classe A e B, que muitas vezes ficam alheios ao que acontece no palco principal, mesmo estando ao lado dele. Os bares, nesse beco, colocam som mecânico ao mesmo tempo em que alguns shows acontecem no palco, criando um espaço à parte da oficialidade da festa. O pólo central da Praça da Bandeira tem em sua programação uma maioria de bandas de forró estilizado, inclusive bandas locais desse estilo, contudo se mostra um local de diversidade já que, por ser

o palco principal da festa, vai abrigar diferentes estilos e atrações. É também o pólo das atrações mais conhecidas, mais populares e por isso é também o local político da festa. Nesse palco se localizam os camarotes, que vão ter variados usos estratégicos e políticos. Além de ser oferecido aos patrocinadores como contrapartida, torna-se o local onde as autoridades municipais recebem seus parceiros e políticos. A presença dos visitantes, principalmente os de Recife, foi mais facilmente notada nas noites dos dias 21 e 23 de junho, nos shows de Fagner, Tonino Arcoverde, Samba de Coco Raízes de Arcoverde e Cordel do Fogo Encantado.

Seguindo a política de pólos, mesmo não se caracterizando pela presença de palco e programação artística, a concentração de barraquinhas de comida na Praça do Senadinho torna-se o Pólo de Gastronomia. Apesar de ser uma praça de alimentação destinada à instalação de barracas para o comércio de comidas típicas, não é bem isso que acontece. Até existe a presença de comidas típicas do período junino, contudo a grande maioria dos pratos apresentados são aqueles que a preparação é feita na frente do cliente e de forma bem rápida, como batata frita, pastel e espetinho.

Outro pólo esse ano foi incorporada à programação da festa, o pólo Forrogospel, destinado aos evangélicos. Com atividades todos os dias, os shows começavam às 20h e possuíam um público bem restrito, pois não há uma interação com o restante do público da festa, que muitas vezes passava alheio ao pólo. Não se estendiam por toda noite. Teve uma programação bem repetitiva, contando com apenas com quatro grupos que se revezavam nos onze dias da festa. Os participantes desse pólo dançavam forró e quadrilha, mas com músicas religiosas tocadas no ritmo junino. A maioria das atividades eram grupais, até o forró, normalmente dançado a dois, era dançado em conjunto, em roda. Eles em alguns momentos distribuíam panfletos para os curiosos que observavam o pólo, ou estavam apenas passando, convidando a conhecer a igreja deles. Localizava-se a atrás do Pólo de Gastronomia, ao lado da Praça do Senadinho, na Rua Helena Rodrigues Porto. Não é bem visto por todos os evangélicos de Arcoverde, inclusive foi rechaçado por alguns deles que colocaram que essa não seria uma boa maneira de pregar.

Já em outro espaço encontra-se o Pólo de Arte e Cultura. No folheto da programação oficial localiza-se na Praça Winston Siqueira, porém esse espaço é mais conhecido na cidade como a Praça Virgínia Guerra. É um lugar bastante utilizado no dia a dia do arcoverdense, pois possui uma pista de *Cooper*. Durante a montagem dos palcos e da decoração da festa,

viam-se muitos moradores fazendo suas caminhadas. O Pólo de Arte e Cultura[14] é uma parceria com a Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde/Centro de Ensino Superior de Arcoverde – AESA/CESA. Tem a prioridade de escalar artistas que se ligam a cultura popular ou que tenha uma proposta mais folclórica. É o espaço que consagra o Samba de Coco, manifestação típica da cidade, já que os shows do grupo nesse espaço são os mais cheios e animados. Há um intenso intercâmbio da platéia com o grupo.

Sua programação de 11 dias conta com manifestações de maracatu, forró pé-de-serra, coco de roda, aboiador, repentista, reisado, grupo de xaxado, além do samba de coco. A maioria dos grupos é da cidade ou região. Cada noite se apresentavam de três a cinco grupos. Esse pólo se destaca por valorizar na composição de sua grade os artistas locais. Algumas atrações se repetem durante os dias da festa. Ao todo são trinta e três apresentações, delas oito grupos realizaram dois shows. Verifica-se também que por ser um local menor, é mais fácil visualizar a participação dos turistas, talvez porque seja o espaço onde a identidade local se faça mais presente através das apresentações dos seus grupos. Além do palco ser baixo, algumas das manifestações que lá se apresentam, descem do mesmo e dançam junto com a platéia, como é o caso dos cocos Raízes de Arcoverde, Raízes Negras e Irmãs Lopes. Outros grupos dançam no chão, já que o palco é bem pequeno. Dessa forma, esse pólo permite, pela natureza de sua programação, uma grande interação entre os artistas e a platéia.

No entorno desse pólo, há ainda um espaço, bem em frente à palhoça, na vila cenográfica, que acolhe uma programação vespertina de grupos folclóricos de Arcoverde, quadrilhas e trupe de palhaço com foco voltado para um público mais infantil, que promove ainda mais a interação entre os participantes da festa, fazendo com que essa praça esteja sempre movimentada e com atrações, pois sua programação, contando com a grade alternativa, tem início às 16h e, em algumas noites segue até as 03h da madrugada. Esse pólo é caracterizado pela presença constante dos visitantes, moradores que gostam dos artistas locais, e também de famílias com idosos e/ou com crianças.

[14] A foto abaixo denomina o espaço como Pólo das Artes, de forma diferente da programação oficial que o denomina de Pólo de Arte e Cultura.

Figura (1) 7 – Entrada do Pólo de Arte e Cultura.

FONTE: Priscilla Marques Jun/08

Figura (1) 8 – Palco do Pólo de Arte e Cultura ao fundo e os integrantes do Coco de Irmãs Lopes dançando junto com a platéia.

FONTE: Priscilla Marques Jun/08

Figura (1) 9– Vila Olho D'água **.**

FONTE: Priscilla Marques Jun/08

Figura (1) 10 – Beco do Bacurau.

FONTE: Priscilla Marques Jun/08

Além disso, há o Pólo Vila Olho D'água, também na vila cenográfica, composta por lojinhas de artesanato, secretarias do governo municipal, bares, cachaçaria e o Beco do Bacurau[15]. Possui dois lados que tentam com suas características representar o passado de

[15] O Beco do Bacurau era, na época que Arcoverde era a Vila Olho D'água, a rua do baixo meretrício da cidade. Para reproduzir isso na vila cenográfica da festa, colocaram um espaço aberto entre dois bares, apenas com uma cortina como porta. Nesse espaço há apenas dois bancos, pois ele é bem apertado. Nas noites mais

Arcoverde. Em um lado suas instalações são feitas de barros, como casas de taipa, representando o passado rural, já o outro lado é construído com tábuas de madeira e compensado para representar o lado urbanizado da Arcoverde do passado.

Durante todas as noites, integrando a programação do Pólo de Arte a Cultura, observa-se a presença de grupos culturais itinerantes que ficam agitando a Vila. Em alguns dias da festa, foi o lugar mais disputado, permanecendo cheio e com seus bares abertos por toda a madrugada. Esse pólo tornou-se um ponto de apoio ao público que freqüenta os palcos presentes na Praça Virgínia Guerra. Nessa localidade os turistas e a população local dividem harmoniosamente o espaço.

Ainda próximo à Praça Virgínia Guerra, logo em frente ao Centro de Comercialização de Arcoverde - CECORA, encontra-se o parque de diversões, muito comum nas festas de rua. No São João de Arcoverde, esse parque é colocado como Pólo de diversão, atraindo um bom público entre crianças, adolescentes e famílias. Geralmente inicia suas operações no fim da tarde, nos fins de semana começa um pouco mais cedo. Fica bem ao lado do Pólo Forró Pé-de-Serra, muito freqüentado durante os festejos juninos de Arcoverde, também por estar posicionado entre os palcos que estão na Praça Virgínia Guerra e entorno.

A palhoça do SESC, como também é conhecido o Pólo Forró Pé-de-Serra, atrai um grande público. É um espaço bem popular e freqüentado por todos, sem exceção, sendo a preferência de alguns moradores entrevistados para esta pesquisa. O público é bem diversificado, com a predominância de homens, casais, geralmente de meia idade. Dependendo da noite, essa composição do público muda um pouco. Através das entrevistas, notou-se que tanto a população como os visitantes conhecem e freqüentam esse espaço, mas percebeu-se também que muitos vão apenas para dar uma olhada, uma passada, como eles colocaram.

Como o nome do pólo, a palhoça tem em sua programação apenas forró pé-de-serra. São bandas e forrozeiros da região que possuem pouca fama, mas que estão dispostos a tocar para um público fiel e animado. Apesar de ter uma programação fixa, de apenas uma atração por noite, alguns dias, mesmo não estando na programação oficial, havia mais de uma atração, geralmente grupos ligados ao SESC, parceiro na viabilização do espaço. Suas atrações não são exclusivas, já que alguns dos artistas também tocam em outros pólos como o de Arte e Cultura e o Cruzeiro. É fácil verificar que seus freqüentadores estão ali quase todos os dias da festa. O pólo tem uma estrutura de palhoça, com um palco e um bar. Seu espaço fica dividido

agitadas da festa, o beco fica cheio e os bares ao lado colocam som mecânico e todos ficam dançando, conversando e bebendo.

entre o salão para dançar e as mesas que se localizam ao redor do salão e mais ao lado direito do palco.

Figura (1) 11 – Entrada do Pólo Forró Pé-de-Serra

FONTE: Priscilla Marques Jun/08

Seus shows se iniciam às 22h ou 23h, ficando até as 2h, mas isso varia bastante. Houve dias em que esse horário se estendia ou também era encurtado. Esse pólo é uma parceria da prefeitura com o SESC Arcoverde, por isso a referência do SESC no nome popular do pólo.

Ainda no entorno da Praça Virgínia Guerra, fica o Pólo Alternativo Forrock, a proposta mais irreverente do São João de Arcoverde. Numa festa em que as fronteiras de caracterização das manifestações são bem delimitadas, o rock entra na contramão dessa rede de atributos comuns aos festejos juninos. Esse pólo divide as opiniões dos visitantes e dos moradores. Possui um público bem reduzido em relação aos outros pólos do evento, porém já está estabelecido na festa há mais de quatro anos. Teve sua noite mais movimentada no dia 22 de junho, com o show de Devotos, banda de punk rock do Recife. Sua programação é composta por bandas locais e da região. O Forrock teve programação para todas as noites do evento, exceto a quarta, dia 25. Quase todos os dias, seu programa contou com a participação de duas bandas – no dia 21 apresentaram-se três bandas. Apesar de dividir opiniões, esse pólo está bem consolidado para o poder público local e serve para engrossar a lógica de multiculturalidade pelo qual a festa vem se caracterizando, de que o festejo possui muitos estilos musicais apesar de ser uma festa de São João de interior. Mesmo tendo o apoio da prefeitura, esse pólo é o que tem a infra-estrutura mais precária em termos de palco, som e iluminação. Em frente ao palco, o Bar do Reggae torna-se, então, o principal ponto de apoio

do Forrock. Reuniu o mesmo grupo que freqüenta esse palco e dispunha de som mecânico, fazendo a "festa" nos dias e horário que não havia programação oficial. Esse pólo, provavelmente, se justifica pela existência do Sistema Calango, movimento de bandas de punk, *grunge* e *hard core* em Arcoverde. Seu público é composto notadamente por jovens vestidos de preto que preferem o rock às manifestações costumeiras do período junino.

Com a leitura dos pólos no mapa acima e de sua caracterização, consegue-se visualizar na festa duas polarizações nessas praças. Mesmo que a prefeitura a divida em muitos outros pólos, são as praças que vão soerguer um embate de posicionamento para os participantes da festa. Tanto a Praça da Bandeira como a Virgínia Guerra, são locais usados pela população para a prática do lazer. Durante o São João, elas rivalizam. Parece-me que o Bandeirante é a festa da homogeneidade e a Virgínia Guerra é a festa da diferença. Na primeira, os aspectos ligados à midiatização do evento são bem mais visíveis. O público que ali se instala, busca a festa junina semelhante às grandes festas do Nordeste. É a única programação divulgada com antecedência, merecendo os eventos de lançamento em Arcoverde e em Recife. Já a segunda, tenta remeter seus participantes ao passado, as antigas festas de interior, íntimas, familiares, pequenas, elencando os artistas locais como principal atração. Nesse espaço, a busca pelo "autêntico" se mostra como uma das formas de consumo que os visitantes oriundos dos centros urbanos elege para marcar uma identidade. Mesmo que a escolha em estar numa praça ou na outra seja marcador de identidade, é também forma de consumo do São João. Não impede, contudo, que esses grupos circulem em todos os pólos, escolhendo em qual ficar a partir de sua programação. Mesmo que os visitantes de Recife prefiram a Virgínia Guerra, na véspera de São João preferem ficar no Bandeirante por sua programação, que conta com os artistas locais, principalmente o Cordel do Fogo Encantado e o Coco Raízes de Arcoverde. Como coloca Canclini(1999, p.78), "consumir é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modo de usá-lo". Essa circulação permite também a interação social dos grupos, que, mesmo com demandas diferenciadas na festa, relacionam-se intensamente no São João arcoverdense.

Longe do centro da festa, outro local foi transformado em pólo pela prefeitura, o Cruzeiro, hoje denominado de Pólo Alternativo do Alto do Cruzeiro. O pólo teve sua origem numa festa organizada pelo Samba de Coco de Raízes de Arcoverde e o Manguaças Bar, em frente à sede do coco e do bar. Sempre acontecia à tarde, não competindo com a programação da prefeitura no Bandeirante por ser em outro horário e, por isso, terminava por atrair um grande público. Cresceu bastante a ponto de não mais caber na rua. Com seu crescimento, a prefeitura, então,

entra no processo para dar suporte a esta atividade, ofertando uma infra-estrutura mais adequada e com isso muda o palco de lugar, levando-o para o Largo do Cruzeiro. Mas, as mudanças não pararam por aí. A festa gerida pelos locais passa a ser de responsabilidade da prefeitura. Alguns dos organizadores originais, por sua vez, ficam de fora, a partir de então, das escolhas sobre programação e estruturação do que agora se tornou o Pólo Alternativo Alto do Cruzeiro. Mesmo assim, o pólo possui uma grande identificação com o Samba de Coco Raízes de Arcoverde. Esse pólo não possui programação nos onze dias de festa, apenas em oito dias, concentrando suas atividades nos finais de semana e nos dias principais da festa como véspera e dia de São João e continua a tarde, não concorrendo com a programação dos pólos centrais. Sua programação é bem variada, com forró pé-de-serra, forró estilizado, maracatu, coco de roda e samba de coco e geralmente conta com os artistas locais e da região, formato bastante parecido com o Pólo de Arte e Cultura. Possui de duas a três atrações por dia e inicia seus shows, geralmente, a partir das 15h. O Coco Raízes de Arcoverde se apresentou duas vezes em 2008 e sempre atrai uma grande público. Mas, a predominância é de forró nessa programação, sendo das 16 atrações apresentadas, 10 bandas e artistas de forró. É bastante procurada tanto pelos habitantes locais, como pelos turistas de longe e de perto. Seu público é bastante variado em idade, grupo social e faixa de renda. O palco é montado em um ponto turístico do município, um mirante que permite visualizar toda a cidade de Arcoverde, reverenciada nas músicas do Cordel do Fogo Encantado: “Alto do Cruzeiro, o meu olho avoa de lá”. É um dos locais mais animados e mais citados pelos entrevistados, tanto entre os moradores como entre os visitantes.Tem uma estrutura própria com banheiros químicos, bares e barracas de comidas e bebidas, já que fica nas margens da BR 232, mais afastado do pólo central da festa.

Em resposta a essa exclusão que os antigos organizadores do Cruzeiro sofreram por não mais participar da gestão do agora Pólo Alternativo do Alto do Cruzeiro, algumas táticas foram criadas para reagir a isso. Na Rua José de Siqueira Brito, onde antes a festa do Cruzeiro acontecia, continua com um minipalco, com uma programação paralela ao pólo oficial do Cruzeiro. Contudo, em 2008 esse palco não foi colocado, somente os carros com os capôs levantados tocando forró estavam presentes nesse mesmo espaço que parece ser legitimado como um espaço da festa. Além disso, o pessoal do Samba de Coco Raízes de Arcoverde criou um espaço chamado Recanto do Coco, localizado acima da BR232. Esse espaço foi montado antes do São João e já possuía uma programação: nos sábados forró e nos domingos

samba e pagode. Durante a festa houve também uma programação especifica para os dias de festa, pensada, primordialmente, para os turistas.

Ainda em fase de teste, o Pólo da Poesia, um pólo de degustação, de acordo com o secretário de turismo, também se localiza longe dos pólos centrais. Pólo de degustação é nome dado aos novos pólos que apesar de não estarem na programação oficial da festa a compõe contando com uma estrutura ofertada pela prefeitura. Se aprovado pelos participantes da festa, viram pólos oficias no ano seguinte. Foi o que aconteceu ao bar Budega da Poesia em São Cristovão, bairro mais periférico de Arcoverde. A Budega da Poesia organizou uma programação para os dias de festa e pediu à prefeitura ajuda em relação à instalação do palco e do som. Foi atendida, porém não entrou na programação oficial. Mesmo assim, recebia um bom público, tanto os moradores locais que já freqüentam o bar, para prestigiar, como os visitantes, para conhecer. O pólo tinha, além de forró, poetas recitando entre uma atração e outra. Sua programação iniciava-se à tarde, entrando pela noite. Concorre com o Pólo do Cruzeiro, tornando-se uma excelente estratégia para dividir o público e assim descongestionar o Cruzeiro, porém o que se viu foi o público indo mais cedo para a Budega, por volta das 15h e no início da noite seguindo para o Cruzeiro. Provavelmente, estará integrando a programação oficial da festa no ano que vem. Também não compete com os pólos que se localizam nas praças centrais da cidade, pois não são no mesmo horário.

Figura (1) 12 – Pólo da Poesia, palco montado em frente ao bar Budega da Poesia.

FONTE: Priscilla Marques Jun/08

A estrutura em pólos elaborada pela prefeitura nos ajuda a entender o evento como uma festa de todos. Essa reflexão se dá, primordialmente, pelo esforço que a prefeitura faz para

atender os diferentes públicos presentes no evento. Eles são colocados como não homogêneos, por isso, dentro dele, é possível encontrar espaços específicos para cada um dos públicos.

1.2 A GESTÃO DA FESTA

Como foi colocado aqui anteriormente, São João de Arcoverde é organizado e executado pela sua prefeitura municipal, através de um comitê gestor. Esse comitê gestor, criado em 2005, tem o intuito de descentralizar as ações em prol da festa, já que antes ela ficava a cargo da Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico. Tem como presidente a secretária de ação social e cidadania, também primeira dama da cidade, e como membros a coordenação de turismo e eventos, a coordenação de indústria e comércio, a coordenação de infra-estrutura e a coordenação de cultura. O comitê se reúne e toma as decisões sobre o evento, delegando as devidas atribuições dos membros e fiscalizando as ações.

A execução da festa conta ainda com a contribuição de duas empresas: O&M e Publikimagem que atuam em sua produção e divulgação. Além disso, o comitê conta ainda com a contribuição de produtoras que negociam as atrações para o evento.

A organização da festa se pauta pela escolha do tema que norteia, a partir de então, a estrutura do festejo, de sua decoração e programação. Com a definição do tema, traça-se uma grade preliminar que se vai confirmar de acordo com a agenda dos artistas escolhidos. Essa grade é feita com base na do ano anterior e formulada pela Secretaria de Turismo, na pessoa de Albérico Pacheco, atual secretário da pasta. Ele loteia as atrações com produtoras que trabalham para contratar os artistas e as bandas. Contudo, a decisão final da programação é do comitê e do prefeito.

Na realidade, a amarração da programação vai depender das outras festas juninas. Festas Juninas como as de Caruaru e de Campina Grande, maiores, com mais prestígio e com um retorno de mídia mais consistente, logo fecham suas grades com os artistas de peso, para as datas que elas julgam ser as mais apropriadas, e as festas menores e que estão se firmando têm que se contentar em montar sua programação de acordo com as outras festas. Isso aconteceu com Arcoverde que queria Fagner para completar a grade da véspera de São João

dia 23, mas ele já tinha fechado com Campina Grande. Anunciaram também Arreio de Ouro, tinham fechado com eles, mas a banda recebeu uma proposta que pagava muito mais, no sul da Bahia, e cancelou a ida à Arcoverde. O entendimento da secretaria é que Arcoverde precisa se organizar mais e se antecipar nos contatos com os artistas. Inclusive, na data em que foi realizada a entrevista com o secretário, dia 03 de julho de 2008, com quatro dias da festa encerrada, a programação preliminar da festa de 2009 já estava toda traçada. Verifica-se que esse aspecto do São João também segue a lógica do mercado. O status que a festividade adquire também influencia na decisão da banda ou do artista de fechar com uma ou outra localidade. O retorno financeiro – valor do cachê - e a divulgação e mídia que o evento atinge – cobertura dos meios de comunicação sobre a festa e suas atrações – são elementos que a gestão do festejo tem que levar em consideração ao montar a sua programação, quanto pode pagar e que retorno de mídia terá com essa atração. Os cachês dos artistas variam de acordo com a data do show, então, Arcoverde não consegue na noite do dia 23 trazer uma banda mais popular. O que parece ser uma tradição e propositadamente um posicionamento da festa de manter seus artistas locais como o Coco Raízes e o Cordel na noite de São João foi uma casualidade que deu certo. Como inicialmente a festa não tinha muito recurso para trazer atrações famosas para essa noite, optou por colocar as bandas da terra que eram mais baratas e acessíveis, ao que se soma o fato de terem reconhecimento artístico fora da cidade. Por conta disso, a mídia divulgou essa noite como uma excelente estratégia da cidade em valorizar seus artistas, colocando-os na programação e se diferenciando de outras festas juninas do Nordeste. O que foi um arranjo econômico – no caso do Cordel do Fogo Encantado – e um arranjo de palco para não deixar o público esperando muito entre uma atração e outra – no caso do Samba de Coco Raízes de Arcoverde – termina por caracterizar a festa de Arcoverde. A dobradinha desses dois artistas de Arcoverde trouxe um contorno diferenciado à noite de São João na cidade, denotando, principalmente, aos turistas do Recife que a festa em Arcoverde valoriza os artistas locais e com isso respeita a tradição. A secretaria, percebendo esse julgamento dos visitantes, estabelece essa programação e a repete seguidamente por mais de cinco anos, fazendo com que a população e os visitantes reconheçam essas atrações como uma tradição na festa do município. Mesmo não havendo unanimidade em relação a essa repetição na programação, pois há visitantes e moradores locais que reclamam que não existe criatividade para o dia 23, essa se tornou a postura da organização do evento: valorizar os artistas locais, colocando-os em toda a grade da festa. Segundo Albérico, os artistas locais compõem 90% dos pólos de Arcoverde e 30% da programação do pólo principal.

Esse uso do que é natural de uma terra, local, é bastante comum nas festas juninas, pois, muitas vezes, isso qualifica o evento. Com Arcoverde não está sendo diferente. Colocar suas manifestações culturais como atrativo do festejo adquire um *status* de duplicidade de sentidos. É interessante para os grupos culturais e artistas que, dessa forma, encontram mais espaço para suas apresentações, contribuindo assim para sua permanência; e também para a festa que atrai muito mais visitantes por ter em sua programação seus artistas populares.

A programação é bastante relevante na decisão de escolha dos participantes, sejam moradores ou visitantes, para comparecer a um evento. Diante disto, e buscando uma aceitação e integração da comunidade local com o festejo, a prefeitura de Arcoverde fez um lançamento dessa programação no SESC no dia 28 de março. Muitos dos moradores entrevistados colocaram esse evento de lançamento como uma das formas de conhecimento da programação do São João. Além das ações estratégicas de divulgação das atrações, politicamente, esse evento é uma forma de o prefeito se aproximar de sua população, mostrar que quer o apoio dela nas ações desenvolvidas para a festa. Além disso, em 2008 a prefeitura, de forma inédita, também lança a festa em Recife, contando com o apoio ostensivo da mídia televisiva e impressa, especialmente TV e jornal. O evento destinado à imprensa demonstrou o interesse da cidade em entrar de vez no circuito das grandes festas juninas do nordeste.

Esses eventos de lançamento são usados também como estratégia de divulgação do São João. Em 2008 teve uma ampla cobertura da imprensa que terminou por divulgar ainda mais o festejo, inclusive com chamadas ao vivo nos telejornais. Além dessa mídia espontânea, anunciaram nas rádios FM da região de entorno e também na TV Asa Branca, TV Jornal Caruaru e TV Rede Globo Nordeste. Contaram ainda, de forma pioneira, com A TV LW, TV online de um grupo de empresários da cidade, que, de forma inédita, cobriu toda a festa, transmitindo-a via internet. A presença dessa mídia na festa contribui efetivamente para seu crescimento e para a vinda de novos visitantes. Albérico colocou que muitos turistas o procuraram no domingo para encontrar casa para alugar, pois vieram depois que viram a cobertura da festa na noite de sábado e julgaram, através dessas imagens, que Arcoverde era a melhor opção.

A secretaria conta ainda com dois parceiros para a realização da festa, o SESC que gerencia o Pólo Forró Pé-de-Serra e a AESA, o Palco de Arte e Cultura. Eles partilham os custos do pólo. Em contrapartida, a marca dos parceiros se destaca nesses espaços, às vezes até nomeia, como é o caso do SESC, já que muitos na cidade chamam o Pólo Pé-de-Serra de

palco do SESC; e a decisão sobre a programação, que é elaborada pelos parceiros com o auxílio da secretaria, e depois colocada para o prefeito e para o comitê da festa.

Ser multicultural faz parte do discurso oficial da festa. Os comunicadores do evento, os apresentadores dos palcos falavam o tempo todo: "a maior festa multicultural do Nordeste". Os carros de som que rodavam na cidade repetiam esse bordão, e o secretário de turismo reafirmou esse posicionamento.

Em Arcoverde, o poder público ao agir assim, parece procurar situar sua festa no modelo que se tornou bem sucedido ao ser adotado pela prefeitura do Recife. Na capital, o uso do termo coincide com um notável crescimento e destaque nacional do carnaval. Não vou discutir aqui se o termo multicultural é ou não pertinente para qualificar o carnaval recifense. Mas, seguindo a definição de Hall (2003), o modelo de São João de Arcoverde certamente não é multicultural. Seria mais adequado pensar com Canclini (1983), que analisa as reconfigurações das festas populares como sendo decorrentes do objetivo de oferecer aos seus participantes aquilo que eles desejam consumir. Seguindo ainda Canclini (1999) em obra mais recente, o modelo de festa é de segmentação das atrações para contemplar diferentes estilos de vida. Entretanto, as diferentes atrações estão distribuídas espacialmente de forma que são separadas mais interligadas, permitindo circular em diferentes espaços, mais do que segregar os grupos de acordo com o gosto para afirmar uma identidade. Mas, as iniciativas do Pólo do Cruzeiro, junto com a Budega da Poesia parecem sinalizar para a existência de grupos locais que buscam durante o São João dar relevo a símbolos que seriam específicos de Arcoverde, no caso o coco e a poesia popular.

Diante disso, o governo municipal se posiciona para sua população e para seus visitantes, que ele já parece conhecer bem o perfil. A manutenção das tradições da festa vira estratégia para a manutenção do público de fora que vem à cidade. Fala-se de questões de memória, valorização da cultural local, mas, mais que isso, coloca-se que "ser tradicional" é o que atrai o turista. Com essa aquiescência, a programação é montada com muitos artistas locais. Como o destaque da festa são as atrações nacionais, muitos julgam que o evento é só isso. Tirando o palco principal, onde as atrações de renome se apresentam, os outros pólos, Arte e Cultura, Alto do Cruzeiro e Forró Pé-de-Serra, colocam os grupos locais e ligados à cultura das festas juninas. Esses pólos são os mais freqüentados pelos visitantes e também por aqueles que vão à festa com a família, com os filhos, para mostrar "uma real festa junina".

Há uma grande preocupação por parte da gestão do evento com os visitantes. Muitas das ações feitas para a festa são pensadas para satisfazê-los. Foram realizadas várias reuniões

com os hoteleiros, donos de bares e restaurantes, polícia militar e civil – que montou a delegacia do turista e da mulher durante o período do festejo – para pensar formas de melhor atender a esse público. Contudo, nem todos conseguem enxergar a festa de forma estratégica para seus negócios, pois não mudam suas posturas para atender um número maior de clientes. Isso é notado tanto pelo gestor, quanto pelos visitantes. As principais queixas dos turistas entrevistados são em relação aos serviços gastronômicos da cidade. Talvez isso aconteça porque nem todos os empresários do setor tenham acompanhado o crescimento do evento, percebam que há um número bem maior de pessoas circulando na cidade que possam ser seus consumidores, ou simplesmente porque eles não estejam dispostos a sacrificarem seus momentos de lazer para abrir seus estabelecimentos. A gestão da festa se preocupa com isso, mas julga que em pouco tempo o empresariado local entenderá que precisa mudar para o evento e assim o fará, sendo grandes parceiros de sua realização.

A festa demanda um grande investimento da prefeitura, que banca 60% do total necessário para sua realização, sendo somente 40% viabilizado através dos patrocínios. Todavia, eles compreendem que esse recurso gasto entra como investimento porque há um retorno considerável para o município devido à entrada de divisas com os visitantes que consomem os serviços turísticos, geração de trabalho e renda e, mais que isso, reconhece que a festa gera mais visibilidade à cidade, melhora seu posicionamento perante os outros municípios e aumenta a auto-estima dos arcoverdenses, gerando um sentimento de "arcoverdilidade". A intenção do setor público municipal é que a festa daqui a dois anos seja auto-sustentável.

O esforço dos organizadores do São João é recompensado quando se verifica uma imensa aprovação popular do evento. Tantos os moradores como os visitantes entrevistados aprovam o seu formato, avaliando positivamente as ações da prefeitura. A visão desses dois públicos é de fundamental importância para a compreensão da atual conjuntura do festejo. Os capítulos que se seguem tentam desvendar como eles enxergam o São João arcoverdense e como isso se relaciona com a sua gestão.

2 A FESTA NA VISÃO DOS MORADORES LOCAIS

Uma festa, para ser entendida enquanto tal, necessita da participação das pessoas. Essa participação é o que faz a festa ser compreendida por aqueles que dela participam como algo próprio, como algo que lhes pertence. Assim também acontece em Arcoverde com sua festa de São João. Apesar de ela ser organizada pela prefeitura e de ter pouca participação popular nessa organização – como iremos analisar posteriormente percebe-se uma forte identificação da população de Arcoverde com o evento, principalmente se verificamos a sua presença forte e assídua, o modo como eles se referem ao festejo, julgando-o sempre positivamente, além de estabelecê-lo como momento de retorno à terra natal daqueles que migraram. Entender como se dá a participação da comunidade local na realização da festa vai nos permitir enxergar o lugar dela na vida social dessa comunidade.

Ficou fácil perceber durante o trabalho de campo como a festa é aguardada e ansiada por todos, inclusive por aquele que não gostam e não participam dela. Cada um tem um motivo maior para esse frenesi. Como todo momento de festa, alterações na rotina das pessoas acontecem. Elas saem mais, vivem mais aventuras, conhecem pessoas novas, entre outras atividades que costumeiramente não fazem ao longo do ano, acumulando essas atividades àquelas praticadas no seu dia a dia. A festa também incrementa o lazer desses cidadãos.

É notável também verificar o orgulho dos arcoverdenses pela festa, mesmo que eles diretamente pouco façam por sua organização oficial. Para a maioria dos entrevistados, participar, usufruir de sua programação é o que importa nessa ocasião. O orgulho aparece quando eles percebem a presença do visitante se divertindo e usufruindo da folia junto com eles. A presença desses visitantes ajuda a elevar a auto-estima dos arcoverdenses à medida que esse número de turistas cresce a cada ano. Essa constatação, afirmada na maioria das entrevistas com os moradores locais, influencia também na forma como essa população se relaciona com festa e com o poder público municipal que a organiza.

2.1 A PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO LOCAL NO SÃO JOÃO DE ARCOVERDE

Como colocado anteriormente, a festa atualmente é gerida pela prefeitura municipal de Arcoverde, através de um comitê gestor que fica responsável pela organização e execução do evento. Cabe a esse comitê também deliberar sobre a programação proposta pela secretaria de turismo e pelos parceiros da festa, SESC e AESA. Visualizando, a partir das entrevistas e da observação, a aprovação popular que a festa tem, discutir a participação desses moradores seria uma caminho para compreender sua excelente avaliação e sua legitimação enquanto uma festa do povo e para o povo, mesmo que esse povo não participe efetivamente de sua gestão. A maioria dessas festas – criadas e geridas, inicialmente, por uma comunidade – cresce e às vezes passa sua gestão para poder público, que possui mais condições de administrá-la, principalmente quando ela extrapola os aspectos locais, quando começa a se expandir e receber um público de fora, necessitando de uma infra-estrutura que suporte essa nova demanda. Em Arcoverde, a trajetória de sua festa junina inverte essa ordem. O poder público municipal foi quem determinou as mudanças e o novo rumo que o festejo tomou, transformando-o em uma estratégia política, pois ver a festa como um momento de movimentar a economia local e também de ofertar aquilo que seu povo deseja: diversão, lazer e entretenimento. O São João, visto dessa forma estratégica, se transforma também em atrativo turístico, explorando as manifestações culturais peculiares ao período junino e a Arcoverde.

Em Arcoverde, percebe-se uma apropriação da festa por parte dos moradores. Com a entrada do Estado em sua organização, vê-se que não houve grandes mudanças nos rituais performáticos durante o evento, talvez por isso os residentes não vejam tanto problema nessa intervenção do poder público na gestão da festa. O evento a eles pertence, mesmo que eles não o organize. Para E. Lima (2002, p. 63), "é necessário que a festa se institua como um evento da cidade e de seu povo, pois esta parece ser a condição de sua transformação em prática". De Certeau (1994), ao estudar as formas de apropriações do povo sobre o que é estabelecido pelas instituições, dá-nos pistas de como os arcoverdenses pegam o estabelecido pela prefeitura para a festa e o adaptam para suas práticas do período junino. Exemplos dessas apropriações, entendidas como táticas, estão presentes em todo o tempo do festejo.

O Samba de Coco Raízes de Arcoverde, há uns anos, era um dos responsáveis pela organização da programação no Alto do Cruzeiro, em frente a sua sede. Com o crescimento do São João de Arcoverde e a visibilidade que o evento no Alto do Cruzeiro adquiriu, a prefeitura passa a gerir esse evento a partir do estabelecimento da política de pólos, deixando de fora das decisões sobre o então Pólo Alternativo do Alto do Cruzeiro seus antigos

organizadores. Diante da impossibilidade de intervir e decidir sobre o pólo, o grupo se organiza e abre um espaço em 2008, perto do Cruzeiro, denominado de Recanto do Coco. Nesse espaço, o grupo tem de volta o poder de decisão, definindo sua programação e atrações e aproveita a oportunidade do São João e da presença dos turistas para dinamizar o espaço com a venda de alimentos e bebidas, lembrancinhas do Coco e de Arcoverde, entre outros artigos ligados ao grupo.

Outro exemplo que fica claro enquanto tática é a forma como os comerciantes se organizam no Beco do Pastel. Muitas vezes, sem respeitar as determinações da organização do São João, que proíbe o som mecânico durante o momento dos shows oficiais da programação do Pólo Central da Praça da Bandeira, os comerciantes que abrem seus bares no período da festa junina, sejam dos edifícios do beco, ou dos quiosques da praça, colocam suas seleções musicais, que agradam em cheio o público presente no espaço, criando uma "festa" na festa.

Ainda sobre a gestão do São João, quando questionados durante as entrevistas sobre como é a organização da festa, quem organiza e como acontece, nota-se que um pouco mais da metade dos moradores entrevistados afirmaram ser a prefeitura a organizadora.

> *A organização é a parte da prefeitura, né? Aí eu num posso falar muito porque a gente tem a parte da gente do artesanato, aí a organização a gente sabe que é com a prefeitura*...(Morador 15, 43 anos, auxiliar de laboratório e artesã)

A posição da prefeitura de organizadora da festa, apesar de não ser de conhecimento de todos, parece-me validada perante a população de Arcoverde. Nesse caso, a prefeitura assume esse papel e organiza o evento, tentando agradar os de dentro e os de fora da cidade. O morador 1(22 anos, garçom) coloca, ao ser questionado sobre a organização da festa:

> *É, eu sei que, com a ajuda do prefeito e os secretários de cultura e de turismo. Eu sei que eles organizam. É a Secretaria junto com a prefeitura, eles procuram sempre fazer o melhor pra festa e pra população e pras pessoas de fora, né? Ai o pessoal tá sempre voltando e sai daqui ter muita coisa a dizer, pra conhecer e trazer outras pessoas*.

Mesmo alguns moradores tendo respondido como o São João de Arcoverde é organizado, o que se destacou na análise das respostas das entrevistas é que a maioria dos moradores entrevistados desconhece os procedimentos da organização da festa. Mesmo não conhecendo, isso não soa com um problema, afinal é como se fosse responsabilidade do

estado gerir o evento. Essa função do estado está bem delimitada nas festas populares do nordeste brasileiro. Em Recife, foi a prefeitura, nos anos 1990, quem deu uma guinada em seu carnaval. Essa intervenção trouxe uma mudança significativa à folia recifense que, além dos tradicionais blocos e troças que saíam durante o período, passa a ter uma programação de shows em áreas centrais – Recife Antigo, Santo Antônio, São José e Boa Vista – e áreas periféricas. Em Natal, como coloca Chianca (2006), a prefeitura entra como mediadora da festa – termo que ela prefere utilizar – entretanto, os objetivos dessa mediação são diferentes dos de Arcoverde. Enquanto Natal, na década 50, está presente na gestão da festa para garantir a ordem pública e a segurança, Arcoverde organiza seu São João pensando em ofertá-lo como produto. Em Campina Grande, apesar de o estado já organizar anteriormente o festejo, só é na década de 1980 que ele o faz com base num projeto de transformá-lo num grande evento turístico. Para E. Lima (2002, p 61), "(...)a festa assume um contorno diferente, ela passa a ser a expressão da administração municipal, é o prefeito quem constrói e a torna um fato concreto, real, um evento sem precedentes na e para a história do município".

Essa identificação do crescimento da festa com o prefeito também existe em Arcoverde como relatado inicialmente. Muitos atribuem o incremento do evento a Rosa Barros, como se ela fosse quem iniciou a proposta de transformar o São João de Arcoverde na festa grandiosa que é hoje. Outros colocam que a festa está deste modo por causa de Zeca, que investiu nela e trouxe os artistas de renome nacional. Esse incremento na programação do festejo, para muitos arcoverdenses, é o que faz a festa ser entendida como grande e imponente.

Em relação à grade da programação, nota-se também que não há a colaboração popular para as escolhas, mas, mesmo assim, ela é aprovada pela população, que só se queixa da falta de bandas de acordo com o gosto pessoal. Mesmo reconhecendo que não há uma participação popular na montagem da programação, alguns moradores entrevistados terminam por defender a gestão municipal, ao colocar que o prefeito conhece seu povo, por isso acerta na programação, como se vê no depoimento do morador 22(36 anos, consultora de vendas): *como o prefeito é uma pessoa que investe muito na cultura, ele já conhece até os gostos do povo dele, do povo que elegeu ele, entendeu?*

Porém, não se deve deixar de ressaltar que a maioria dos moradores entrevistados também não sabe como é e quem monta essa programação. Pode-se pensar que exista uma forte alienação e distanciamento do povo das decisões do poder público municipal ou que isso, para a maioria das pessoas, não seja importante. Vemos que a participação que realmente

importa é a ida à festa, a seus pólos, é aproveitar os shows e os artistas que ali estão. Verifica-se essa participação mais intensa somente durante o período do evento oficial, integrando-se àquilo que ele oferta, ou se forem contratados para trabalhar em sua organização.

Muitos dos entrevistados quando questionados sobre como a população participa da organização da festa colocam que a população até participa, mas como trabalhador temporário para montagem da decoração, dos palcos e da infra-estrutura da festa.

> *Eu sei que tem muita gente assim, que é amigo das pessoas que são organizadores e que dão assim uma força pra organização. Organização assim: de bandeirinhas, de barracas, essas coisas assim. Fora o pessoal que trabalha né? Tem um pessoal que dá força assim, mas tirando isso...*(morador 1, 22 anos, garçom).
>
> *Participa assim, é contratado pra ajudar, né? Algumas contratações pra ajudar. A ornamentação da festa...* (morador 9, 26 anos, recepcionista).
>
> *Em termos de... Pelo menos eu conheço pessoas que trabalharam na ornamentação. Essa minha amiga mesmo ela trabalhou na ornamentação* (morador 14, 26 anos, empresária).

Fica claro que a população até participa da organização do festejo, mas não de suas decisões. Para alguns entrevistados, seus depoimentos não demonstraram uma conotação pejorativa, aliás, para muitos esse trabalho temporário, esse tipo de participação na organização do festejo é bastante positiva, mostra que a prefeitura prioriza e valoriza a mão-de-obra local, aspecto bastante relevante quando se pensa a festa a partir dos dividendos que ela possa gerar. Esse fator econômico que a organização da festa carrega justifica muitas das ações dos seus gestores e é amplamente percebida pela população, que coloca o turismo como uma ferramenta para o alavancamento da economia local durante o evento[16]. Em Arcoverde, a transformação da festa se deu a partir de uma determinação política pautada no interesse econômico e de mercado.

Muitos moradores, alheios a todo esse processo da organização do evento, se preocupam mais em como irão usufruí-lo e como adequarão o seu dia-a-dia aos dias de festa. Quase todos os entrevistados afirmaram haver mudanças no seu cotidiano, mas as julgaram como positivas. É uma mudança esperada, aguardada, ansiada. Durante o trabalho de campo, nos dias que antecederam o início oficial do evento, foi fácil visualizar a cidade já no clima festivo. As pessoas nas ruas, nas lojas, nos bares, nas praças só falavam de suas expectativas em relação ao São João. Ao contrário do fim do evento, em que a desmontagem da festa é

[16] Canclini (1983) posiciona a transformação da festas como excelente elemento para visualizar a função econômica dos fatos sociais.

feita de forma bem rápida, a montagem dela se estende por mais tempo, como uma lenta preparação do município para se acostumar com seu novo ritmo. Os moradores entrevistados afirmaram que gostavam das mudanças. Alguns ainda ressaltaram que dez dias de festa é pouco. As queixas se davam apenas pelo cansaço de acumular as atividades diárias com as do momento festivo, contudo eles não viam isso como problema.

> *Muda assim, que eu trabalho, né? Aí curto a festa, né? Aí no outro dia vou trabalhar assim meio cansado, mas querendo ou não sempre tô mais animado porque eu sei que no outro dia vai ter uma banda legal, eu vou tal, é aquela coisa assim, muda um pouco só. Muda só um pouco* (morador 1, 22 anos, garçom).
>
> *Eu perco a manhã toda dormindo, e é...a refeição também muda, eu fico sem a 1ª refeição do dia. E num é normal, eu num assisto TV, como faz no dia-a-dia, e acorda, toma banho e vai logo pra festa de novo* (morador 7, 15 anos, estudante).
>
> *O cansaço, né? Que fica porque vem trabalhar com sono, muda isso* (morador 12, 38 anos, atendente de escritório).

DaMatta (1997) coloca que o momento da festa, visto como extraordinário, é distinto do cotidiano. Entretanto, em Arcoverde, durante o período da festa junina, o extraordinário vai existir, contudo o cotidiano corre em paralelo aos momentos vividos durante o festejo, não há sua ruptura. Poucas são as pessoas que deixam de realizar suas atividades rotineiras para viver exclusivamente a festa. Somente os visitantes que deixam seus locais de residências e viajam para uma outra cidade se encontram imersos somente nas atividades e programações da festa. Como em Pernambuco São João é feriado, há pelo menos um dia, durante o período junino, que permite uma frouxidão – e não rompimento – das ações rotineiras. Para Guarinello (2001, p.971), a festa deve ser entendida "como uma estrutura do cotidiano, ou, antes, como parte da estrutura do cotidiano de todas as sociedades humanas, como um produto necessário desse cotidiano". Sua proposta é "ver a festa, não como realidade oposta ao cotidiano, mas integrada nele", proposta essa bastante relevante para compreender a realidade em Arcoverde.

Poucos colocaram que não há mudanças no seu cotidiano, apesar de, no decorrer de seus depoimentos, revelarem o que muda. Parece apenas que eles não encaram isso como uma real mudança, ou que eles percebam essa mudança como um aspecto comum ao festejo, que vem acoplado ao sentido do festejar. Alguns inclusive colocam que ficar cansado faz parte do viver a festa. Quando questionados se gostavam dessa mudança, todos afirmaram que sim, que gostavam, adoravam essas mudanças.

Nada a reclamar. É uma mudança necessária. (morador 18, 28 anos, policial militar).

Alguns em suas falas demonstram o quão já estão acostumados e da necessidade de entender essas mudanças como algo de que não dá para fugir*:*

Gosto. Tem que se adaptar a ela, né? (Morador 9, 26 anos, recepcionista).

Em resumo, o tempo festivo é programado, previamente organizado, repete-se todos os anos, mas seu momento de realização altera a qualidade das relações entre as pessoas e o tipo de ação que delas se espera.Visualizam-se, mais claramente, as mudanças do dia a dia na forma como são realizadas as atividades habituais e mais essenciais do ser humano, como comer e dormir. Os participantes da festa dormem menos, em horários diferentes; comem menos em casa e mais na rua, comem pratos diferentes do seu cotidiano – inclusive os de milho, comuns ao ciclo junino; consomem mais bebidas alcoólicas, às vezes suprimem umas das três refeições principais. Alguns dos moradores entrevistados tiram férias para poder aproveitar bem a festa, já que o trabalho concomitante à participação no evento é uma das principais reclamações da população local.

Diferentemente da bibliografia sobre a relação cotidiano versus festa, o festejo junino em Arcoverde segue na contramão dessas constatações. Quando Duvignaud (1983) coloca que durantes as festas, a ordem e a estrutura são abolidas, visualizadas na possibilidade de burlar as posições sociais e hierárquicas no carnaval, a partir do uso de fantasias, por exemplo; percebe-se que nas festas juninas de Arcoverde esse tipo de inversão não acontece como no carnaval alguns possam pensar existir. Nas drilhas de Caruaru, até existe uma inversão de gênero, pois os homens se vestem de mulheres e as mulheres de homem, contudo isso não significa que há uma real troca de papéis na totalidade da vida social desse grupo. Em Arcoverde, o poder público organiza e controla a festa e seus conteúdos, estabelecendo sua ordem e estrutura. Mesmo que as táticas para burlar essas ordens existam, como afirma De Certeau(1994), elas não rompem com o estabelecido, apropriam-se da estrutura ofertada conforme suas necessidades de uso. Nem a inversão e a ruptura do cotidiano propostas por Da Matta (1997) ocorrem no São João de Arcoverde. Parece-me que o carnaval é o objeto paradigmático para essas conclusões e por isso se torna difícil sua visualização nas festas juninas.

Talvez a distinção maior entre o tempo cotidiano e o tempo festivo está no aumento da possibilidade de se estabelecer novas relações, mesmo que no carnaval e nas outras festas populares isso também aconteça. Martha Abreu (1999, p.102) afirma que as festas no período colonial brasileiro possibilitavam o encontro dos habitantes da cidade, "independentemente da sua situação jurídica, gostos estéticos e práticas culturais diferentes, abrindo a possibilidade para se criar sempre algo diferente e novo". Apesar do contexto histórico ser bem distinto, esta reflexão serve para indicar que o momento da festa continua sendo um momento de

encontro, encontro esse que pode se suceder entre diferentes grupos sociais que em outras situações não se encontrariam. Os moradores afirmam que o evento gera oportunidade de se fazer novas amizades, de arranjar novos pares românticos. Esse momento também é referenciado para alguns como uma mudança, já que no dia a dia as oportunidades de novos relacionamentos são reduzidas. Complementa-se a esse momento, a vinda dos visitantes, gerando mais opções para os moradores de estabelecerem novas amizades e romances.

A gente, assim, conhece os gatinhos, vai conversar com eles. (morador 2, 26 anos, doméstica).

Meu Deus, o que é que eu faço? Faço amizades, conhecer novas pessoas. (morador 22, 36 anos, consultora de vendas)

Quando questionados sobre a presença na folia, a maioria dos entrevistados afirmou não freqüentar os dez dias do evento, não indo todos os dias por conta do trabalho e das atividades cotidianas que nessa época se acumulam com as da festa. Cansaço foi o termo mais usado porque a maioria dos entrevistados continua a trabalhar no período do festejo. Alguns afirmam que tentam participar o máximo possível porque, para eles, o interior não tem muita opção de diversão.

O São João se caracteriza por ser um momento de coletividade, de encontro, como colocado acima. Poucos dos moradores entrevistados asseguraram ir sozinhos ao evento. Podem até ir sozinhos, mas terminam por encontrar outras pessoas, demonstrando a importância do estar com alguém, do compartilhar os momentos ali vividos. Os visitantes entrevistados também assumem a importância da companhia dos amigos no julgamento positivo que eles têm da festa. Sem os amigos a festa não teria a mesma graça.

2.2 A TRADIÇÃO DA FESTA NA VISÃO DOS MORADORES

O elemento tradição é bastante relevante na construção de significados importantes na conformação de uma festa popular. Os festejos juninos carregam inúmeras práticas e características que os colocam num patamar de festa tradicional. Alguns elementos são colocados como indicadores desta tradição, como, por exemplo: bandeirinhas decorativas, forró, comidas de milho, quadrilha, fogueira. Esses objetos e símbolos são facilmente reproduzidos em ambientes público e privado, independente do lugar ou da data. É a presença

e a repetição desses atributos que, algumas vezes, caracterizam a festa enquanto tradicional. Contudo, Menezes Neto (2008, p.12) ao refletir sobre a tradição a coloca:

> Como uma categoria em contínua reconfiguração mediante a forma como associamos e articulamos os elementos que a compõe, ações, sobretudo contextuais. Inevitavelmente os elementos são continuamente associados e articulados pelos sujeitos, com isso a tradição é continuamente revisitada e revista.

Entende-se, então, que são esses conteúdos simbólicos estabelecidos pelos sujeitos participantes da festa que constroem a tradição junina. Cada local constrói esses símbolos e reconhece seus significados, que podem mudar com o tempo. No Maranhão, os símbolos da tradição junina são diferentes (ALBERNAZ, 2004). O forró e o coco comandam a festa em Arcoverde. Já no Maranhão o comando da festa fica por conta dos bois. Em Arcoverde, o vatapá é considerado pela população uma comida típica do período junino, causando estranhamento aos visitantes de Recife que julgam o vatapá como uma comida baiana[17]. A reflexão de Menezes Neto acima instiga-nos também a ver a tradição como algo que se reconfigura continuamente. Hall (2003, p.243) coloca que a tradição "(...) tem pouco a ver com velhas formas. Está muito mais relacionada às formas de associação e articulação dos elementos". O São João de Arcoverde possui os elementos: decorada com muitas bandeirinhas coloridas, fogueiras, muito forró, de diferentes estilos, coco, comidas típicas, o que pode vir a facilitar o entendimento por parte dos moradores entrevistados que acham, unanimemente, que a festa em Arcoverde é tradicional. Hall (2003, p.243) complementa: "Os elementos da 'tradição' não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância". Por isso, há uma variedade de formas de entender e enxergar o que seja tradição. A unanimidade nos faz ver que esse *status* de tradicional é importante para que a festa seja de fato um destaque em relação às outras festas da região, e sua população saiba disso. Ter tradição é um requisito que coloca a festividade em uma posição estratégica diante das demais. Por ser tradicional, recebe mais atenção, mídia, patrocínio.

Dessa forma, tradição, no São João de Arcoverde, é uma categoria que o tem assentado em um patamar diferenciado em relação às outras festas juninas. Bornhein (1987, p. 18) entende que "através da tradição, algo é dito e o dito é entregue de geração a geração" e, assim, ela pode ser compreendida como um conjunto de valores que nos constitui. Percebendo

[17] Alguns moradores entrevistados colocaram a presença das comidas típicas na festa e listaram o vatapá entre elas. Já alguns visitantes colocaram que a festa não privilegiava tanto as comidas típicas já que a presença do vatapá era notória, em detrimento das comidas de milho, e ela não seria típica para o período e nem para a localidade.

a forma como a população de Arcoverde participa de seu festejo junino, entende-se, quiçá, por que todos os moradores entrevistados julgam-no como tradicional.

Entretanto, cada um compreende "ser tradicional" de forma diferente. A partir das respostas dadas ao questionamento se a festa de Arcoverde é tradicional, três grupos de entendimento puderam ser categorizados.

O primeiro grupo de entendimento afirma que a festa é tradicional porque se repete todo ano:

*É uma coisa que todo ano tem essa tradição, né? Que num deveria se acabar. Eu acho assim (*morador 6, 34 anos, agente de saúde*).*

Por conta que desde quando se iniciou, todo ano tem que ter. É uma tradição, né? (Morador 14, 26 anos, empresária).

Porque é uma festa que todo ano já se espera acontecer. Uma festa que já é programada no calendário de todo mundo (morador 20, 26 anos, atendente).

A bibliografia que trabalha com o termo tradição destaca essa característica. Estabelece-se uma relação de repetição e rito para condicionar a classificação das festas como tradicionais. O rito supõe a repetição (HOBSBAWN, 1984), ou seja, a constância da festa a transforma em ritual. O ritual da festa junina se encontra na mudança que o festejo proporciona. Muda-se o comportamento, as roupas, o que se come, o que se dança, dorme-se menos. Nesse momento podemos nos transformar em matutos, podemos usar roupas coloridas e que nem sempre combinam ou estão na moda, comemos comida de milho, dançamos muito forró. Encontra-se, então, uma prática própria para o período junino. Essa prática torna-se um rito da festa de São João e isso se repete todos os anos.

Para Albernaz (2004), a questão está na temporalidade que a tradição representa ao ligar o presente ao passado, contudo ela só é entendida dessa forma se assim for significada localmente. Hobsbawn (1984) ainda coloca que a tradição possui um vínculo com o passado, mesmo que seja um passado artificial, que nunca existiu de fato. A festa junina inspira um clima saudosista, de outros tempos, de infância, como citado pelos entrevistados, moradores e visitantes. Segundo Bosi (1987, p.53), "a memória é o centro vivo da tradição, é o pressuposto de cultura no sentido de trabalho produzido, acumulado e refeito através da História". A repetição da festa e seu sentido cíclico representam que a celebração hoje, vem sendo realizada há anos, e dessa forma, o São João de Arcoverde é legitimado como um festejo tradicional.

Inspira também um clima de interior, como se todos tivessem vindos de lá. Como se a origem do homem fosse o meio rural, longínquo. De fato, esse sentimento pode ser justificado porque ao longo dos anos a urbanização cresceu bastante no Brasil e fez a população se deslocar do interior para as capitais em busca de novas oportunidades, mudando o contexto demográfico, concentrando nas capitais a grande maioria do contingente populacional brasileiro. É como se o rural fosse um gene ancestral dentro de cada um, não precisa ter vivido no ambiente rural, já que carregamos isso de forma intrínseca. Vê-se, nesse caso, que o simbólico do mundo rural, agrário, continua caracterizando esse vínculo passado/presente principalmente nas festas juninas (CARVALHO, 2000).

O segundo grupo de entendimento alega que a festa em Arcoverde se tornou tradicional por ter sofrido mudanças na atualidade que a fizeram ser grande, bem divulgada, atraindo multidões e também muitos turistas.

Porque já tá atraindo multidão já, ficou conhecida provavelmente nacionalmente, né? Todo Brasil, todo mundo já conhece. (morador 9, 26 anos, recepcionista).

Porque a cada ano melhora mais e a cada ano vai mais turistas. Muita gente prefere fica aqui mesmo no São João do que ir pra Caruaru. (morador 12, 38 anos, atendente de escritório).

José Jorge de Carvalho (2000) coloca como em dimensões opostas a indústria cultural – atual contexto em que São João de Arcoverde está inserido – e a tradição, diferentemente dos que reiteram os moradores. A tradição, vista como oposta à modernidade, é de tal modo visualizada porque durante décadas assim foi tratada pela intelectualidade que a institui como fortemente ligada ao passado, sem, nem mesmo com os passar dos anos, sofrer transformações. Se partirmos de uma visão purista de tradição, entenderemos a compreensão desses moradores como contraditória, posto que colocam o crescimento do festejo como a característica indicadora da tradicionalidade do São João de Arcoverde. Essa compreensão coaduna com o sentido mais flexível de tradição. Denota ainda que tradição significa atrair o outro. Contudo, é apontado também que as mudanças fizeram Arcoverde ter mais atrações consideradas inadequadas para o período e para o sentido de tradição como as bandas de forró estilizado, por isso alguns acham que a festa é em parte tradicional.

Todavia, para outros entrevistados, as mudanças trouxeram outros aspectos que fizeram a cidade valorizar mais sua cultura popular, seus artistas e manifestações culturais, e por isso que hoje ela é considerada tradicional.

Pra mim tradicional, ficou tradicional agora, né? Por ter forró pé-de-serra, coco, maracatu, essas coisas aí. (morador 3, 26 anos, empregada doméstica)

A presença das manifestações culturais na festa justifica, para muitos dos moradores e visitantes entrevistados, a classificação da festa como tradicional, constituindo o terceiro grupo de entendimento. Muitos colocam que a presença do coco e do forró na festa é o suficiente para essa classificação; outros estendem os atributos para a presença também da decoração, das fogueiras e das comidas de milho. A carga simbólica dos atributos é imensa. Cada um escolhe aquilo que simbolicamente representa a festa de São João. Nesse ponto, a tradição é entendida a partir de seus conteúdos simbólicos.

> *Porque assim, não só ele valoriza o forró que é uma coisa da região, como o samba de coco que é da cidade, né? [...] No São João acho que tem que ter o forró, aqui em Arcoverde tem que ter o samba de coco, tem que valorizar essas coisas da região, da cultura mesmo da cidade.* (morador 19, 19 anos, estudante universitária)
>
> *A cultura, né? A cultura que tem Arcoverde, como diz, o coco, o pé-de-serra. É cultural mesmo. (*morador 11, 33 anos, agente de saúde)
>
> *Tradicional, acho que é a tradição da cidade, né? O samba de coco é a cultura da cidade, né?* (morador 15, 43 anos, auxiliar de laboratório e artesã).

Percebe-se, fundamentalmente, nessas falas que, além de haver as manifestações, elas precisam ser locais. A tradição aqui está ligada às questões de enraizamento. Como a festa cresce e com ela as manifestações locais ganham mais visibilidade, os moradores, então, classificam o evento como sendo tradicional porque conseguem enxergar esse cruzamento.

A constituição dos significados de "ser tradicional" a partir da população local de Arcoverde reflete como a trajetória de mudança ajuda na construção da atual configuração de seu São João.

As festas atuais, transformadas em eventos, componentes da indústria cultural, carregam uma gama de variados interesses. Além da representação simbólica da totalidade social, a festa é um espaço de negociação entre diversos agentes. Estão aí o poder público, a população, a mídia, as empresas patrocinadoras, os turistas, os comerciantes, entre outros que interagem diretamente com o festejo. Cada um deles tem um interesse próprio pelo acontecimento. Esse jogo da contemporaneidade coloca a festa popular não somente como um espaço de manifestação da cultura, da tradição de um povo, mas como um espaço de trocas e de reflexo das relações sociais de um povo que enxerga mais que o seu umbigo, enxerga o global. Esse caráter da festa coloca a tradição como um forte predicado, já que como mais um

produto a ser comercializado, a manutenção dessa tradição o faz ter características próprias, diferenciando-se dos outros produtos.

Um exemplo desse emaranhando de interesses está na programação do evento. Em Arcoverde, a festa está dividida em 10 pólos, como visto no capítulo 1. Cada pólo possui uma programação específica, para um público específico. Contudo, nem todos esses pólos carregam as matizes das festas juninas. Tanto que alguns moradores, apesar de acharem a festa tradicional, afirmam que a programação da festa não está de acordo com a tradição, ou está apenas em parte.

A titularidade do São João de Arcoverde ser uma festa multicultural, a exemplo do discurso das festas da cidade do Recife, é reafirmada por alguns dos moradores entrevistados.

[...]valoriza todo o...valoriza o coco, valoriza o rock, valoriza o reisado. É um São João multicultural, né? (morador 4, 28 anos, artista).

Apesar de poucos usarem esse termo – multicultural – muitos dos moradores conseguem reconhecer essa diversidade na festa de Arcoverde, sobretudo quando se referem aos diferentes pólos. Essa multiplicidade amplia a visão que muitos deles têm sobre a qualidade tradicional do festejo de Arcoverde.

Esse discurso é propalado pela gestão da festa e absorvido por essa população que o reproduz até com um certo orgulho mas, em alguns momentos durante as entrevistas, tal discurso se mostrou conflitante. Eles colocam ser uma festa multicultural, como um atributo de valor, contudo, criticam o pólo Forrock e algumas das atrações como Capim Cubano e Fagner, por não terem relação direta com o festejo junino.

A praça denominada pela população de Virgínia Guerra e pela oficialidade de Winston Sirqueira é a referência que a festa traz com a tradição, por ser o lugar que faz uma alusão ao passado da cidade de Arcoverde, que se reverbera na festa junina, na festa da colheita, da fartura, do passado, da infância, dos ancestrais.

> A festa de São João, tal como é construída no espaço urbano, é uma fabricação, uma produção prática e discursiva, imagética e cênica, a qual toma a idéia de tradição como principal e fundamental enunciado e elemento definidor do evento junino. (LIMA, E., 2002, p.23)

O cenário da Vila Olho D'água foi citada em várias entrevistas, tanto dos moradores, como dos visitantes, como um dos pontos altos da festa. Porém, essa decoração, construções de vilas e representações do passado da cidade, não é exclusividade de Arcoverde, é uma

prática comum nos eventos juninos do nordeste, como Caruaru e Gravatá em Pernambuco e Campina Grande na Paraíba.

O simbolismo do lugar e de seus elementos fazem o espaço se transformar em algo legítimo e freqüentado por todas as "tribos" que perambulam na festa. É um local de congregação, onde se visualiza facilmente a relação entre população local, turistas e manifestações culturais.

A festa veste a roupa da tradição, pois percebe ser essa a forma para entrar no mercado dos grandes eventos juninos turísticos do Nordeste e se posicionar segundo a população local como a 3ª maior festa junina de Pernambuco. A identidade da festa está sendo construída em cima dos símbolos enxergados como da tradição junina a partir do olhar de seus agentes: poder público, população local e turistas.

A identidade que se constrói da festa é realizada a partir das ressignificações feitas por aqueles que com ela interagem. Assim, percebe-se que os relacionamentos entre população local, turistas, poder público municipal e a festa estão ajudando diretamente nessa construção.

2.3 A FESTA E O TURISMO: RELAÇÕES ENTRE MORADORES E VISITANTES

O São João de Arcoverde tem crescido bastante. Isso se deve, sobretudo, ao incremento da atividade turística na cidade durante o festejo. O número de turistas aumenta bastante ano a ano como afirmam todos os moradores entrevistados. Porém, a população enxerga o início da vinda dos turista em tempos diferentes. Um grupo de entrevistados coloca que os turistas começaram a vir na época em que Rosa foi a prefeita, nos anos de 2001 a 2004. Outro grupo só percebe a presença dos visitantes na época em que Zeca é o prefeito, a partir de 2005.

A atividade turística é entendida por muitos como uma importante atividade econômica para os municípios com potencialidade. Assim também ela é compreendida em Arcoverde. O conceito de turismo está sempre ligado ao item deslocamento do indivíduo de seu local de residência para outro (MOLINA e RODRÍGUEZ, 2001). Margarita Barretto (1995) menciona que a primeira definição de turismo do austríaco Hermann Schattenhofen, em 1911, compreende o turismo a partir dos processos econômicos que ele gera, "que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município,

país ou estado" (p. 09). Norwal, em 1936, destaca na definição de turismo o gasto do turista do dinheiro recebido no seu local de origem no destino visitado (*apud* BARRETTO, 1995). Apesar de a atividade turística atualmente não ser definida apenas sob os aspectos econômicos, entendida, sobretudo, como fenômeno social, é assim que ela é colocada pela mídia e pelo Estado, e compreendida em Arcoverde. A maioria dos residentes entrevistados, quando questionada sobre a contribuição desse visitante para a cidade, afirmou que seria a parte financeira, a entrada de divisas, renda, através de compras e consumo no local a principal contribuição.

Nesse trabalho, entender como o visitante é percebido e visto pela população de Arcoverde é importante para configurar as relações que se estabelecem durante os festejos juninos da cidade. O termo visitante foi escolhido para generalizar todos aqueles que vêm de qualquer que seja a cidade para festa em Arcoverde. O termo turista, de acordo com as definições oficiais do setor, é aquele que se desloca de seu local de residência e entorno e que pernoita no local visitado. Ao considerar esse conceito, estaria desqualificando para essa pesquisa aqueles que vêm de cidades vizinhas e bem próximas como Pesqueira, Belo Jardim, Custódia, Sertânia, porque Arcoverde poderia ser considerada como entorno. A população entrevistada cita, quando questionada sobre a origem dos turistas, cidades como Caruaru, Garanhuns, Belo Jardim, Custódia, Buíque, todas do interior de Pernambuco e algumas muito próximas de Arcoverde, validando a presença deles enquanto turistas na cidade durante a festa.

Os entrevistados, em sua maioria, gostam de relacionar-se com esses visitantes. Eles colocam que além do dinheiro, os visitantes ajudam também a divulgar a cidade, provocando um orgulho notável principalmente quando eles citam que os turistas vêm de lugares distantes como Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Maceió, Fortaleza, Rio de Janeiro, Paulo Afonso, EUA, Itália, França, Espanha, Portugal, Alemanha e voltam para suas casas falando bem do São João de Arcoverde.

Importante ressaltar que o histórico do festejo, da forma como ele acontece hoje, pode ser contado a partir do início da vinda desses turistas. A população, durante as entrevistas e em conversas informais sobre a festa, comenta sobre o seu crescimento e a sua programação diversificada e os associa a essa presença. Quando questionados sobre a relação que estabeleceram com esses visitantes, todos afirmaram ser uma ótima experiência, mostrando quão positiva tem sido essa interação. Os adjetivos colocados para qualificar a experiência denotam a facilidade de entendimento entre as partes: visitados e visitantes. Não há queixas

da presença dos turistas. Em muitos estudos sobre os impactos do turismo nas comunidades receptoras, vê-se o contrário.

A bibliografia que trata desses impactos, geralmente, privilegia os negativos (OMT, 2001). A principal preocupação daqueles que estudam o tema é entender como esses relacionamentos interferem nas mudanças socioculturais das localidades turísticas. Entende-se, também, que a atividade turística não é o único fator de mudança como analisa Burns (2002, p.127, 128):

> Embora o turismo seja um entre vários catalisadores de mudança, sua natureza onipresente significa que ele apresenta maior capacidade para afetar profundamente a comunidade anfitriã. Entretanto, a força maior continua sendo o poder inexorável da modernização.

Em Arcoverde, os residentes apontam a vinda dos turistas como um dos responsáveis pela mudança do São João, contudo é difícil visualizar os impactos negativos dessa mudança, porque eles a julgam, quase em sua totalidade, como positiva. O efeito demonstração, entendido como um aspecto dos impactos negativos que acontece da influência que os turistas exercem na população local através do seu exemplo, gera resultados que "[...] poderão distorcer as atividades e os costumes tradicionais em eventos localizados e mais curtos[...](COOPER ET AL, 2007, p.245), porém ainda não é percebido de forma concreta em Arcoverde, tampouco os outros impactos como a criminalidade, a prostituição, a mercantilização e conseqüente desvirtuação da cultura local. Os impactos negativos, constantemente, são ligados à prática do turismo de massa que faz uso de forma indiscriminada da infra-estrutura local, gerando congestionamentos, especulação imobiliária, expulsão dos habitantes locais para áreas periféricas, invasão da privacidade em práticas cotidianas. Esse incômodo é considerável em grandes destinações turísticas que na alta temporada costumam receber muitos visitantes, superando, e as vezes dobrando, o número de residentes.

Já os impactos positivos que a literatura discute são mais fáceis de serem visualizados em Arcoverde. Percebe-se que para cada realidade, a discussão dos impactos termina por se construir numa dialógica de posições, pois se vê que, em algumas localidades, aquilo que seria entendido como um possível impacto negativo – no nosso caso o crescimento da festa – torna-se um impacto positivo. A valorização da cultura local, seja ela material ou imaterial, a elevação do orgulho local, a melhoria na infra-estrutura compartilhada tanto pelos residentes como pelos turistas, o exercício de tolerância às diferenças socioculturais são notáveis em Arcoverde. Sua população aprova o novo formato do evento, valoriza, de certa forma, a sua

cultura, se orgulha dela, ganha uma cidade mais organizada e por conviver com diferentes públicos, pólos e manifestações se tornam mais flexíveis às diferenças.

No entanto, é importante ressaltar que os impactos positivos estão mais facilmente visíveis porque o turista que o evento atrai tem uma classificação que justifica os efeitos sofridos. Cooper et al (2007), Barretto (2007) e Burns (2002) afirmam que é proeminente compreender o tipo de turista que a localidade recebe para, do mesmo modo, verificar os impactos trazidos. A classificação de Cohen de 1972 dos turistas não-institucionalizados é adequada ao que se sucede em Arcoverde. São turistas independentes, que organizam suas viagens sem o auxilio de uma agência e preferem locais mais exclusivos (BARRETTO, 2007). Alguns visitantes entrevistados alegaram que preferem ir a Arcoverde no São João porque há menos gente que em outras festas como a de Caruaru. Eles têm uma tendência em se relacionar de forma mais próxima à comunidade receptora, pois, como estão por conta própria, precisam interagir para obterem as informações sobre aonde ir e como chegar, por exemplo.

Além do tipo de turista, pode existir outra lógica para entender quão harmoniosa é a relação visitante versus visitado. Apesar de possuir uma carga enorme de evolucionismo nesses modelos, que estabelecem estágios no relacionamento visitante/visitado, e de serem deterministas, é interessante refletir acerca dessas elaborações. O modelo de Doxey (apud BARRETTO, 2005 e 2007; COOPER ET AL, 2007; OMT, 2001; PEARCE, 2002) mede o nível de irritação dado a partir do contato entre residentes e visitantes. O modelo propõe a divisão em cinco etapas: a etapa de euforia, no qual a comunidade reage com bastante entusiasmo à presença do turismo na localidade, recebendo muito bem os visitantes; a etapa de apatia, com a instalação da atividade turística, a presença dos turistas torna-se algo normal, assim a relação estabelecida entre eles e o moradores locais são apenas comerciais; a etapa de irritação, quando os membros da comunidade local começam a duvidar dos reais dividendos do turismo, julgando que os impactos negativos superam os positivos; a etapa de antagonismo, no qual os visitantes são vistos como os causadores dos males da localidade; e a última etapa, a final, no qual os turistas optam por mudar de destino porque percebem que a comunidade desconsidera tudo aquilo que antes era visto como atrativo, ou seja, os residentes não mais se preocupam com o desenvolvimento da atividade. Se considerarmos esse modelo, percebe-se que Arcoverde está na primeira etapa desse ciclo, com seus moradores bastante excitados com a vinda de tantos visitantes para a festividade de sua cidade. O questionamento durante as entrevistas sobre a relação que os moradores estabeleciam com os turistas foram

cercadas por muita tranqüilidade e, às vezes, por empolgação. A presença dos turistas ajuda a população local a valorizar mais sua festa e suas particularidades. O que apenas se visualiza de forma muito branda é a inflação do preço de alguns produtos e serviços, principalmente aqueles ligados diretamente ao consumo turístico[18].

Muitos dos entrevistados recebem em casa durante o festejo amigos e familiares – também considerados visitantes – e demonstram bastante entusiasmo com essa acolhida. A festa torna-se o momento e o motivo para muitos voltarem a sua terra natal. Os residentes entrevistados pontuaram que muitos dos filhos da terra preferem retornar durante os festejos juninos aos festejos de fim de ano, reforçando os laços familiares. O que Rita Amaral (2001) coloca, "pode-se dizer que a importância destas festas, para as populações nortista e nordestina, ultrapassa a do Natal, principal festa cristã", concorda com o que acontece em Arcoverde. Assegura ainda que "O mês de junho é um mês do refluxo migratório, e as companhias de transporte rodoviário e aéreo atestam este fato", também visualizado em Arcoverde.

Alguns dos moradores entrevistados, porém, já começam a alugar suas casas, percebendo que nesse momento obter lucros com a festa também. A relação nesse momento passa a ser comercial. Todavia, a relação se sustentará também em atender às expectativas dos visitantes e de sua estadia na casa do morador durante a festa. O morador prepara a casa para receber esses inquilinos temporários: tira os móveis da casa, coloca chuveiro elétrico, entre outras intervenções em sua moradia, o que termina por se transformar em investimentos que antes não seriam realizados, melhorando, conseqüentemente, sua qualidade de vida – o que pode ser compreendido como um impacto positivo do turismo, além da parte financeira do aluguel. Ao fim da festa, a relação de entrega da casa vem junto com as perguntas de constatação daquilo que viveram na festa, se gostaram, o que curtiram e – o melhor – se voltarão ano que vem. Muitos dos visitantes entrevistados preferem ficar durante o São João em casas alugadas, alguns deles, inclusive, estão vindo pela terceira vez e alugando a mesma casa.

Nesse caso, o São João de Arcoverde testemunha o desenvolvimento da atividade turística acontecendo com a inclusão da comunidade que dela se beneficia socioeconomicamente, comprovando a necessidade do trabalho empírico para demonstrar diferentes realidades que nos ajudam a compreender as relações estabelecidas no mundo

[18] Percebido por mim, que já acompanho a festa há seis anos e por estar na cidade antes da chegada dos turistas no trabalho de campo. Contudo, os visitantes não se queixam dos valores praticados.

contemporâneo, cheio de especificidades. A festa torna-se, então, um excelente momento para essas constatações.

Além do ponto de vista dos residentes de Arcoverde, faz-se necessário vislumbrar também aquilo que os visitantes que sua festa atrai pensam de sua realização. Como o posicionamento diante da festividade é outro, o próximo capítulo levantará diferentes aspectos para compor o entendimento desse grupo sobre o São João arcoverdense.

3 A FESTA NA VISÃO DOS VISITANTES

Melhor festa da minha vida foi de Arcoverde 2008. (visitante 4, 24 anos, metroviário)

É perfeito! (visitante 8, 29 anos, professora universitária)

Essas apaixonadas afirmações sobre o São João de Arcoverde já nos dão indícios de como o visitante que a cidade recebe se sente a respeito da festa. Há uma unanimidade: todos os visitantes entrevistados a adoram.

O movimento de pessoas escolhendo Arcoverde para passar o São João é crescente, inclusive mereceu especial atenção do Estado, que colocou na festa um Box de informações turísticas e realizou uma pesquisa com sua demanda. Essas ações sugerem que o Governo do Estado está ciente da crescente dimensão que a festa em Arcoverde tem tomado e está preocupada com a gestão do turismo no evento, podendo vir a ser um dos organizadores junto com os órgãos municipais.

Diante da pesquisa realizada pela EMPETUR, pode-se traçar um perfil dos visitantes que freqüentaram o evento em 2008. Eles representam a metade dos participantes da festa. Esses turistas são, na sua maioria, de Recife, ficam hospedados em Arcoverde mesmo. São turistas, se levamos em consideração a conceituação oficial da atividade. Mais da metade deles são jovens entre 18 e 35 anos, por isso o número de estudantes é tão alto, e o ensino médio é a escolaridade predominante. Quase metade deles estava na festa pela primeira vez. O automóvel foi o meio de transporte mais utilizado para chegar à festa. O gasto médio na cidade foi de R$148,23.

A presença desse visitante na festa traz à tona diversas questões sobre a reconfiguração do festejo em Arcoverde. A partir da presença dos turistas, notam-se diferenças no formato da festa, na estrutura de sua programação, nos rearranjos da infra-estrutura da cidade.

A categoria tradição é uma dos valores que recobre a festa. Parte da população local atribui essa característica do festejo como causa da vinda do turista. Por sua vez, os turistas referendam essa razão e a ela somam a categoria autenticidade para motivá-los a freqüentar o São João de Arcoverde. Neste capítulo serão analisadas as razões dadas pelos visitantes para escolher Arcoverde como o local onde brincaram o São João.

3.1 O VISITANTE E O SÃO JOÃO DE ARCOVERDE: MOTIVAÇÕES E IDEALIZAÇÕES

A divulgação de uma festa popular, com o valor agregado de evento turístico, necessita de que se pense em estratégias para tal mercado, já que o público visitante se torna o foco dessas ações. Tendo outras festas com mais prestígio e experiência que Arcoverde, surpreender e fazer diferente são uma alternativa. E foi. O famoso boca a boca foi a forma de conhecimento da festa mais apontada pelos visitantes entrevistados. Não que outras festas não apresentem essa modalidade de divulgação, contudo a predominância dessa traduz que a vivência no São João arcoverdense agrada os seus participantes a ponto de todos saírem falando bem dela e convidando outros amigos a compartilharem de tal experiência. Nota-se, essencialmente, que apesar de ser uma festa que já atrai uma mídia espontânea para cobrir o evento, o São João de Arcoverde cresceu pela divulgação das pessoas que foram à festa gostaram e passaram a convidar os amigos para irem também. Assim, os laços de amizade entre os participantes ajudam bastante na divulgação do festejo, tanto que, quando questionados se irão sem os amigos, muitos argumentaram que, sem os amigos, talvez não fossem a Arcoverde. Esse resultado é compreensível pelo tipo de turismo que é realizado no São João de Arcoverde. Como Arcoverde possui poucos meios de hospedagem, insuficientes para o número de visitantes, o aluguel de casas se destaca como uma opção de hospedagem do município durante o evento. Essa modalidade exige uma maior interação social, já que, para alugar uma casa, sendo o valor maior que uma estada num hotel, é necessário que outras pessoas dividam essa despesa para que seja mais conveniente e econômico. No entanto, essa prática é bastante comum nas festas populares brasileiras, não sendo restrita à Arcoverde. O momento de convivência social que as festas promovem propicia práticas que fazem a interação dos grupos ser ainda mais desejada e procurada, e o aluguel de casa para estar todos juntos durante as festas, dividindo as experiências e compartilhando as vivências, configura-se como comum aos períodos festivos. Vê-se isso com bastante freqüência no carnaval de Olinda - PE e das cidades históricas de Minas Gerais, no São João de cidades nordestinas como Caruaru-PE, Gravatá-PE, Campina Grande-PB, Patos-PB, entre outras. Além disso, percebe-se também que a informação que circula durante o evento é dada pela população, conduzindo os visitantes aos pólos e às atrações. Existe a distribuição de folders com a programação dos pólos, a divulgação em sites da internet – citada como forma de conhecimento da programação do evento – mas é através

das conversas com os residentes que se conseguem as informações dos locais mais freqüentados e animados

> *Ah, dos pólos eu sabia assim do palco porque era o coisa mesmo e o Cruzeiro porque eu já tinha ido um ano e eu tinha ficado hospedada no hotel que é bem na frente e conheci. E essa menina Maitê que tava com a gente é prima da menina que é de lá, entendeu? Que já conhece, que era nossa guia assim*. (visitante 11, 28 anos, administradora)

> *Porque desde a primeira vez que eu fui, como a primeira vez que eu fui, já fui com um grupo que já tinha ido e que tinha amigos de pessoas locais, então esses amigos é que me introduziram a esses pólos.* (visitante 8, 29 anos, professora universitária)

> [...] *por meio de amigos que já veio em outros São Joãos.*(visitante 1, 29 anos, designer)

Os visitantes colocam também que os amigos que já vieram em outros anos indicam os "points" da festa e conduzem a eles, e estes nem sempre fazem parte da programação oficial, criando uma corrente, ano a ano, de divulgação, passando dos residentes para os turistas, que, assim, passam as informações para os outros que chegam. A hospitalidade do povo arcoverdense é um item destacado pelos visitantes em nossas conversas. Bueno (2003, p.114) justifica esse entendimento "porque a 'festa' parece possuir condições ideais para produzir hospitalidade", já que nela há o encontro com o outro, indispensável para o exercício da hospitalidade que vai se consistir nessa relação de bem receber. Alguns visitantes citaram em seus depoimentos uma festa particular, o aniversário de Leo[19], como um dos eventos de que participavam durante a estada na cidade. Essa comemoração consegue traduzir a hospitalidade do povo arcoverdense, pois a festa é freqüentada em sua grande parte por pessoas que não conhecem o aniversariante. Mas, nem por isso, o tratamento dado a essas pessoas é diferenciado. São todos muito bem servidos, sendo conhecidos ou não do dono da festa e de sua família.

Existem também outras festas particulares, que reforçam o sentido que o festejo junino é público e privado e assim entendido por seus participantes, que denotam o exercício contínuo da hospitalidade, não apenas da festa produzida pela cidade, a festa oficial, mas também por

[19] Leo é designer e produtor cultural, mora em Recife, mas é natural de Arcoverde. Seu aniversário é no São João e para comemorar, faz uma festa na frente da casa de sua avó, no bairro de São Cristóvão. Muitos amigos, motivados pelo aniversário, começam a se deslocar para Arcoverde nesse período. A festa começa pela manhã e se estende até a noite. Sua família prepara e fornece a comida e a bebida, mas, devido a grande quantidade de gente presente, a bebida, quando se acaba, é logo providenciada por seus participantes que passam o chapéu e recolhem o dinheiro para comprar mais bebidas. A festa ocupa a rua e não só a casa, e por causa da sua demanda, necessita de um reforço na infra-estrutura, como a colocação de banheiros químicos. Sua popularidade – muitos vão a festa e nem conhecem Leo – fez a prefeitura propor que a festa virasse um pólo. Inclusive Leo já recebeu uma menção honrosa da câmara de vereadores, por atrair visitantes à cidade.

seus residentes. O São João local, mais que isso, estabelece uma quebra da fronteira entre público e privado, pois todos, moradores e locais, circulam tanto nas festas particulares como na festa oficial, de casa em casa. Essa prática que insiste em acontecer em Arcoverde remete ao sentido de sociabilidade que as cidades de interior costumavam ter e que, talvez, para muitos visitantes, seja uma característica da cidade que faz a diferença na dinâmica de sua festa junina. Como nas grandes cidades, essas práticas são raras; em viagens ao interior essa busca está contida nos anseios daqueles que escolhem Arcoverde como destino. As portas das casas dos residentes de Arcoverde não se abrem somente se houver uma festa particular. O momento festivo proporciona, como já colocado anteriormente, ocasiões nas quais há um estreitamento das relações sociais entre os visitantes e visitados. É a temporada em que os moradores mais recebem os parentes e amigos em suas casas, conforme muitos dos entrevistados como mais que ao final do ano[20]. Os convites para estar, almoçar, jantar, até dormir, enfim, para conviver com os habitantes locais em suas residências foram inúmeros, como pude em campo acompanhar. Mesmo que pontuais, são relevantes para elencar as razões que levam os visitantes a escolher Arcoverde como destino e compreender a escolha da Praça Virgínia Guerra como um dos locais mais freqüentados pelos visitantes, principalmente os de Recife, por tentar criar esse cenário de interior.

Permite-se também ver a hospitalidade como uma ferramenta de barganha em um evento turístico, de reciprocidade. Nós, citadinos e prestadores dos serviços turísticos, te recebemos bem, realizamos a melhor acolhida, em contrapartida, vocês, visitantes, consomem e deixam seus dividendos em nossa cidade. Essa é a lógica do capital e do turismo, quando entendido enquanto indústria, atividade meramente econômica. Entretanto, a reciprocidade da hospitalidade visível em Arcoverde não segue essa lógica. Os arcoverdenses são hospitaleiros com os visitantes no São João porque se sentem bastante gratificados com o respeito e a valorização que os de fora têm com seu festejo e suas manifestações culturais locais, enaltecendo-os. A reciprocidade da hospitalidade se manifesta na construção do relacionamento entre moradores locais e turistas.

As questões de sociabilidade no São João de Arcoverde terminam por conduzir as ressignificações do festejo. Quando questionados sobre a escolha de Arcoverde, quatro motivações predominam nas opiniões dos visitantes: estar com os amigos, buscar uma festa com menos gente – comparando o número de participantes em festas como a de Caruaru e

[20] Na pesquisa realizada pela EMPETUR, a casa de parentes e amigos se destaca como meio de hospedagem mais utilizado pelos turistas, com 66,77%.

Campina Grande, buscar uma festa mais típica, familiar e tradicional e buscar uma festa com vários pólos e tribos. Nota-se, também, que alguns contam com mais de uma motivação, imbricando-as em seus depoimentos.

Estar com amigos parece ser condição *si ne qua non* em participar da festa. Exercer a coletividade é uma característica central do sentido de festejar. Amaral (2001), analisando Durkheim e os autores sucessivos a ele, elenca três características principais a todo tipo de festa, sendo duas delas bastante oportunas para essa reflexão. Um aspecto é "a superação das distâncias entre os indivíduos", notável, fundamentalmente, nas relações estabelecidas entre residentes e turistas, como colocado no capítulo anterior, no qual há um claro entrosamento entre as partes durante o festejo; e outro é "a produção de um estado de 'efervescência coletiva'", que permite entender a exaltação de viver o coletivo durante a festa.

Através do entendimento dessas motivações, consegue-se visualizar outros aspectos que parecem bastante relevantes na escolha de onde passar o São João. Esses visitantes colocam nas suas falas seu ideal de festa junina e os conteúdos necessários para essa compreensão.

Tem menos gente que Caruaru. (visitante 3, 29 anos, professora universitária)

Eles [amigos] disseram que era muito bom e que não tinha a quantidade de pessoas que tinha em Caruaru. (visitante 6, 28 anos, professora)

Nos depoimentos acima, a escolha se pautou, essencialmente, na menor quantidade de gente que o São João de Arcoverde possui. Podemos interpretar essa busca de uma festa com menos gente porque assim é idealizada, como familiar, de interior, desse modo, pequena, como se o evento massivo fugisse do que deveria ser uma festa junina. A constatação desse imaginário de uma festividade com menor proporção também remete aos aspectos colocados como tradicionais e típicos para o período junino, visualizados nos depoimentos a seguir.

> *Porque assim, das festas das cidades mais conhecidas, Caruaru acho insuportável, mesmo antes de... Acho que a última vez que eu fui pra lá, acho que eu tava no 2º grau, e quando eu fui dessa vez ainda num era como hoje, mas eu jurei nunca mais ir porque é muito trânsito, é muita coisa. Pra pegar no Alto do Moura é muito tráfego e chega lá é aquela coisa que a gente vê aqui que é o pessoal com a mala do carro aberto ouvindo música baiana que eu odeio. Então eu preferia ir pra Campina Grande a Caruaru, mas acho que Arcoverde, por ser algo mais típico e por conta que essa minha amiga foi e gostou e eu gosto de ir pros mesmos lugares que ela gosta, então eu achei que eu ia gostar também. Por conta que tem um grupo de amigos que ia por essa indicação dela, dela ter gostado, né?* (visitante 8, 29 anos, professora universitária)

> *Não, porque eu gosto muito de São João, mas eu não vou pra Caruaru nem pra Campina Grande, eu não gosto de São João de multidão. Aí eu queria que fosse uma coisa mais... Menor mesmo. (visitante 10, 32 anos, designer)*

> *Assim, por indicação dos amigos que elogiaram bastante o lugar, que acham que... é...Caruaru já perdeu um pouco a tradição e Arcoverde ainda resgata um pouco aquele São João mais tradicional, que você tem, mais, vamos dizer assim, é mais intimista eu acho, eu achei o São João de lá mais intimista. (visitante 12, 27 anos, engenheiro civil)*

> *Pelos ritmos, né? Por estar entre amigos, por ser um São João ainda menos turistificado em relação a Caruaru, né? Onde eu já tive a oportunidade de passar o São João. Em Campina Grande também. Então já é um São João de grandes proporções e eu acho que já se perde muito da essência do São João e Arcoverde, por estar projetando agora, ainda consegue conservar, né?A tradição, o significado do São João, a particularidade do coco que é algo muito diferente, né? O pólo do forró embora também tenha o forró, mas você tem o coco que é o símbolo que representa, né? O ritmo que representa Arcoverde que é bastante valorizado. E que Arcoverde inclusive exporta bastante. (visitante 15, 28 anos, turismóloga)*

O conteúdo simbólico da festa junina, pelo significado de ser tradicional, vai conduzir não somente a motivação de ir ao São João de Arcoverde, mas principalmente como a festa é entendida, diferenciando-se das demais. O tradicional, nesse caso, vai se posicionar na ligação com o passado, em confronto com o moderno. Giddens (1997) coloca a modernidade como destruidora da tradição, e assim é compreendida por alguns dos visitantes. Como constatado por Morigi (2007) em Campina Grande, em Arcoverde também existe o *link* passado – familiar – autêntico – original – genuíno – tradição – cultura local. Do mesmo modo, tradição também vai significar enraizamento com as práticas locais. "A tradição é sempre, em algum sentido, enraizada nos contextos da origem [...]" (GIDDENS, 1997, p.101). Um pouco diferente do que se viu com os moradores locais, os visitantes compreendem a tradição de duas formas que se entrelaçam e se completam. Eles significam tradição enquanto a repetição dos elementos constituintes do imaginário das festas juninas ou como preservação e valorização dos aspectos da cultura local.

Simultaneamente, para outros a motivação em ir à Arcoverde está na diversidade que o festejo contempla:

*Por causa justamente daquele negócio que eu falei, tem muitos pólos, tem muita gente, mas num foi lotado, polícia também. (*visitante 13, 22 anos, estudante universitário*)*

*Por causa das atrações. Da turma e das atrações. A atração que nem sempre é só focada pro forró. (*visitante 14, 28 anos, designer*)*

As opiniões divergem porque cada um possui um ideal de festa junina diferente do outro. Para muitos dos entrevistados o ideal de festa junina é aquela festa que tem os elementos que eles consideram como típicos para o período: fogueira, comidas de milho,

forró, quadrilha. Nesse caso, é o conteúdo simbólico que a festa carrega com os elementos citados que constrói o ideal do evento junino.

Forró, forró, forró. Forró e comida típica. (visitante 3, 29 anos, professora universitária)

Forró, só forró é perfeito. (visitante 5, 16 anos, estudante)

São João pra mim é a parte tradicional que é quadrilha, é fogueira, é as comidas típicas. Pra mim é isso. (visitante 12, 27 anos, engenheiro civil)

Outros não elencam os elementos, apenas a caracterizam como festa animada, tradicional, original e típica, ou seja, não é necessário apontar os elementos que ela tem, mas verificar como ela é, que formato adota.

O mais, o mais original possível. Típico. (visitante 2, 34 anos, advogada)

Eu acho que ela tem que ter, ela tem que ser animada e tem que ter uma base cultural, num pode ser festa por festa, tem que ter um pouco de tradição assim e num ser muito... Tem que ter muita gente, mas num ser muito tumultuada[...] (visitante 11, 28 anos, administradora)

Alguns colocam a própria festa de Arcoverde como o ideal de festa junina. Quando inquiridos sobre a ideal, afirmavam:

Eu acho que aqui, é aqui. (visitante 1, 29 anos, designer)

Primeiramente, eu encontrei aqui o que eu queria. (visitante 6, 28 anos, professora)

Eu achei a festa de Arcoverde bem parecida com o meu ideal. É mais cultural. (visitante 7, 26 anos, bióloga)

Arcoverde! (visitante 8, 29 anos, professora universitária)

Ao julgarem a festa, cada um dos indivíduos traz consigo elementos e qualificações que simbolizam esse período. Quando ao viver a festa, as pessoas visualizam o que imaginam, essa festa provavelmente será eleita como a festa de seus sonhos. Percebe-se um encantamento pela festa de Arcoverde por ela ser a festa que mais se aproxima desse ideal imaginado e nem sempre é julgado como possível de existir. "[...] Nesse tempo de festa, há o renascimento de um ideal comunitário através das imagens, que são elementos capazes de resgatar o encantamento diante do mundo" (COSTA, 2007 p.48). Esse encantamento se traduz na forma que os visitantes avaliam e julgam o festejo, sempre positivamente, e na unanimidade de interesse em voltar a participar do evento no próximo ano. Acompanhando os grupos de visitantes em Arcoverde, percebi o grau de entusiasmo e satisfação por estarem participando e vivendo a festa, tanto que o regresso é sempre seguido de um sentimento de

pesar, seja pelo distanciamento do lugar da fantasia e realização, seja pelo retorno ao cotidiano.

Esses símbolos e imagens construídos ao longo do tempo, muitas vezes, retratam situações que ficaram num passado conservado por historiadores e folcloristas em suas publicações. Em cima disso se constrói o entendimento do que é tradicional e autêntico na festa, valores bastante imbricados no julgamento que os visitantes entrevistados fizeram do festejo junino arcoverdense. “A festa junina, tal qual a temos hoje, não expressa a substituição do tradicional pelo ‘moderno’; pelo contrário, representa sua fusão articulada e contraditória” (SOUZA E CASTRO, 2007).

3.2 O DIFERENCIAL DA FESTA

Avaliar o diferencial do São João de Arcoverde perante os demais também se faz significativo porque, através desse julgamento, visualiza-se o conjunto de valores e práticas dos visitantes que interagem na cidade. Percebi que o diferencial da festa em Arcoverde também se tornou um grande motivador da vinda desses visitantes. Essas diferenças são as singularidades do festejo de Arcoverde e, dessa forma, os principais atrativos do evento. Num contexto mercadológico, perante os efeitos homogeneizantes da globalização, conservar as diferenças é imprescindível para se manter no mercado (MIRA, 2004). As especificidades culturais do município estão presentes no festejo e são enxergadas nas suas manifestações e na exaltação que a festa proporciona a essas manifestações. O sentido de valorização dos aspectos culturais locais é entendido como mais um diferencial do evento. Quando questionados sobre o diferencial do São João de Arcoverde, muitos afirmaram, categoricamente, serem as manifestações culturais locais e sua devida valorização através da constante presença desses grupos em toda sua programação.

> *O coco. É o principal.* (visitante 3, 29 anos, professora universitária)
>
> *É o coco. É o coco, num é? É, é o coco, é Tonino, tá entendendo? É Cordel. É, aquele show de Cordel é massa, tá ligada? São realmente as coisas de lá, o que é diferente porque o resto é aquilo de sempre, tá ligada?* (visitante 10, 32 anos, designer)

> *Eu acho que é essa valorização da cultura local que eles por isso estão conseguindo atrair o pessoal, é o caminho inverso. Em vez deles estarem se rendendo pras músicas e os forrós, eles valorizam o deles. Apesar de que nos shows tocam bandas de forró que misturam, tarará...* (visitante 11, 28 anos, administradora)
>
> *Eu acho que é essa questão do coco que é muito forte*. (visitante 16, 32 anos, publicitário)

A presença da cultura local durante a festa e sua programação é observada e tida como um diferenciador da festa para os visitantes entrevistados. A discussão dessa constatação se confunde com a discussão sobre a tradicionalidade da festa de Arcoverde. Eis que, ao pensarmos que a cultura local motiva a vinda do turista para participar da festa, então essa cultura se transforma no principal produto da festa. E, classificada como produto, pode ser vendida ou consumida, gerando uma série de situações positivas ou negativas. Alguns dos visitantes entrevistados pontuaram que a tradição dos festejos juninos está, justamente, na valorização e preservação da cultura local.

Acho que tá ligado a essa questão de preservar a cultura da região, tem a ver com a regionalidade local. Pra mim tradicional no meu ponto de vista é isso. (visitante 8, 29 anos, professora universitária)

Eu acho que é tradicional quando ele passa a ser ligado aos costumes da cidade mesmo, entende? A tradição local. (visitante 10, 32 anos, designer)

Pensando dessa forma, alguns dos visitantes entrevistados colocam que o São João arcoverdense tem perdido sua tradição, justamente, devido ao crescimento da festa. Eles colocam Arcoverde na liminaridade, já que reconhecem que na cidade há espaço para as atrações locais e também para aquelas atrações nacionais que às vezes pouco se relacionam com o São João. Há aqueles que, pelo espaço dado às manifestações locais, julga a festa como tradicional e há aqueles que pelo espaço dado às atrações nacionais e massivas julga a festa como não tradicional. Esse embate no reconhecimento das festas são muito comuns como colocam inúmeros pesquisadores. Mira (2007, p. 434) reflete:

> [...] dos eventos massivos do Norte e Nordeste aos mais segmentados de São Paulo, observa-se sempre uma tensão entre preservação ou fidelidade às tradições e atualização ou modernização, dilema sem solução que, muitas vezes, parece resolver-se na acusação de descaracterização ou de desvio das ‘verdadeiras’ tradições por parte de grupos adversários ou de agentes culturais ligados a interesses políticos e econômicos divergentes.

Alguns entrevistados afirmaram, inclusive, que a festa não é mais tradicional, pois possui muito pouco dos elementos que constituem a festa enquanto festa junina, ou por trazer novos elementos que geralmente não fazem parte dos festejos de São João. Quando uma visitante entrevistada coloca que a festa é multicultural demais, ela aponta uma crítica ao formato da festa que contempla outras manifestações culturais que não caracterizam o evento. Assim, compreender o histórico dessa festa se fez tão importante.

O discurso da multiculturalidade da festa também já é absorvido pelos visitantes, principalmente os de Recife, que, acostumados com a política das festas de sua cidade, logo fazem o *link* e concluem que o São João de Arcoverde, pela diversidade de sua programação, também é multicultural. Para uns isso é a maior vantagem da festa em Arcoverde, para outros essa propriedade é o que está descaracterizando seu festejo.

Há ainda outra dualidade de percepção sobre a festa já que alguns dos visitantes entrevistados acham que a festa é tradicional porque oferta espaço para a cultura local e outros acham que a cultura local não é tão valorizada como deveria, nem existem espaços para a apresentação dos grupos locais.

É notório que para alguns o sentido de homogeneidade é válido para a definição do que é tradicional. Sendo tradicional, a festa vai possui características idênticas a outros festejos juninos. Cria-se, então, uma tensão, pois a festa junina, para ser reconhecida como tal, precisa, em alguma medida, ser semelhante às demais e também estabelecer suas diferenças, para assim receber destaque e distinção, o que a leva ser um evento único, diferenciado, curioso e, conseqüentemente, turístico. A diferenciação que o festejo de Arcoverde apresenta foi criada pelas demandas de consumo da festa.

Para alguns dos visitantes entrevistados, tradição e autenticidade são sinônimos, se confundem ou se complementam. Quando questionados se a festa é tradicional, um grupo colocou a égide da autenticidade para justificar sua afirmativa. Outros, quando argüidos sobre a festa ser autêntica, usaram a tradição para argumentar tal classificação. Muitos responderam a mesma coisa a ambos os questionamentos. O que parece é que essa autenticidade está ligada àquilo que é mais purista, mais intocado, mais preservado, com ligação ao passado, como colocado nas falas abaixo:

> *Porque... Primeiro que valoriza a própria cultura mostrando a cidade cenográfica, valorizando o sertão, aquela característica de interior. Num é uma festa de publicidade, lógico que rola, mas também valoriza a cultura local.* (visitante 13, 22 anos, estudante universitário)

> *Eu diria autêntica no sentido de que ela tem umas coisas em comum com as outras, tipo pólos de animação, de grupos nacionais ou com repercussão internacional que são contratados pra tocar lá, mas tem um diferencial por talvez num ser aquela coisa tão é..tão assim de músicas bregas. Porque muitas cidades, o São João deixou de ser São João de forró de pé de serra pra ser São João de música brega. Então nesse sentido tem autenticidade e tem autenticidade no sentido de que Arcoverde é conhecido sempre pelo coco, né? É eles preservam isso. Tem coco todo dia, tem o pólo do coco, então tem uma certa autenticidade, agora num é algo assim que é diferente de tudo que é de... Completamente diferente das outras cidades, pelo menos das que eu conheço*. (visitante 8, 29 anos, professora universitária)

> *Porque ela valoriza a cultura e os artistas da terra. Lula Calixto é o tempo todo o pessoal falando dele. Coco pra tudo quanto é lado e Cordel, né? Que são os artistas mais famosos da terra.* (visitante 11, 28 anos, administradora)

Para o turismo, a discussão em torno de autenticidade se dá, fundamentalmente, de duas formas: autenticidade na prática turística e autenticidade dos produtos turísticos. Mesmo que possam ser discutidas em separado, percebe-se que a bibliografia da área as discute de maneira atrelada. Barretto (2008) debate as interpretações do termo autenticidade e coloca dois entendimentos: que ser autêntico é ser original, "uma prática cultural que não pode estar contaminada por relações comerciais" (p. 3 e 4); e também que autenticidade é sinônimo de congelamento da cultura tradicional, genuína e única.

Viu-se também nesses depoimentos que autenticidade é entendida pelo que a festa tem de diferente, por suas singularidades e, como colocado acima, pela menor contaminação pelos efeitos da comunicação massiva e da indústria cultural, que, muitas vezes, transformam as festas em megaeventos.

Sobre a autenticidade da prática turística, MacCannell(1976 apud ARAÚJO,S. 2001) coloca que os turistas não se satisfazem com experiências turísticas superficializadas, alguns buscam experiências autênticas. Piscitelli(2002), refletindo sobre essa discussão, revisa a literatura sobre autenticidade, questiona a validade da dessa conceitualização a partir do que foi posto por Boorstin, MacCannelll e Cohen[21], já que suas teorias não se acoplam e coloca que a crítica à inautenticidade do mundo turístico se liga apenas a uma confusão que se faz no qual autenticidade é vista como tradição, entendida nesse contexto como fechada e congelada para as influências externas. Na contemporaneidade, vislumbrar tradição por esse aspecto é ignorar a flexibilidade que a cultura humana possui.

Todavia, muitos gestores turísticos conhecedores desse perfil, dessa busca, preparam seus produtos sobre a égide de originalidade, convencendo os turistas de que se trata de

[21] Esses autores são discutidos continuamente pelos estudiosos da autenticidade no turismo, entre eles Urry (2001), Barretto (2007 e 2008), Araújo, S. (2001), além de Piscitelli (2002).

espaços e atrações autênticas. Nessa perspectiva, o autor opera a idéia de uma autenticidade encenada, fundamentando-se para isso na idéia de encenação de Goffman. A autenticidade, dessa forma, se caracteriza como uma qualificação mercadológica, usada pelos gestores, a partir das ordens de consumo, item a ser discutido a seguir.

3.3 CONSUMO E AVALIAÇÃO DA FESTA

Apesar de se constituir como paradoxal, a autenticidade da festa enxergada pelos seus visitantes a fez se tornar um expoente produto turístico para o município de Arcoverde. Nota-se um crescente consumo da festa reiterado pelas práticas da comercialização do mercado turístico, mesmo que os operadores turísticos ainda não a ofertem em pacotes, como faz com Caruaru e Campina Grande. Urry(2001, p.24, 25) usa MacCannel(1976) para dirimir a idéia de paradoxo, já que "o turista é uma espécie de peregrino contemporâneo, procurando autenticidade em outras 'épocas' e em outros 'lugares, distanciados de sua vida cotidiana".

A vida cotidiana dos visitantes é deixada em seu local de residência. Há uma diferença com os moradores locais, pois, como coloquei, eles não rompem por completo com a rotina, acrescentam a ela as atividades festivas. Com as obrigações cotidianas suspensas, os visitantes se lançam livres, como se existisse "uma licença para o comportamento permissivo, alegre, 'não sério'", para se relacionar com os indivíduos, sejam conhecidos ou não, gerando uma maior interação social (URRY, 2001, p.27). Talvez esse entendimento ajude a justificar o bom relacionamento entre visitantes e visitados e a expectativa positiva do estabelecimento de amizades e romances com os turistas por parte dos residentes. Ao realizar uma viagem, o turista busca um novo cenário para suas práticas sociais. A viagem, então, reforça ainda mais o imaginário da vivência da festa, submergindo o encantamento comum pelo turismo àqueles que o realizam.

Sendo Arcoverde distante mais de 250 km da capital, Recife, principal emissor para seu festejo, os visitantes também buscam o clima de interior, bucólico, calmo, tranqüilo. Chianca (2006), ao estudar o São João de Natal, capital do Rio Grande do Norte, coloca a festa construída a partir dos elementos ligados ao interior que surgem a partir das constantes migrações dos interioranos à cidade grande. Eles trazem esses elementos que, na cidade, tomam outras proporções, construindo a festa urbana, reverenciando o rural de forma muitas

vezes jocosa. Arcoverde assume a postura de cidade de interior, mesmo sendo uma cidade urbanizada, portanto os elementos que constituem sua festa de São João são entendidos como próprios, originais e autênticos.

Essa busca por tranqüilidade também se visualiza no reconhecimento dos visitantes que a festa em Arcoverde tem estrutura semelhante aos megaeventos juninos do Nordeste, contudo não atrai multidões nem ocorrências policiais, comuns nos eventos que trazem um grande público.

Outro paralelo se desdobra com o crescimento da festa. Como relata Bezerra (2008), em Mossoró-RN uma nova dinâmica sócio-espacial se instalou a partir da reinvenção de suas festas que demandou um reestruturação urbanística. Só agora essas transformações são notadas em Arcoverde, já que em 2008 grandes obras de construção e pavimentações de estradas estavam acontecendo no período do evento. Esse melhoramento, que tanto beneficia seus moradores, pode também causar um estranhamento por parte daqueles que buscam em suas viagens uma cidade de interior, construída simbolicamente no atraso e nas limitações dos locais distantes das capitais de Estado.

Percebi que os visitantes, sejam eles de longe ou de perto, querem também diversão e entretenimento. Talvez por isso eles circulem em todos os pólos, mesmo naqueles que pouco têm a ver com seus gostos pessoais, ajudando-os a avaliar o evento como um todo. Quando questionados sobre o formato da festa em pólos e sobre responsabilidade dessa organização ser da prefeitura, todos os entrevistados afirmaram saber disso e avaliaram o formato da festa de forma bem diversa. Avaliam que a programação da festa é boa, mas poderia ser melhor; que o palco principal poderia ter mais atrações da terra; tirar atrações que não fazem parte do contexto das festas juninas como Capim Cubano, por exemplo, que a programação deveria sempre diversificar, entre outras observações. Mesmo assim, todos os visitantes entrevistados iriam a Arcoverde no próximo ano. Tanto que alguns dos entrevistados já estavam indo ao São João de Arcoverde pela quarta vez.

Pouco mais de 1/3 dos visitantes entrevistados estava indo a Arcoverde pela primeira vez. Já na pesquisa realizada pela EMPETUR, 44,54% dos não residentes – como os visitantes são nomeados na pesquisa – estavam na festa em Arcoverde pela primeira vez. Esse resultado demonstra que a festa está crescendo e atraindo o número cada vez maior de visitantes, o que pode ir de encontro com aquilo que os visitantes tão buscando, uma festa menor. Esse crescimento que, para alguns visitantes, é visto de forma negativa, para a cidade e sua população é bastante importante e bem vinda. Tanto que eles colocam que a festa está

boa agora por causa desse crescimento, que hoje em dia a festa é tradicional porque atrai a mídia e o turismo para o município. Esse confrontamento de posições, apesar de parecerem bem contrárias, convive harmonicamente no espaço de interação que a festa desenvolve. É como se os diversos pólos que festa possui pudessem atender aos variados interesses dos participantes do São João.

A definição da festa e seu diferencial também servem para demonstrar a aprovação dos visitantes da festa e como eles enxergam simbolicamente o festejo junino quando julgam a festa de Arcoverde. Multifacetada, com diversos estilos, multicultural, animada, perfeita, ótima, maravilhosa, cultural, popular, tradicional, legal, alternativa, família, aberta, preocupada em resgatar as raízes do São João e valorizar a cultura local, autêntica, tranqüila, plural são algumas das características que os visitantes usaram para definir o São João de Arcoverde. Muitos desses elementos listados acima destoariam de uma definição de festa junina, mas não há como delimitar a caracterização de um festejo junino na contemporaneidade, que se traduz por uma complexidade de valores, práticas e visões. Esse panorama de qualificações também é vislumbrado pelo Estado, pois a gestão da festa com o seu formato, pólos e atrações age para ofertar tradição, autenticidade e lazer aos seus turistas. Pode-se até pensar que não haja uma autenticidade, que ela seja encenada[22], contudo os espaços criados e ofertados pela prefeitura também são para os moradores e nem sempre foram criados por ela, apenas foi reestruturado como o Cruzeiro, o Forrock e a Budega da Poesia. Na verdade, há uma reificação para o consumo. Nem enxergo também um congelamento da festa para consumo turístico, ela se reconfigura ano a ano.

Existe todo um esforço do poder público municipal em satisfazer os diferentes públicos. Apesar de ser maioria entre os visitantes, não há somente interagindo no São João de Arcoverde turistas de Recife. Há os visitantes das cidades próximas, que se comportam semelhante aos moradores locais. O seu consumo da festa é bastante díspar dos visitantes da capital pernambucana. Os turistas de perto, como os denomino nesta análise, não demandam por tradição e autenticidade como os turistas de longe (não somente os de Recife, mas também aqueles que vem de grandes centros). Pude perceber a vivência distinta que os grupos tiveram no São João em Arcoverde. Os turistas de perto vão a Arcoverde porque a festa tem crescido, atraído a atenção da mídia e possui uma programação, principalmente do pólo

[22] Como colocado anteriormente, MacCannell, usando os conceitos de Goffman, coloca que a autenticidade pode ser encenada, para fazer o turista crer que aquilo seja de fato autêntico. (BARRETTO, 2008; URRY, 2001)

central, similar as dos grandes eventos juninos do Nordeste. Além disso, a festa tem bem menos gente que as outras, se mostra também mais segura, com menos violência, e também mais barata, seja pela proximidade de casa, seja porque seus serviços turísticos são mais baratos que em outro destinos festivos consagrados e por isso com intermediários turísticos que encarecem o serviço. Eles freqüentam essencialmente o pólo central já que é nele que as atrações nacionais se apresentam, mas também circulam pelo evento, indo ao Pólo forró pé-de-serra. Também freqüentam o Pólo do Cruzeiro, o pólo mais democrático da festa.

As duas polarizações criadas nos palcos centrais da festa se dão fundamentalmente pela forma de consumo dos diferentes grupos que circulam no São João Arcoverdense, gerando o que eu tinha colocado antes como arenas de identificação. O consumo na atualidade se liga diretamente ao estabelecimento de identidades. No festejo junino de Arcoverde não tem sido diferente. A política de pólos perpassa pelas demandas de consumo da festa. O desafio da gestão municipal está em conseguir satisfazer todas essas demandas. Apesar do empenho, sua gestão ainda enfrenta dificuldades para tal. Como exemplo, a dificuldade em contratar as bandas e cantores de mais prestígio nas datas desejadas pelo seu público.

As ordens de consumo e o turismo se relacionam, posto que a viagem à festa em Arcoverde também pode ser vista como um bem de consumo. Olhando o São João enquanto negócio, outras configurações vão se aliar à existente para colocá-lo no cenário de uma festa ideal para todos os agentes que com ela se relacionam.

Ofertando à população o grande evento, aos visitantes a festividade mais íntima, atinge-se o ideal criado por esse público para sua vivência na festa, mesmo que as ações da organização, pautadas nas especificidades de consumo, sejam contrárias.

Como a avaliação do São João arcoverdense parece ser positiva para os grupos que nela circulam, para o poder público ela também se torna uma festa ideal.

CONCLUSÃO

Finalizar um estudo não significa seu esgotamento, principalmente se estudamos festas populares no nordeste brasileiro. Aqui concluo apenas um olhar dado acerca do São João de Arcoverde, a partir de seu estabelecimento enquanto produto turístico. Como toda cidade de interior, Arcoverde celebra também o entusiasmo que seu festejo provoca em seus participantes. Há uma múltipla celebração: exaltação aos santos juninos, consagração à colheita realizada no período, elogio ao consumo durante o evento, glorificação à vinda de tantos visitantes, de tantas localidades, valorização contínua das manifestações culturais locais, sucesso da gestão municipal na organização e realização do evento, entre outras, que, mesmo com valores e significações distintas, terminam por compor o quadro que expressa como está o festejo junino em Arcoverde diante dos inúmeros posicionamentos que uma festa popular tem que tomar na contemporaneidade, vista como híbrida, múltipla, com algumas desconexões e interconexões.

Compreender a configuração atual do festejo junino em Arcoverde foi a tônica dessa dissertação. Contudo, o campo possibilitou ir além, pois, para entender a festa no presente, foi necessário averiguar sua trajetória e prognosticar seu futuro. Acompanhando seu desenvolvimento, temi que seu São João se transformasse em um mero evento turístico, esvaído de seu significado fundador, como acontece em outros festejos juninos relatados nas várias etnografias que tive acesso. Percebi, entretanto, que a festa a cada ano está sempre se reconfigurando a partir de seus velhos e novos conteúdos. Até o momento Arcoverde tem conseguido harmonizar os elementos antigos aos atuais, incluindo o turismo. Essa dimensão ajudou a construir a identidade do festejo, que se mostra bem diversa, utilizando os elementos das outras festas para compor o cenário de uma festa grande para os residentes da cidade, pois a comparam com suas festas do passado, notadamente, familiares; e pequena para os visitantes, pois a comparam aos outros festejos juninos como os de Caruaru e Campina Grande, acompanhados de multidões. Fica nítido que a construção do São João de Arcoverde se faz de opostos de significados. Os turistas gostam dele porque acham que ele preserva e é pequeno, enquanto a população gosta dele porque ele vem crescendo e mudando. Os grupos que participam da festa vêem-na e a significam de formas diferentes, mas ambos a avaliam positivamente. Ao longo dessa construção compreendi que não há uma configuração, mas configurações que se relacionam e se complementam para compor o ideal de festa junina para cada um de seus participantes.

Mudar a festa é que está lhe possibilitando marcar uma identidade específica. Nela, curiosamente, estão presentes as estratégias mais atuais para montar festas massivas (pólos, grandes atrações nacionais, que centralizam e descentralizam os grupos), todavia invocando para recobrir sua significação uma cultura local, vista como relacionada ao passado, ao pequeno e íntimo, ao imutável.

Ao que parece o turismo também está operando como um novo agente, junto com o Cordel do Fogo Encantado, para colocar Arcoverde no cenário cultural do Estado, desdobrando-se para o país. Como o São João já está relacionado a uma identidade do Nordeste, parece também ser suficiente para marcar uma identidade da cidade. Esse deslizamento, que engloba Arcoverde no Nordeste e ao mesmo tempo o diferencia, sugere que essa festa pode vir a ser o símbolo central para definir sua identidade, em conjunto com o samba de coco e a poesia popular dos cordéis, presentes durante o evento, sejam nos pólos, na presença de seus representantes na programação ou na temática que conduz o festejo.

Ao elencar o poder público municipal, os moradores locais e os visitantes como agentes diretos do processo de construção da festividade junina em Arcoverde, desejei estabelecer suas contribuições no estado atual do evento e compreender como se dão as interrelações desses agentes, afinal é mister elucidar como a participação e o usufruto do evento interferem na forma de delimitar e avaliar o São João Arcoverdense. Apesar da pouca participação da comunidade local no planejamento do evento, é visível sua apropriação por parte de seus citadinos.

Para os moradores locais, a festa é um momento ímpar dentro de seu cotidiano. Estabelece-se como um período de mudanças na rotina, de reforço dos laços sociais, já que há uma maior possibilidade de encontros e também o retorno dos migrantes à terra natal. Não se conforma como uma quebra total das atividades rotineiras, há uma frouxidão em alguma delas e um acúmulo de outras tantas, juntando trabalho e diversão. O formato da festa determinado pela prefeitura agrada sua população que enxerga as modificações realizadas no festejo como positivas, o que pode justificar a compreensão variada que ela tem sobre o seu São João ser uma festa tradicional. Foi unânime a afirmação de que a festividade junina de Arcoverde é tradicional. Notei que, para essa população, esse *status* é importante, mesmo que o entendimento do que seja tradicional não seja uníssono. Foi interessante observar que, para alguns, o fato de o São João ter crescido e estar recebendo turistas, como outras festas juninas de mais prestígio e projeção, tornou-o tradicional, concebendo essa categoria na contramão dos estudos que colocam a tradição relacionada à manutenção de práticas e valores do

passado. A importância de possuir a qualidade de tradicional o faz igual aos demais festejos e possuidor dos elementos que o caracterizam enquanto uma festa do período junino. Curiosamente, tradição, sempre polissêmico, adquire o sentido de homogeneizar, ao contrário do uso mais freqüente de conferir distinção.

A população aceita a presença dos visitantes e a coloca como co-responsável pela nova roupagem do evento na cidade. O relacionamento instituído pelos residentes e pelos turistas durante a folia é bastante harmonioso, afinal ambos desejam o mesmo, divertir-se. A comunidade local vê no turismo uma possibilidade de entrada de divisas, gerando trabalho e renda, como proclamada pelas instituições que colocam a atividade turística como uma bênção. Margarita Barretto (2007, p.44) justifica que "na atualidade já não parece caber a discussão – muito comum na década de 1970 – de se o turismo é uma bênção ou uma maldição". Como ainda o turismo institucionalizado, com a presença de grandes operadoras ofertando a festa em pacotes turísticos, não se estabeleceu em Arcoverde, não se consegue visualizar ainda a pressão que o mercado turístico demanda em padronizar os produtos e serviços, além de buscar sua excelência de qualidade que muitas vezes vai de encontro às práticas culturais locais. Assim sendo, o turismo que acontece em Arcoverde foge aos padrões do turismo de massa, esse, sim, visto como uma maldição, justificada pelos inúmeros estudos da área que relatam os impactos negativos que a atividade traz. Creio, contudo, que se certas características forem mantidas no município e em sua festa, se o desenvolvimento urbanístico e o melhoramento dos serviços turísticos, com o incremento dos setores hoteleiro e gastronômico – algumas das queixas dos visitantes entrevistados eram sobre esses serviços – não ocorram de forma satisfatória nos próximos anos, o turismo de massa não acontecerá, já que seu público costuma viajar somente a lugares que possam garantir produtos e serviços parecidos com os dos grandes centros emissores, gerando um sentimento ao turista de segurança e familiaridade[23]. Notei ainda que a relação entre visitantes e visitados se constrói positivamente porque, através da escolha e da valorização da festividade arcoverdense por parte dos turistas, há um reconhecimento que auxilia na fortificação da auto-estima dos moradores locais e de seus atributos culturais, gerando orgulho das manifestações culturais específicas da cidade e do próprio formato da festa.

[23] O turismo de massa não se caracteriza somente por esse aspecto, mas ele é bastante significativo para os operadores turísticos que formulam os pacotes, pois, dessa forma, vendem aquilo que podem assegurar dentro dos padrões de qualidade estipulados pelo setor.

Os visitantes também aprovam o formato do evento, mesmo que alguns já demonstrem um certo receio que seu crescimento possa desvirtuá-lo. Não são tão unânimes como os moradores em denominar a festa como tradicional, no entanto assim a classificam porque a cultura local é bastante presente em toda a grade de programação do São João arcoverdense. Sem as manifestações culturas locais a festa seria como outra qualquer, pois seu formato segue o dos megaeventos juninos. Esse predicado os fazem julgá-la como autêntica. A autenticidade da festa se confunde com o sentido que eles dão à tradição. Sendo tradicional, mantendo os aspectos da cultura local, a festa também se conforma como autêntica, porque preserva seu diferencial. Esse diferencial motiva a viagem dos turistas ao município.

É relevante destacar que os visitantes que procuram Arcoverde não possuem a mesma motivação. No trabalho de campo, pude acompanhar dois grupos de visitantes buscando vivências diferenciadas no festejo. Os visitantes do entorno de Arcoverde – os turistas de perto – procuram na festa as grandes atrações, freqüentando, essencialmente, o palco principal, semelhante aos moradores locais[24]. Eles afirmam gostar das manifestações locais, todavia não é isso que os motiva a ir a Arcoverde, diferentemente dos visitantes de Região Metropolitana do Recife – os turistas de longe, maioria no número de visitantes que o município recebe durante o evento.

Com essas constatações, percebi como é difícil o trabalho do gestor do evento que, tendo público com buscas distintas, precisa montar a festa com essas disputas em mente, para assim não desprivilegiar nenhum grupo participante. O consumo dos diferentes grupos da festa contribui para sua formatação atual. A política dos pólos facilita a organização do festejo, pois consegue gerar um espaço que se identifique mais com cada um dos públicos presentes na folia, não gerando um confronto direto de interesses e ciente dessa realidade, o poder público municipal mantém as manifestações locais para caracterizar e diferenciar a festividade, ao mesmo tempo em que traz os artistas nacionais, porque assim consegue entrar e permanecer no circuito comercial das festas juninas do Nordeste.

O prolongamento do estudo pode suscitar possíveis vieses de aprofundamento ou redirecionamento da pesquisa. O impacto que a vivência no São João em Arcoverde traz ao visitante, verificando as mudanças em suas práticas e também no modo de entender o que é uma festa junina, pode originar uma outra perspectiva nos estudos dos impactos socioculturais

[24] Os moradores locais também freqüentam outros pólos e assistem aos artistas locais, mas, para eles, a festa se diferencia pelas atrações nacionais que a programação do Pólo Principal da Praça da Bandeira abarca, compreensível já que os artistas locais eles podem ver em outro momento na cidade.

da atividade turística. Como para alguns dos visitantes entrevistados Arcoverde é o ideal de festa junina, esse imaginário pode se conformar como um modelo de evento junino, sendo adotado por outras localidades. A bibliografia sobre os impactos causados pelo turismo privilegia a compreensão apenas dos conflitos gerados no espaço e nos anfitriões onde a prática turística é realizada, dos destinos receptores e nunca nos destinos emissores.

É interessante também lançar um olhar mais criterioso na inserção do São João de Arcoverde no circuito midiático e suas conseqüências para a dinâmica do festejo e de seus agentes. Quando a festa se firma como um produto, com uma clara função mercadológica, observa-se que, além das entidades públicas envolvidas em sua organização e gestão, as empresas privadas também influenciaram na conformação desse evento. Em Arcoverde a apropriação por partes dessas empresas privadas – patrocinadoras – do universo simbólico dos festejos juninos começa a aparecer quando se utilizam desse universo como estratégia de marketing, norteando suas ações de publicidade e propaganda. Compreender esse movimento se faz extremamente relevante na discussão das festas populares na contemporaneidade.

A partir da identificação dos diferentes tipos de visitantes, os turistas de perto e os turistas de longe, torna-se pertinente conhecer melhor esse público, diferenciando seus anseios e posturas de consumo diante do festejo. Já que a festa para o município é visualizada enquanto política pública, sua gestão necessita reunir o máximo de informações para assim pensar o São João da diversidade.

Além dos tópicos acima, a pesquisa pode ainda se desdobrar na compreensão do uso do termo multicultural, adotado em Arcoverde enquanto modelo de evento, sem a devida discussão sobre o seu significado. Percebe-se que esse uso é pautado na compreensão da festa enquanto diversa, múltipla, já que há diferentes pólos e atrações dividindo o mesmo espaço. A comparação com outros eventos como o Carnaval e São João do Recife pode nos dar pistas da relação de espelho e trocas que existe entre as localidades que ajustam suas festas populares ao seu consumo turístico.

Pensando no futuro e na continuidade do festejo, diante das mudanças de cenário das festas juninas nordestinas, é interessante estar atento aos caminhos que o São João de Arcoverde vai seguir. As posturas adotadas por outras festas vistas como referência, tal Caruaru, que anunciou na imprensa, baseada numa pesquisa, um retorno às práticas entendidas por eles como mais tradicionais, terminam levantando questionamentos pertinentes para a construção das outras festividades juninas, entre elas a de Arcoverde.

Todos esses arremates conclusivos me levaram a pensar na contribuição desse estudo para a antropologia, ciência secular que encontra na atualidade novo vigor. Diante de tantas imprecisões – mesmo a ciência se fazendo de precisões – a antropologia ganha novas perspectivas de método e objeto. Ao assumir diferentes posições para compreender e interpretar o fenômeno festivo mostrei que, havendo um leque de variáveis interferindo na conjuntura a ser estudada – próprias da contemporaneidade, o antropólogo tem que estar disposto também a se colocar de formas múltiplas para assim tentar cercar, por todos os ângulos e arestas, a situação em foco. Na realidade, percebi que nem assim damos conta da circunstância atual, contudo consigo reunir um número maior de considerações que podem me fazer enxergar melhor o que se sucede.

Ao analisar o turismo através do conhecimento antropológico e usar de sua metodologia para compreender dado fenômeno, contribuo também para encorpar a turismologia, estudo da atividade turística com *status* de ciência a partir do conjunto de pesquisas realizadas pelas diversas áreas científicas como a geografia, história, economia, sociologia e a própria antropologia, entre outras. Defendo, portanto, que a antropologia, devido a seu abarque teórico e epistemológico, consegue dar conta de muitos dos aspectos examinados por essas outras ciências, já que compreendo a antropologia pesquisando o contexto cultural de determinada sociedade composta por todas as áreas citadas acima.

Desse modo, tento cumprir meu papel de turismóloga e futura antropóloga ao entrecruzar seus domínios conceituais nessa dissertação, conduzindo a discussão sobre festas populares como objeto privilegiado para pensar turismo, tradição, autenticidade e consumo através da antropologia.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marta. **O império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ALBERNAZ, Lady Selma. **O "Urrou" do boi em Atenas**: instituições, experiências e influências culturais e identidade no Maranhão. 2004. 346f. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira:** sentidos do festejar no país que "não é sério". Virtual Books, Disponível em publicação eletrônica: <http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html> Acesso em: 07 de abril de 2008 às 11h30

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas**: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996.

ARAÚJO, Silvana Miceli de. **Artifício e autenticidade**: o turismo como experiência antropológica. IN: BANDUCCI JR, Álvaro, BARRETTO, Margarita (orgs.) Turismo e Identidade Local: uma visão antropológica. 5.ed. Campinas: Papirus, 2001.

ASPECTOS ECONÔMICOS.<,http://www.arcoverde.pe.gov.br/WebSiteArcoverde/aspectos_eco/aspectos_ecomonicos.htm> Acesso em: 01 fev de 2009 às 10h

BAKHTIN, Mikhail. M. **A cultura popular na Idade Média e Renascimento**: o contexto de François Rebelais. São Paulo/Brasília: HUCITEC/UNB, 1987.

BALANDIER, Georges. **A desordem**: elogio do movimento. Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARRETTO, Margarita. **Cultura e Turismo**: Discussões contemporâneas. Campinas: Papirus, 2007.

_____. **Os museus e a autenticidade do turismo**. Revista Itinerarium v.1 2008 Departamento de Turismo e Patrimônio – Escola de Museologia – Centro de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/itinerarium> Acesso em: 19 de maio de 2009.

_____. **Planejamento Responsável do Turismo**. Campinas: Papirus, 2005.

_____. **Relações entre Visitantes e Visitados**: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. In: **Turismo em Análise**. Publicação do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - vol.15, n.1 (2004 – São Paulo CRP/ECA/USP: Aleph, Nov 2004. ISSN 0103-5541

BEZERRA, Amélia Cristina Alves. **Festa e cidade**: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, N.23, p.7-18, JAN/JUN de 2008.

BORNHEIN, Gerd. O Conceito de Tradição. In: BORNHEIN, Gerd et all. **Cultura Brasileira**: tradição e contradição. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1987.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BORNHEIN, Gerd et all. **Cultura Brasileira**: tradição e contradição. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.

BUENO, Marielys Sirqueira. Festa dos Santos Reis: uma forma de hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira.(orgs). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

BURNS, Peter M. **Turismo e Antropologia**: uma introdução. Tradução de Deyse Batista. São Paulo: Chronos, 2002.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

_____. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1997.

CARVALHO, José Jorge de. **Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras**: de patrimônio cultural a indústria do entretenimento. In: **Celebrações e saberes da cultura**

popular: pesquisa inventário, crítica, perspectivas. Cecília Londres (et al), Rio de janeiro, Funarte, IPHAN, CNFCP, 2004.

_____. **O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna.** In: SEMINÁRIO FOLCLORE E CULTURA POPULAR - Série encontros e estudos. Rio de Janeiro: Funarte, 2000.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval carioca**: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: FUNARTE, UFRJ, 1994.

CAVIGNAC, Julie. Bibliografia atualizada sobre a festa. **Vivência**, Natal, v.13, p.187-197, jan/jun. 1999.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A festa do interior**: migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal: EDUFRN, 2006.

COOPER, Chris; ET AL. **Turismo**: Princípios e Práticas. Tradução de Alexandre Salvaterra. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

COSTA, Maria das Graças Vanderlei da. **Os Caretas de Triunfo:** a força da brincadeira. 2007.179f. Dissertação. (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. 1.ed. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE CERTEAU. Michel. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. 3.ed. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes do Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEMO. Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1983.

FARIAS, Edson. **O desfile e a cidade**: O carnaval-espetáculo carioca. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

FUNDAÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PERNAMBUCO / FIDEPE. **Arcoverde**. Recife, 1982.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Meu Negócio é Turismo**. Rio de Janeiro, 2000.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-industrial. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização Reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1997.

GUARINELLO. Norberto Luiz. **Festa, Trabalho e Cotidiano**. IN: JANCSÓ, István, KANTOR, Iris (orgs.) Festa: cultura & sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Hucitec, EDUSP, FAPESP, Imprensa Oficial, v.2, 2001.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo **Turismo e etnicidade**. Horizontes Antropológicos, 2003, vol.9, n. 20, ISSN 0104-7183.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOBSBAWM, Eric; RANGER. Terence**. A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LIMA, Ana Paula Campos. **Sertão alumiado pelo fogo do cordel encantado**. Recife: Comunigraf, 2005.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A Fábrica dos Sonhos**: a invenção da festa junina no espaço urbano. João Pessoa: Idéia, 2002.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **A festa Junina em Campina Grande-PB**: uma estratégica de folkmarketing. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

MAPA DE ARCOVERDE. http://maps.google.com.br/maps?sourceid =navclient&rlz= 1T4SUNAenBR292BR293&q=Arcoverde+pernambuco&um=1&ie=UTF-8&split=0& gl=br&ei=VX3sSf2WFMb JtgeB8On WBQ&sa=X&oi=geocode _result&ct=title&resnum=1. Acesso em 22 de abril de 2009 às 11h. il color

MAPA DE ARCOVERDE. http://www.ibge.gov.br/cidadesat /painel/painel.php? codmun=260120. Acesso em: 22 de abril de 2009 às 11h20.il color

MARTIN-BARBERO, Jesus**. Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MELO, Bruno Almeida de. Turismo e Antropologia: uma aproximação possível, In: **Turismo em Análise.** Publicação do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - vol.15, n.2 (2004 – São Paulo CRP/ECA/USP: Aleph, Maio 2004. ISSN 0103-5541 . p.5-12

MELO, José Marques de. **As festas populares como processos comunicacionais**: roteiro para seu inventário, no limiar do século XXI. Vivência, Natal, v.13, p.173-186, jan/jun. 1999.

MENEZES NETO, Hugo. **O Balancê no Arraial da Capital:** quadrilha e tradição no São João do Recife. 2008. 156f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MEYER, Marlyse. **Caminhos do imaginário do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1993.

MIRA, Maria Celeste. As festas populares paulistas na era do entretenimento de massa. In: **Projeto História**: revista do Programa de estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, nº28, Jun/2004. P. 425-440.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MOLINA, Sergio; RODRIGUES, Sergio. **Planejamento integral do turismo**: um enfoque para a América Latina. Tradução de Carlos Valero. Bauru: EDUSC, 2001.

MORIGI, Valdir José. **Narrativas do encantamento**: o maior São João do mundo, mídia e cultura regional. Porto Alegre: Armazém Digital, 2007.

MOURA, Antonio de Paiva. Turismo e festas folclóricas no Brasil IN: FUNARI, Pedro Paulo, PINSKY, Jaime (orgs.) **Turismo e Patrimônio Cultural**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

OMT. **Turismo Internacional**: uma perspectiva global.tradução de Roberto Cataldo Costa. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

_____. **Introdução ao Turismo**. 1.ed. São Paulo: Roca, 2001.

PEARCE, Philip L. A relação entre os residentes e turistas: literatura sobre pesquisas e diretrizes de gestão. In: THEOBALD, William F. (org.). **Turismo Global**. 2.ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da etnografia**. Brasília: 1992. serie antropológica, n.130. pdf. Disponível em: <www.unb.br/ics/dam/serie130empdf.pdf> Acesso em: 13 de abril de 2007 às 17h.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PETROCCHI, Mario. **Gestão de pólos turísticos**. São Paulo: Futura, 2001.

PISCITELLI, Adriana **Exotismo e autenticidade**: relatos de viajantes à procura de sexo. Cadernos Pagu, [s.l] 2002, vol., n. 19, ISSN 0104-8333**.**

PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense

RIVIERE, Claude. **Introdução à antropologia**. Lisboa: Edições 70, 1995.

ROSA, Maria Cristina. **Festa, Lazer e Cultura**. Campinas: Papirus, 2002.

SAMBA DE COCO RAÍZES DE ARCOVERDE. <http://www.musicadepernambuco.pe.gov.br/release.php?idArtista=2> Acesso em: 04 de abril de 2009 às 17h30

SILVA. Nadilson M. da. **Comercialização e produtos culturais**: pontos para reflexão. In: **Estudos de Sociologia**. Revista do PPGS da UFPE, vol.11, nº1, 2.

SIMÕES, Maria Carolina de Miranda. **Desenvolvimento local na cidade de Cassilândia**: A festa do peão de boiadeiro e a construção d identidade e do sentimento de pertença. 2007. 118f. Dissertação. (Mestrado em Desenvolvimento Local) Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2007.

SOUZA, Heron F.; CASTRO, Jânio Roque Barros de. **Os festejos juninos na cidade de Amargosa-BA:** Um análise da ressignificação da festa e do fomento a atividade turística. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, III, 2007, Salvador. **Anais eletrônico**. Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/ enecult2007/HeronSouza_ JanioBarrosdeCastro.pdf>. Acesso em: 06 maio 2009 às 14h30.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

URRY, John. **O olhar do turista:** lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 3.ed. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

WOLF, Eric. **Antropologia e poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora Unicamp, 2003.

APÊNDICE A

Entrevista semi-estruturada com os moradores locais No. _____

Data: _____

Entrevistado: _____

Idade:_____ Profissão:_____

Escolaridade:_____Renda:_____

1. Fale um pouco da história da festa. Você acha que a festa é tradicional? Por quê? O que é uma festa tradicional?

2. Você acha que houve mudança na festa? Se houve mudança como você avalia?

3. O que você sabe sobre a organização da festa? Fale-me um pouco sobre isso.

4. Você participa da organização da festa? Como você participa? A população participa? Como isso ocorre?

5. O que você sabe da programação da festa (quanto às atrações)? Como você fica sabendo dessa programação?

6. Você sabe como essa programação é feita? Você participa dessas decisões? Como você participa?

7. O que você acha dessa programação? Você teria alguma proposta para programações? Por quê? Você acha que a programação está de acordo com a tradição? Por quê?

8. Como você começou a participar da festa de São João?

9. Como costuma ir à festa? Sozinho, com amigos, família, namorada...

10. Vai à festa todos os dias? Por quê?

11. Quais lugares você freqüenta durante a festa? Por quê? Como toma conhecimento deles? E os pólos, quais vc freqüenta? Por quê?

12. Na festa o que vc mais gosta? E do que você gosta menos?

13. Seu cotidiano muda na época da festa? Como é essa mudança? O que faz de diferente? Você gosta dessa mudança?

14. Vêm turistas para esta festa? Quando eles começaram a vir (estimativa em anos)? Esta participação de turistas tem aumentado? Você sabe de onde eles são? A maioria vem de onde? O que você acha da presença dos turistas?

15. Você acha que a presença de turistas contribui para a festa? Como é na sua visão esta contribuição?

16. Você já conheceu algum turista? O que achou dessa experiência?

17. Você já alugou casa para turista? Como isso aconteceu? Recebe parentes e amigos em sua casa durante a festa? Se visita mais no são João u no fim de ano?

18. Em poucas palavras como você definiria a festa de Arcoverde?

19. Por fim, acha o São João de Arcoverde uma festa autêntica? Por quê?

APÊNDICE B

Entrevista semi-estruturada com os visitantes No. _____

Data: _____

Entrevistado: _____

Idade:_____ Profissão:_____

Escolaridade:_____Renda:_____

1. Qual sua origem, veio de qual cidade?

2. Costuma brincar o São João? Desde quando? Onde?

3. Qual seria, então, o seu ideal de festa de São João?

4. É a primeira vez no São João de Arcoverde? Se não, quantas vezes já veio?

5. Onde está hospedado? Por que você escolheu este tipo de hospedagem? Você se importa em dizer quanto pagou?

6. Utilizou que meio de transporte? Por quê?

7. Veio com quem, quantas pessoas? Como se formou esse grupo?

8. Quanto tempo vai permanecer na cidade? Daqui vai para outra cidade ou volta para sua cidade de origem?

9. Como tomou conhecimento da festa em Arcoverde?

10. Por que você escolheu Arcoverde? (se os amigos não viessem, vc viria assim mesmo?)

11. Como você definiria a festa de Arcoverde? Você acha que a festa é tradicional? Por quê? O que é tradicional para você?

12. Qual o diferencial da festa de Arcoverde?

13. Que lugares você freqüenta durante a festa? Por quê?

14. Como você fica sabendo desses lugares? Como você escolhe os lugares que você vai? Com quem você vai? A decisão é do grupo, ou é sua? Por que você vai para estes lugares?

15. (se não tiver mencionado os pólos na resposta anterior perguntar primeiro, você sabe que a prefeitura organiza os pólos? Quais são os pólos que você tomou conhecimento) Como você avalia a programação dos pólos feita pela prefeitura? Você teria sugestões para esta programação? Quais? Por quê?

16. Você vai a eventos fora da cidade? Por quê? Como você toma conhecimento desses eventos? (nesse caso se vai para festas em sítios, ou na zona rural)
17. O que está achando da festa desse ano?

18. O que mais gostou e o que menos gostou?

19. Viria novamente ano que vem?

20. Como você definiria em poucas palavras a festa de Arcoverde?

21. O que você acha da infra-estrutura da cidade? Oferta de serviços para comida, oferta de serviços de hospedagem, oferta de serviços de transporte e que sugestões a pessoa faria para resolver os problemas que ela apontar.

22. Por fim, acha o São João de Arcoverde uma festa autêntica? Por quê?

APÊNDICE C

Entrevista semi estruturada com o poder público municipal – gestor da festa

Data: _____

Entrevistado: Albérico Pacheco

Idade:_____ Cargo:_____

1. Fale um pouco da história da festa. Você a considera uma festa tradicional? Por quê? O que é uma festa tradicional para você? E autêntica? Você a julgaria como uma festa autêntica? Por quê? Como a prefeitura pensa a festa? Qual o ideal de festa pra Arcoverde?

2. Quais as novidades que a festa de 2008 teve? Como você avalia essas novidades? Por que o uso de temas para a festa? Avaliação desse ano. Porque o uso do termo multicultural?

3. Como se dá a organização da festa? Quais os parceiros e quais suas funções? Qual o papel da publikimagem? A população participa de alguma forma da organização da festa° E os patrocinadores?

4. Como é elaborada a programação? Quem escolhe as atrações? Quando vocês fecham as atrações? Como foi a divulgação da programação? A população participa dessas escolhas de alguma forma? Como foi a avaliação feita da programação?Julga que a programação está de acordo com a tradição da festa? Por quê? E os artistas locais?

5. Qual a intenção da divisão da festa em pólos? Qual o histórico dos pólos? Como uma localidade se transforma em pólo? Qual a avaliação dos pólos esse ano? E a Budega da Poesia? Haverá mudanças na estrutura dos pólos ano que vem?

6. Como foi a divulgação da festa esse ano? Quais os veículos utilizados? Onde foi feita essa divulgação (quais cidades)? Sobre as coberturas das TV formais, qual a avaliação? E sobre a TVLW?

7. Já está estimado o número de visitantes na cidade durante a festa? De onde vieram? E as pesquisas da EMPETUR? Qual a visão da prefeitura sobre essa ação? E sobre o Box de informações turísticas?

8. Sobre a infra-estrutura turística: como a cidade se preparou para receber os visitantes? Qual a avaliação dos meios de hospedagem? E o cadastro das casas? Funcionou bem? E os serviços de alimentação? Comércio e serviço em geral? Sobre as barracas, quam pode colocar? Quanto paga? Vocês determinam o que está na barraca ou é livre?

9. Quais são as principais vantagens para a cidade da realização da festa? E para o setor público? Quais os planos para os próximos anos?